

# **Dos palcos da Escola para os palcos da vida: A Expressão Dramática em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório de Estágio

Carolina Miranda Pereira de Medeiros

Educação Pré-Escolar e Ensino



Ponta Delgada  
2021

# **Dos palcos da Escola para os palcos da vida: A Expressão Dramática em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório de Estágio

Carolina Miranda Pereira de Medeiros

## **Orientador**

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



*“O fim da arte inferior é agradar,  
O fim da arte média é elevar  
O fim da arte superior é libertar”.*

Fernando Pessoa



## **Agradecimentos**

Neste momento em que um ciclo se encerra, estou grata por todos aqueles que de uma forma ou de outra me acompanharam nesta longa caminhada, contribuindo para que eu aqui chegasse.

Em primeiro lugar, tenho que agradecer aos meus Pais, que nunca me deixaram desistir, motivando-me não só através de palavras, mas sobretudo por gestos que não conseguem por elas ser expressos. Eles são o mais importante de tudo! Mãe, por seres o meu mais que tudo, o pilar da minha vida e a minha inspiração, todos os dias. Obrigada pelo teu amor e carinho! Pai, por seres a minha motivação, a minha força e a voz da consciência, todos os dias. Obrigado pela dedicação e amor com que me criaste! Sem vós, esta conquista não seria possível.

À minha irmã, que mesmo longe sempre se preocupou, aconselhou e auxiliou nos momentos mais decisivos, enquanto festejou nos mais vitoriosos. Agradeço-te do fundo do meu coração por seres a irmã que és.

A todos aqueles que fizeram parte do meu percurso académico na Universidade do Açores, enquanto amigos, colegas e professores, obrigada pela partilha, pelo carinho, motivação, boa disposição, paciência e valorização.

Uma palavra especial para a minha amiga e colega de estágio Ana Beatriz. Foste o meu Norte, um pilar de companheirismo, apoio e amizade, ao longo do nosso curso e das nossas vidas nestes 5 anos. Obrigada de coração!

A todos os meus amigos que me acompanharam nos bons e nos maus momentos desta caminhada, a vossa amizade, carinho, atenção e disponibilidade foram fundamentais. Vocês sabem quem são.

Neste nosso longo percurso existem pessoas muito especiais, que não só me moldaram e inspiraram, como foram fonte de carinho, motivação e exemplo. Às Educadoras e Professoras cooperantes o meu obrigada! Agradeço a todas as crianças com quem tive o privilégio de conhecer e o prazer de trabalhar ao longo de todo este percurso académico. Guardo um bocadinho de todas no meu coração. Sem elas este trabalho não seria possível. Por vós sou melhor educadora e melhor pessoa.

Por fim, ao Prof. Doutor Adolfo Fialho, que esteve sempre ao meu lado nesta peça de teatro, acompanhada de muita boa disposição, motivação, paciência e sobretudo dedicação. A minha gratidão é eterna!

Obrigada a todos, por tudo!

## Resumo

O presente Relatório tem como principal propósito apresentar, analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito das unidades curriculares de Estágios Pedagógicos I e II, no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, os quais fazem parte do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade dos Açores.

Para além destas práticas pedagógicas, paralelamente à nossa análise e reflexão acerca práticas pedagógicas desenvolvidas, debruçamo-nos num tema que é pouco abordado, considerando que este deve ser valorizado, apostamos na área da Expressão Dramática. Nesta linha de pensamento, intitulamos o presente Relatório de *Dos palcos da Escola para os palcos da vida: A Expressão Dramática em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

De forma a enriquecer e desenvolver as nossas reflexões, apresentamos também um estudo empírico, no qual procuramos compreender as principais perceções e preocupações dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, acerca do papel das Expressões Artísticas no geral, como também do lugar do Jogo Dramático/Teatro e da Expressão Dramática nas suas práticas pedagógicas diárias. Para a realização deste estudo, procedemos à aplicação de um inquérito por questionário que foi bem recebido pelos Educadores/Professores da Região Autónoma dos Açores e da região de Portugal Continental, sendo que obtivemos uma amostra final de 250 inquiridos. Para além deste instrumento de recolha de dados, também recorreremos à análise documental, nomeadamente das nossas planificações e avaliações.

Concluimos que a Expressão Dramática é uma área de Expressão que nos apresenta um mundo rico em potencialidades, as quais não devemos desvalorizar. Vimos também que esta área já é trabalhada pela criança, mesmo que de forma indireta, logo após o seu nascimento. Neste mesmo sentido, o educador/professor deve ter a preocupação de explorar os mais variados conteúdos explorados nesta área, de forma que consigamos, todos juntos, mudar a ideia de que esta área é dispensável e desnecessária. A Expressão Dramática é sim a área que mais ajuda a criança a conhecer-se e a si e aos outros.

**Palavras-chave:** Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Estágio Pedagógico; Expressão Dramática.

***Abstract***

The main purpose of this Report is to present, analyze and reflect on the pedagogical practices developed within the curricular units of Pedagogical Internship I and II, in the context of the Masters in Pre-School and Elementary Education, taught at the University of the Azores.

In addition to presenting all our educational plan, we wanted to expand on a theme that we consider to be very relevant and that has been minimally explored and addressed in papers of this nature and that, to us, is fundamental to understanding the role of the Kindergarten and Elementary Educator that contributes to the development of the child.

In our work, "From the School Stage to the Stage of life: Dramatic Expression in the context of the internship in Pre-School and Elementary Education", our main purpose is to explore and understand the role and the place of Dramatic Expression in daily pedagogical practice, considering its importance in the child's process of expression and communication, in the knowledge of themselves, their relationship with others and with the world around them.

To enrich and enhance our experiences, we also present an empirical study, that was developed in parallel with our internships, in which we seek to understand the perceptions and opinions of Kindergarten and Elementary Teachers on the subject under analysis. To carry out this study, we administered a questionnaire to a sample of 250 teachers, almost all of them working in the Autonomous Region of the Azores.

We conclude that Dramatic Expression is a very rich curriculum area, whose exploration potential must accompany the child's entire life course, from birth to adulthood, although teachers acknowledge that they do not always give it the attention it deserves. This scenario is more evident in Elementary Education, where constraints such as the lack of time and resources, the difficulties of disinhibition on the part of children or the lack of specific training in this area are pointed out. Such constraints were aggravated by the Pandemic that took place during our internship which led to distance learning, an experience we also reflected on. Distance learning is not feasible to the development of relationships essential to the area of expression.

**Keywords:** Preschool Education; Elementary Education; Pedagogical Internship; Artistic Expressions; Dramatic Game; Dramatic Expression and Expression Supports.

## Índice Geral

<b>Agradecimentos</b> .....	iv
<b>Resumo</b> .....	iv
<b>Abstract</b> .....	iv
Índice de Figuras .....	viiiv
Índice de Tabelas .....	viii
Índice de Anexos .....	viii
Índice de Siglas e Abreviaturas .....	viii
<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>Capítulo I</b> .....	<b>15</b>
1. Quando a criança <i>faz de conta</i> : lugares de Expressão Dramática .....	18
1.1. As Expressões Artísticas na Infância .....	18
1.2. A Criança e a Expressão Dramática .....	24
1.2.1. O Jogo Dramático/Teatro na Educação de Infância .....	28
1.2.2. A Expressão e Educação Dramática no 1.º CEB .....	29
1.2.3. Do Jogo Simbólico ao Jogo Dramático .....	30
1.3. A Criança e os Suportes de Expressão .....	33
1.3.1. A criança e os Fantoches .....	33
1.3.2. A criança e as Máscaras .....	36
1.3.3. A criança e as Sombras Chinesas .....	37
1.4. O papel do Educador/Professor na exploração da Expressão Dramática .....	38
<b>Capítulo II</b> .....	<b>40</b>
2. Percurso Metodológico.....	42
2.1. Enquadramento do estudo .....	42
2.2. Instrumento de recolha de dados .....	42
2.2.1. O inquérito por questionário .....	43
2.2.1.1. Os participantes no estudo .....	44
2.2.1.2. Escolas/instituições, Expressões e suas relações .....	47
2.2.1.3. As crianças com quem os docentes trabalhavam .....	49
2.2.1.4. As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos docentes .....	50
2.2.1.5. O Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática na prática pedagógica diária .....	54

2.2.1.6. As Expressões Artísticas no ensino à distância .....	66
<b>Capítulo III .....</b>	<b>72</b>
3. Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar .....	74
3.1. Caracterização dos contextos .....	74
3.1.1. O Meio Envolvente .....	74
3.1.2. O Núcleo Escolar .....	75
3.1.3. A sala de atividades e a rotina .....	77
3.1.3.1. Organização do espaço .....	77
3.1.3.2. Organização da rotina diária .....	80
3.2. Caracterização do grupo de crianças .....	82
3.2.1. As necessidades do grupo de crianças .....	82
3.3. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar .....	84
3.3.1. A Expressão Dramática em contexto de estágio pedagógico .....	100
3.3.1.1. Os Fantoques e as histórias infantis .....	100
3.3.1.2. As Máscaras como suportes de expressão .....	106
3.3.1.3. Os Jogos Dramáticos na rotina diária .....	108
3.4. Em jeito de síntese .....	110
<b>Capítulo IV .....</b>	<b>112</b>
4. Práticas Educativas em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	114
<b>Primeiro momento – ensino à distância .....</b>	<b>116</b>
4.1. Caracterização dos Contextos .....	116
4.1.1. O Meio Envolvente .....	116
4.1.2. O Núcleo Escolar .....	117
4.1.3. Caracterização da sala e das rotinas .....	118
4.1.4. Caracterização dos alunos .....	120
4.1.5. As necessidades da turma .....	120
4.2. A Ação Educativa no contexto do 1.º CEB – ensino à distância .....	121
4.2.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico .....	131
4.2.1.1. A Expressão Dramática no ensino à distância .....	131
4.2.1.1.1. A Expressão Dramática e o conto .....	131

<b>Segundo momento – ensino presencial .....</b>	<b>135</b>
4.3. Caracterização dos Contextos .....	135
4.3.1. Caracterização da sala e das rotinas .....	135
4.3.1.1. A organização do espaço .....	135
4.3.1.2. A organização da rotina diária .....	136
4.3.2. Caracterização da turma .....	137
4.3.3. As necessidades da turma .....	138
4.4. A Ação Educativa no contexto do 1.º CEB – ensino presencial .....	139
4.4.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico .....	148
4.4.1.1. A Expressão Dramática no ensino presencial .....	148
4.4.1.1.1. Relaxamento/respiração com crianças .....	148
4.4.1.1.2. Jogo Dramático, no palco da escola .....	149
4.5. Em jeito de síntese .....	151
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>152</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>157</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>164</b>

## Índice de Figuras

**Figura 1** - Níveis de escolaridade em que lecionavam os participantes

**Figura 2** - Percentagem de participantes por tipo de estabelecimento de ensino

**Figura 3** - Número de crianças/alunos por grupo/turma

**Figura 4** - Percentagens de exploração das várias Expressões Artísticas

**Figura 5** - Contexto(s) pedagógico(s) em que se desenvolvem as atividades de Expressão Artística

**Figura 6** - Percentagem de atividades planificadas para a exploração Artística com a família

**Figura 7** - Exploração integrada o Jogo Dramático/Teatro na Educação Pré-Escolar

**Figura 8** - Percentagem de participantes que exploram de forma integrada a Expressão e Educação Dramática no 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Figura 9** - Abrangência das atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão e Educação Dramática por abrangência da comunidade educativa

**Figura 10** - Percentagem de atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão e Educação Dramática por abrangência da comunidade educativa

**Figura 11** - Percentagem de conteúdos e recursos usados no âmbito da Expressão e Educação Dramática

**Figura 12** - Opiniões sobre as competências desenvolvidas no âmbito do Jogo Dramático/Teatro e Expressão e Educação Dramática

**Figura 13** - Dificuldades reveladas na exploração de atividades dramáticas

**Figura 14** - Estratégias utilizadas pelos participantes para combater as dificuldades sentidas na leção da Expressão e Educação Dramática

**Figura 15** - Percentagem de leção das áreas da Expressão Artística exploradas pelos docentes durante a pandemia de Covid-19

**Figura 16** - Percentagem das atividades realizadas durante a leção *online* devido à pandemia de Covid-19

**Figura 17** - Frequência de cada uma das dificuldades sentidas pelos participantes na leção *online*

**Figura 18** - Planta da sala da Educação Pré-Escolar

**Figura 19** - O jogo dramático/Teatro no Estágio Pedagógico I – Eixos de Análise

**Figura 20** - Apresentação e exploração da história “Branca de Neve e os 7 anões”

**Figura 21** - Apresentação e exploração da história: “A festa da vaca Pamela”

**Figura 22** - Construção e exploração das máscaras

**Figura 23** - Exploração do Jogo: “O Rei Manda”

**Figura 24** - Visita do veterinário

**Figura 25** - Apresentação do conto: “A raposa mentirosa e o galo espertalhão”

**Figura 26** - Atividade de representação de diferentes animais, utilizando a técnica de sombras chinesas com as mãos

**Figura 27** - A Expressão Dramática no Estágio Pedagógico II - Eixos de Análise

**Figura 28** - Atividade de relaxamento/respiração

**Figura 29** - Jogo de Mímica

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1** - Localização e amostra da população inquirida

**Tabela 2** - Tempo de serviço dos participantes (frequências e percentagens)

**Tabela 3** - Idades dos alunos dos docentes inquiridos (frequências e percentagens)

**Tabela 4** - Frequências e percentagens do envolvimento familiar nas atividades de Expressões Artísticas

**Tabela 5** - Frequências e percentagens relativamente aos recursos existentes nas escolas

**Tabela 6** - Regularidade das atividades de Jogo Dramático/Teatro e Expressão e Educação Dramática

**Tabela 7** - Frequências e percentagens relativamente ao contexto de exploração do Jogo Dramático/Teatro e Expressão e Educação Dramática

**Tabela 8** - Síntese de atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

**Tabela 9** - Síntese de atividades desenvolvidas no primeiro momento do Estágio Pedagógico II

**Tabela 10** - Síntese de atividades desenvolvidas no segundo momento do Estágio Pedagógico II

## **Índice de Anexos**

**Anexo 1** - Guião do questionário para Educadores e Professores do 1.º CEB

## **Índice de Siglas e Abreviaturas**

**1.º CEB** - 1.º Ciclo do Ensino Básico

**OCEPE** - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

**PAA** - Plano Anual de Atividades

**PEE** - Projeto Educativo de Escola

**TEA** - Transtorno do Espectro do Autismo

**TIC** - Tecnologias de Informação e Comunicação

**CAP** - Concreto, Pictórico e Abstrato

**PDF** - *Portable Document Format*

# Introdução



## Introdução

O presente Relatório de Estágio, intitulado por *Dos palcos da Escola para os palcos da vida: A Expressão Dramática em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, surgiu no contexto das nossas práticas educativas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das unidades curriculares de *Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II*, decorrentes do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este documento remete-nos para a produção de um trabalho de natureza investigativa e reflexiva, composto por uma vertente de análise e reflexão acerca da nossa ação educativa e outra vertente de natureza empírica, com reforço na componente da investigação, sendo que ambas se interligam numa temática agregadora, a Expressão e Educação Dramática, que funcionará como elemento aglutinador de todas as nossas reflexões.

De uma forma geral, a escolha da temática do presente Relatório de Estágio surgiu devido ao facto de esta ser uma área ainda pouco explorada neste contexto, aspeto que entendemos necessário contrariar considerando que, infelizmente, também não é muito valorizada pelos docentes, comparativamente a outras áreas de conteúdo. É assim importante atentarmos que, tal como nos diz Reis (2005, referenciado por Amorim, 2014),

[a] expressão dramática ajuda a criança a conhecer-se, a conhecer o meio circundante, a conhecer os outros: no plano intelectual, provoca e explora as percepções, desenvolve e estimula a imaginação; no plano afectivo, permite utilizar a energia libertada pelas emoções, liberta e controla as reacções emotivas; no plano físico, utiliza e coordena actividade motora, exterioriza e harmoniza as relações sensório-motoras; na prática teatral, através dos jogos de expressão dramática, as aquisições cognitivas, sensoriais, afectivas e motoras são indissociáveis (p. 19).

Antes de colocarmos em prática o nosso projeto, foi essencial delinear alguns intentos a alcançar em ambas as práticas educativas, de forma clara e exigente, uma vez que estes foram insubstituíveis no desenvolvimento de todo o processo. Neste sentido, definimos um conjunto de objetivos que se repartiram entre o cumprimento das principais etapas e vertentes da nossa ação educativa, no contexto dos nossos estágios pedagógicos, e os nossos interesses de investigação, baseados na compreensão do papel e do lugar da

Expressão Dramática nas rotinas pedagógicas diárias de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do ensino Básico, potencialmente inspiradoras para nós, considerando a condição em que nos encontrávamos. Chegámos assim ao seguinte conjunto de objetivos:

- 1) Observar os contextos onde se desenvolverão os nossos estágios pedagógicos tanto na Educação Pré-Escolar, como no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com vista a compreender as necessidades e dificuldades das crianças/alunos, bem como as suas potencialidades e interesses, por forma a desenvolvermos uma ação educativa que lhes seja adequada;
- 2) Planificar sequências didáticas que contenham conteúdos referentes à Educação Pré-Escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e que sejam apropriados ao contexto escolar em que nos inserimos e movemos;
- 3) Intervir em contexto educativo, mobilizando estratégias adequadas e diversificadas, capazes de convocarem o currículo, responderem às necessidades das crianças e mobilizarem experiências de aprendizagem que sejam significativas e relevantes para elas;
- 4) Avaliar todo o trabalho realizado pelas crianças e pelos alunos, por forma a combater as suas dificuldades e adequar a nossa ação educativa às suas reais necessidades;
- 5) Refletir sobre as práticas educativas realizadas nos estágios pedagógicos, de forma objetiva e consciente, de modo a identificarmos potencialidades, bem como aspetos a melhorar em intervenções futuras;
- 6) Explorar o potencial pedagógico e didático do Jogo Dramático/ Teatro e da Expressão Dramática como áreas promotoras da expressão, comunicação e socialização das crianças/alunos e enquanto elementos motivadores para outras aprendizagens;
- 7) Investigar as conceções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da importância da Expressão Dramática no contexto educacional;
- 8) Identificar exemplos de boas práticas, relatados por Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no contexto específico da sua exploração quotidiana da Expressão Dramática, potencialmente inspiradoras para a nossa ação educativa, atual e futura.

Após a apresentação dos objetivos que nortearam o nosso percurso, é importante referirmos que o presente Relatório de Estágio se encontra dividido em quatro partes. O primeiro Capítulo é destinado à fundamentação e ao aprofundamento da temática que entendemos realçar; o segundo Capítulo diz respeito ao estudo empírico realizado em torno da nossa problemática; o terceiro Capítulo dedica-se à apresentação, análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvida em contexto do estágio desenvolvido na Educação Pré-Escolar e o quarto Capítulo, assumindo características idênticas ao anterior, debruçar-se-á em torno da ação educativa que desenvolvemos. É semelhante, porém destinado ao estágio realizado no contexto do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Nesta linha de pensamento, no primeiro Capítulo faremos uma abordagem às Expressões Artísticas na infância, passando em seguida para uma abordagem mais específica à área da Expressão Dramática, na qual exploramos esta área no contexto da Educação Pré-Escolar e também no contexto do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ainda no âmbito desta área, abordaremos os fundamentos pedagógicos do *Jogo Simbólico* e do *Jogo Dramático*, na perspetiva da sua importância no desenvolvimento das competências dramáticas das crianças, por serem conceitos que entendemos incontornáveis neste processo. Em seguida, é apresentado um ponto que se dedica aos *Suportes de Expressão*, mais concretamente aos *Fantoches*, às *Máscaras* e às *Sombras Chinesas*. Por fim, mas não menos importante, focamo-nos no papel do Educador/Professor na exploração da Expressão Dramática, bem como na importância por ele assumida em benefício das aprendizagens das crianças.

No segundo Capítulo, é apresentado o nosso estudo empírico, realizado com o intuito de compreender as representações de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no que concerne à sua exploração diária da área das Expressões Artísticas, no geral, e da área da Expressão Dramática de forma mais particular. Para a consecução dos propósitos deste estudo, utilizámos como instrumento de recolha de dados um inquérito por questionário, aplicado a Educadores/Professores de todas as ilhas do arquipélago e também alargado a Portugal Continental (num total de 250).

Relativamente ao terceiro Capítulo, tal como já foi referido, este remete-nos para a abordagem à nossa ação educativa na Educação Pré-Escolar. Será realizada uma breve caracterização dos nossos contextos de intervenção, nomeadamente o meio envolvente, o núcleo escolar, a sala de atividades e as rotinas, as características e as necessidades do grupo de crianças. Após esta caracterização, focar-nos-emos na própria ação educativa, passando de uma descrição para uma análise, terminando numa reflexão de toda a prática.

No final deste Capítulo será feita uma análise pormenorizada das práticas que tiveram maior incidência na área que decidimos aprofundar no presente Relatório de Estágio.

O quarto Capítulo será semelhante ao antecedente, porém, abordaremos desta vez o contexto da nossa ação educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Importa mencionar que este Capítulo apresentará uma diferença relativamente ao anterior, no sentido em que o estágio foi dividido em duas partes. Parte substancial deste último Capítulo, tal como também acontecerá num dos tópicos de análise do Capítulo que dedicámos ao nosso estudo empírico, será dedicado às práticas desenvolvidas em contexto de ensino à distância, fruto da necessidade de adaptação da nossa ação educativa à situação pandémica causada pelo novo Coronavírus, designado por SARS-COV-2, detetado na China no final de 2019.

Por fim, serão apresentadas as nossas considerações finais, nas quais pretendemos refletir acerca de todo o trabalho, juntar eventuais pontas soltas, apresentar propostas de melhoria, bem como realizar toda uma análise no que diz respeito aos nossos propósitos iniciais.

De forma a encerrar esta primeira parte, importa ainda salientar que, considerando as nossas preocupações de natureza ética, entendemos ocultar a identidade de todas as crianças com quem trabalhamos, bem como os inquiridos que fizeram parte do nosso estudo empírico, por forma a garantir o seu anonimato.



1. Quando a criança *faz de conta*: lugares de Expressão Dramática
  - 1.1. As Expressões Artísticas na Infância
  - 1.2. A Criança e a Expressão Dramática
    - 1.2.1. O Jogo Dramático/Teatro na Educação de Infância
    - 1.2.2. A Expressão e Educação Dramática no 1.º CEB
    - 1.2.3. Do Jogo Simbólico ao Jogo Dramático
  - 1.3. A Criança e os Suportes de Expressão
    - 1.3.1. A criança e os Fantoques
    - 1.3.2. A criança e as Máscaras
    - 1.3.3. A criança e as Sombras Chinesas
  - 1.4. O papel do Educador/Professor na exploração da Expressão Dramática



FRATO89

## **1. Quando a criança *faz de conta*: lugares de Expressão Dramática**

Tal como já adiantámos, no presente Capítulo faremos uma viagem pela infância, procurando realçar aqueles que são os aspetos que nos parecem fundamentais no que respeita ao enquadramento teórico do nosso trabalho. Neste contexto, enfatizaremos o papel e o lugar da área de Expressão Dramática nesta fase tão importante do desenvolvimento da criança, no sentido de melhor compreendermos o seu potencial, enquanto meio de expressão e comunicação, bem como os contributos que oferece aos mais pequenos ao nível do conhecimento que têm de si, da sua relação com os outros e na descoberta do mundo que os rodeia.

Neste sentido, começaremos por fazer uma primeira abordagem às Expressões Artísticas, na sua globalidade, para depois nos focarmos na área mais específica da Expressão Dramática, aprofundando os seus contextos de exploração e tirando partido do potencial dos *suportes de expressão* como elementos privilegiados no processo de criação e comunicação da criança.

Concluiremos com um breve apontamento sobre aquele que deve ser o papel do Educador/Professor neste contexto, no qual nos inspirámos durante o processo de planificação das nossas sequências didáticas, aquando dos nossos estágios pedagógicos, assunto que abordaremos mais adiante.

### **1.1. As Expressões Artísticas na Infância**

A área da Expressão Artística desempenha um papel crucial na nossa vida e, deste modo, deve ser vista como uma área que contribui, em grande escala, para o desenvolvimento da criança.

Baseando-nos na obra “Educação pela Arte e Artes na Educação” de Aberto Sousa (2003), o autor partilha uma síntese das ideias de diferentes autores acerca do termo *expressão*. Nesta linha de pensamento, Aristóteles é considerado o primeiro pensador a definir a palavra expressão como *Katharsis* (catarse, saída, purga, evacuação, alívio, purificação) (Sousa, 2003, p. 178). Nesta ordem de ideias, o autor faz ainda referência ao Dicionário *Enciclopédico Lello Universal* (1979), o qual apresenta o termo *expressão* como uma palavra de deriva do latim *expressione*, cujo significado é: “acto de espremer, de extrair o suco; maneira de exprimir, frase, palavra. Manifestação de um sentimento: expressão de dor, de alegria. Carácter, sentimentos íntimos” (p. 177). Já o *Vocabulaire de*

*Psychopedagogie* (1969), da autoria de Lafon, sugere que o termo *expressão* assume o significado de algo de desperta expressões, sentimentos e emoções.

O autor convoca ainda os contributos de H. Read (1958), que assume uma visão mais detalhada acerca deste conceito. Neste conceito, assumindo uma postura mais restrita, encarando a expressão da seguinte forma:

[p]oderemos distinguir entre a expressão que é dirigida a um fim instintivo inalienável específico – nomeadamente, assegurar a satisfação de algum apetite, como a fome – e a expressão que não é dirigida e cujo único objetivo, exteriorizando uma emoção mais generalizada, como o prazer, a ansiedade ou a raiva.

Por fim, mas não menos importante, o autor cita ainda Jean Piaget (1961), realçando que para este autor

[e]xpressão será a exteriorização da personalidade. Efectua-se através do jogo simbólico, realizando desejos, a compensação, a livre satisfação das necessidades subjectivas. Numa palavra, a expressão tão completa quanto possível do “Eu”, distinto da realidade material e social (Sousa, 2003, p. 184).

Uma vez exploradas várias definições do termo *expressão*, é importante abordarmos o mundo da Expressão Artística, considerando o seu lugar no contexto escolar. Assim sendo, de acordo com diversos estudos realizados nesta área, em trabalhos com o mesmo propósito do nosso (Sousa, 2014; Rodrigues, 2014; Medeiros, 2017; Medeiros, 2018; Marques, 2018; Travassos, 2018; Mota, 2019; Soares, 2021; Silva, 2021 e Melo, 2021), podemos concluir que as Expressões Artísticas são frequentemente trabalhadas na Educação Pré-Escolar, mas não se pode dizer o mesmo em relação às práticas realizadas no 1.º Ciclo, nas quais esta situação é mais inquietante, uma vez que esta tende a ser considerada uma área secundária. A justificar tal realidade, os docentes adiantam constrangimentos que passam pela extensão do Programa, a falta de tempo e recursos adequados ou ainda a falta de formação na área. Limitados por tais constrangimentos, assumem abordar esta área apenas como preenchimento de tempos livres.

Tal cenário torna-se ainda mais preocupante se considerarmos que a área das Expressões Artísticas, não sendo esvaziada de conteúdos, acompanha o percurso escolar das crianças ao longo da sua Educação Básica, em variadas valências, essenciais ao seu processo de expressão e comunicação, sendo composta, na Educação Pré-Escolar, pelos subdomínios das Artes Visuais, Jogo Dramático/Teatro, Música e Dança e no 1.º Ciclo do Ensino Básico agrega as áreas de Expressão e Educação Musical, Plástica e Dramática.

Nesta linha de pensamento, defendemos com Reis (2012) que a Expressão Artística se assume como

o suporte de todos os momentos de um conjunto de ações educativas, que se (transforma) num instrumento útil e manejável por todos os agentes educativos e que contribua para a interligação de todas as áreas do saber pondo em prática a interdisciplinaridade (p. 8).

Esta é uma área que permite desenvolver a autoestima, o controle, a criatividade, a sensibilidade, a afetividade ou ainda a capacidade de comunicação. Oferece à criança a capacidade de partilhar emoções, sentimentos e vivências, promovendo também o desenvolvimento da sua motricidade e explorando diversas interações, quer a nível social, quer a nível cultural. Para além destas características, Melo (2005), adianta-nos algumas características que as Expressões Artísticas convocam, a saber:

- 1) A compreensão das experiências humanas, do passado e do presente, através dos processos de fruição e compreensão dos artefactos artísticos de várias épocas e de várias culturas;
- 2) A compreensão das influências das artes nos modos de interpretar e actuar sobre as realidades, assim como as teias de interdependências sociais e substantivas entre o mundo artístico e o mundo mais lato das ideias e das ações humanas;
- 3) A formulação de julgamentos sobre produtos e assuntos artísticos e culturais tornando-o um cidadão-consumidor mais crítico; e, finalmente,
- 4) O desenvolvimento dos processos empáticos necessários à compreensão e ao respeito pela pluralidade dos modos de pensar, trabalhar e expressar das várias culturas pessoais e societárias (p. 14).

Este autor adianta ainda que, a educação artística assume “um papel único para a compreensão das civilizações do passado e do presente, contribuindo para uma leitura diacrónica e sincrónica dos factores que intervêm no processo histórico” (Melo, 2005, p. 14).

Em jeito de síntese, é assim importante referir que as Expressões Artísticas contribuem em grande escala para o domínio do desenvolvimento global da criança, nos seus vários domínios, pessoal e social, expressivo e reflexivo.

Apresentados os fundamentos nucleares desta área de expressão, consideramos igualmente importante aprofundar o papel e o lugar que a mesma ocupa no contexto curricular, quer da Educação Pré-Escolar, quer do 1.º Ciclo do Ensino Básico,

possibilitando à criança/aluno momentos e experiências enriquecedoras e fomentando a evolução de diferentes competências.

No que diz respeito às Expressões Artísticas na Educação Pré-escolar, estas estão inseridas na Área de Expressão e Comunicação, sendo considerado o domínio da Educação Artística, o qual se subdivide nos subdomínios das Artes Visuais, do Jogo Dramático/Teatro, da Música e da Dança. Este domínio tem como principal foco “enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças” (Silva et al., 2016, p. 47). Ainda no enquadramento do documento normativo referente à Educação Pré-escolar, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE) salientam que a Educação Artística permite à criança:

- 1) apropriar-se progressivamente de diferentes técnicas e conhecimentos, através da exploração, experimentação e observação, utilizando-as de modo intencional nas suas produções;
- 2) ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar;
- 3) contactar com obras de outros (colegas, artistas), de modo a desenvolver a capacidade de observação, interpretação e reflexão, comunicando os seus sentimentos pessoais e visão crítica, de modo a compreender a possibilidade de múltiplas leituras (Silva et al., p. 48).

Para além destes aspetos, importa salientarmos que o papel do Educador é fundamental neste processo, pelo que deve primar por criar condições favoráveis na sua sala de atividades para que possam acontecer experiências de aprendizagem neste domínio, no sentido de motivar a criança, por forma a que esta se sinta envolvida e valorizada no seu processo de aprendizagem.

Tal como uma caminhada que se faz na vida, o mesmo ocorre também no ensino, sendo que no contexto da transição da Educação Pré-escolar para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a criança passa por uma grande transformação no seu processo escolar, a diferentes níveis. É neste âmbito que nos baseamos no Currículo Nacional do 1.º Ciclo do Ensino Básico, como guia normativo de todo o processo de desenvolvimento da criança, quando ingressa neste nível de ensino.

Neste sentido, e no que às áreas em que agora nos debruçamos diz respeito, o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) realça que,

as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e

emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidade ao ambiente e à sociedade em que se vive (p. 149).

É assim inequívoca a importância que as artes têm para o desenvolvimento das crianças, pelo que, para além dos fundamentos acima adiantados, lembramos ainda que, considerando este mesmo ciclo de ensino,

[a]s artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e incorporam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.” (Ministério da Educação, 2001, p. 149).

Neste sentido, importa lembrar que devemos ter sempre em mente a forma como abordamos as Expressões Artísticas, criando contextos favoráveis a uma exploração integrada, lúdica e motivadora, capaz de interessar os alunos e evitar que percam o interesse por esta área.

Olhando agora para as raízes da Expressão Artística, podemos entender que, na sua génese, contamos com a Expressão Plástica, a Expressão Musical, a Expressão Dramática e a Dança, integrada na Expressão e Educação Físico-Motora.

De forma a fazermos uma breve abordagem aos subdomínios referentes ao domínio da Educação Artística na Educação Pré-escolar e às áreas trabalhadas na Expressão Artística, referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, segue-se um pequeno apontamento sobre cada uma delas.

No que diz respeito às Artes Visuais/Expressão Plástica, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico – Aprendizagens Essenciais (Ministérios da Educação, 2018), esta

[a]ssume como principal finalidade o alargamento e enriquecimento das experiências visual e plástica dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística, despertando, ao longo do processo de aprendizagem, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais (p. 1).

Cabe ainda à Expressão Plástica, na opinião de Oliveira (2003), refletir acerca de uma multiplicidade de imagens que nos rodeiam no dia a dia, estimulando nos mais jovens as competências necessárias para que sejam capazes de interatuar com o meio cultural e icónico que as circunda, desenvolvendo a compreensão da arte e convidando-os a envolverem-se no processo artístico através da criação de obras plásticas (pp. 39-40).

Nesta ordem de ideias, importa clarificar que, tal como defende Sousa (2003) “a Expressão Plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades (p. 160)”. O autor adianta ainda que esta “é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança”, sendo que tem como principal propósito favorecer a “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160).

Relativamente à Música/ Expressão Musical, o ensino desta área vai muito além de entreter as crianças, deve sim proporcionar-lhes momentos onde possam desenvolver a sua capacidade de comunicação e expressão. De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico – Aprendizagens Essenciais (Ministérios da Educação, 2018),

[a] Música é uma Arte presente em todas as culturas e no quotidiano dos seres humanos. É uma linguagem universal que assume uma muito singular forma de criatividade. A música é uma prática social comunicativa e expressiva. A partir do ouvir e através da produção sonora em conjunto do cantar, do tocar, do compor, do olhar, do escutar, as crianças e jovens dialogam e constroem significados, partilhando-os e transformando-os, enriquecendo assim as suas práticas e horizontes culturais (p. 1).

Neste particular, Veríssimo (2012) acrescenta, ainda, que é através da Expressão Musical que a criança poderá “descobrir as suas qualidades, desenvolver a sua memória e atenção [e] adquirir competências de autodisciplina” (p. 11). Para esta autora, esta área permite, ainda, à criança desenvolver competências e aprendizagens capazes de “transmitir inúmeros sentimentos, como por exemplo: alegria, melancolia, violência, calma, entre outros” (Veríssimo, 2012, p. 11).

Relativamente à Expressão e Educação Físico-Motora, esta é a área que se dedica ao movimento da criança, o qual é uma necessidade primordial da criança, desde que nasce. A criança numa fase inicial vai procurando conhecer o seu corpo, passando depois a uma fase onde já o começa a dominar. É assim que esta área contribuiu para o desenvolvimento físico e motor da criança, permitindo-lhe desenvolver todo um conjunto de aprendizagens referentes ao movimento.

Neste contexto, e no que concerne à Dança, devemos ter em conta que esta não se limita apenas a realizar determinados movimentos. Tal como considera Sousa (2003), a dança “é constituída por propostas de movimento lúdico-expressivo-criativo, com o

objetivo, não de se ensinar a dançar, mas de promover o desenvolvimento integral da criança” (pp. 113-114).

Por fim, referimos o Jogo Dramático/Teatro e a área da Expressão Dramática, contexto curricular que decidimos aprofundar no nosso trabalho, no qual, nas palavras de Sousa (2003), “a criança se experimenta a si mesma, viva a sua imaginação, os seus sonhos, as suas fantasias e até os seus medos, provando a si própria as suas capacidades de transformação e de se imaginar em outras situações” (Sousa, 2003, p. 34).

É sobre esta área que nos debruçaremos com um pouco mais de detalha, no ponto que se segue.

## **1.2. A Criança e a Expressão Dramática**

Como vimos, a Expressão Dramática é uma área essencial e indispensável na educação das crianças. Segundo Sousa (2003) esta pode ser entendida como uma “atividade natural e espontânea da criança a que ela se entrega em qualquer momento e em qualquer situação, abstraindo-se totalmente do mundo da realidade para se envolver profundamente no mundo da sua imaginação” (p. 34).

Neste sentido, e uma vez que já foi explorado o termo *expressão* no ponto anterior, resta-nos explorar o termo *drama*. Neste âmbito, segundo o *Dicionário Enciclopédico Lello Universal*, o termo *drama* deriva do grego *drama* e significa um “acontecimento impressionante, comovente, terrível. Narrativa que apresenta, com intensidade, acontecimentos comoventes” (1979). Assim sendo, importa agora ligar as expressões ao drama e falar acerca da Expressão Dramática, sob o ponto de vista de diversos autores.

Para Herbert Read (1943, referenciado por Sousa, 2003) a Expressão Dramática é “fundamental em todos os estádios da educação, considero-a mesmo como uma das melhores actividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte” (p. 20).

É através da Expressão Dramática que, segundo Avelino e Ilda Bento (1989, referenciado por Sousa, 2003) “a criança pratica a vida, está a fazer funcionar estruturas interiores emocionais muito importantes, está a desenvolver-se ao nível do domínio da ligação os fenómenos imaginação/acção” (p. 22). Para além destes aspetos, os autores referem ainda que nesta área,

[a] criança toca, cheira, olha, move-se, pensa, sente o seu corpo; é a ação e o pensamento, porque canta com o corpo, desenha com o corpo, sorri ou chora com

todo o corpo. Vive intensamente, arrisca-se, pois está atenta e aberta às experiências e ao mundo, sem medo (p. 25).

Neste sentido, é importante focarmo-nos um pouco em dois conceitos que merecem distinção entre si, nomeadamente a *Expressão Dramática Educacional* e a *Expressão Dramática Teatral*. É nesta linha de pensamento que Lenhardt (1973, referenciado por Sousa, 2003) refere que “a expressão dramática não é teatro”. Nas suas palavras, o teatro parte de um texto que traduz uma acção dramática a ser representada por actores. Para a criança, este texto é já de si uma barreira... (que leva) a reduzir-se à palavra, ignorando a representação... A expressão dramática não se baseia num texto prévio que embaraça e paralisa a criança; do mesmo modo que lhe é estranha, em princípio, a ideia de representação (p. 21).

Já para Mota (1989, referenciado por Sousa, 2003) a Expressão Dramática é entendida como uma área que “leva o jovem a revelar-se, a conhecer-se melhor, a saber o que quer, o que vai ser, em que sociedade está. Dá-lhe disponibilidade para transformação. Abre-lhe um espaço de encontro e de diálogo” (p. 21).

Uma vez explorado o conceito de Expressão Dramática, importa agora entendê-la numa perspetiva educacional. É neste sentido que a área da Expressão Dramática, infelizmente, nos dias de hoje, tende a ser considerada como a área de aprendizagem mais desvalorizada, tanto no que diz respeito à Educação Pré-Escolar, como também no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É importante e necessário percebermos que, tal como nos refere Coutney (2003),

[a] Expressão Dramática é não apenas o modo de encarar o processo educacional (uma filosofia), ou o modo de ajudar o desenvolvimento individual (uma psicologia) ou assistir o indivíduo em sua adequação ao meio (uma sociologia); é a maneira fundamental na qual o ser humano aprende – e, assim, é o mais efetivo método para todas as formas de educação (p. 278).

Assim, a criança deve ter liberdade de explorar os mais variados conteúdos que a Expressão Dramática lhes concede, explorando-os de forma espontânea, livre e sem artificialismos, contrariando a tendência, mais ou menos instituída, na qual as crianças são “obrigadas” a representar papéis de que não gostam, que não escolheram, com as quais não se identificam e que não lhes dizem nada, numa peça na festa do Natal, no final de cada ano letivo ou de cada ciclo de ensino, que lhes são, muitas vezes, “impostos”, mais com o fim de dar espetáculo e entreter os familiares e menos com o intuito de lhe proporcionar mais um momento em que se possa exprimir e comunicar de forma genuína.

É neste sentido que Gauthier (2000, referenciado por Cruz, 2016), refere que “as crianças são utilizadas para produzirem espetáculos para o adulto”, concluindo que “a criança, o seu prazer e a sua criação são postos de lado” (p. 42).

Nesta linha de pensamento e refletindo sobre este assunto, consideramos indispensável e urgente alterar esta perspetiva de educação, uma vez que Educadores/Professores/Pais devem entender que não é saudável realizar trabalhos, apenas para “dar nas vistas”, devem sim proporcionar experiências continuadas e integradas, ao longo do ano, concebidos pelas crianças, considerados e explorados com as mesmas, onde seja possível proporcionar-lhes um ambiente de abertura e espontaneidade, para que se sintam confortáveis, revelando motivação e interesse na realização dos trabalhos.

É, pois, indispensável olhar para a Expressão Dramática como sendo uma área onde “a criança se experimenta a si mesma, viva a sua imaginação, os seus sonhos, as suas fantasias e até os seus medos, provando a si própria as suas capacidades de transformação e de se imaginar em outras situações” (Sousa, 2003, p. 34).

Neste contexto, convém lembrar que esta área é considerada, como vimos, uma “atividade natural e espontânea da criança” que, nas palavras de Sousa (2003) apresenta um conjunto de características, que de seguida partilhamos:

- 1) A expressão dramática é uma técnica não directiva;
- 2) A expressão dramática é uma técnica “centrada no paciente”;
- 3) A expressão dramática processa-se através da ficção, do imaginário, não através da actual representação da realidade;
- 4) As raízes da expressão dramática estão no jogo de faz-de-conta da criança e não no teatro;
- 5) A expressão dramática pode ser efectuada individualmente pelas crianças (os “cantinhos” e “casinha de bonecas” dos jardins infantis) ou em sessões de grupo;
- 6) A expressão dramática é uma actividade educativa e não um espectáculo ou ensaios para tal;
- 7) A expressão dramática é uma parte natural do funcionamento psicológico;
- 8) A metodologia de expressão dramática é ditada pela situação desenvolvimental da personalidade das crianças e não por quaisquer pressupostos teóricos ou programáticos;
- 9) Expressão, imaginação e criação (não explicação, não exemplificação), são os elementos fundamentais da expressão dramática;

- 10) Os papéis do professor de expressão dramática e do professor de ensino de teatro, são fundamentalmente distintos um do outro;
- 11) A expressão dramática é preventiva (pré-terapêutica) de problemas psicológicos;
- 12) As bases da expressão dramática são multidisciplinarmente eclétricas;
- 13) O professor de expressão dramática deve ter uma formação e um treino especializados;
- 14) A relação afectiva é essencial na expressão dramática;
- 15) Não há qualquer avaliação (e muito menos classificações) na expressão dramática;
- 16) Todos podem beneficiar com a expressão dramática, independentemente da idade, do escalão social ou do nível académico (pp. 37-38).

Explorados os pressupostos básicos da Expressão Dramática, fundamentais para percebermos a sua dinâmica, é essencial e indispensável colocarmos também a atenção nos objetivos que são traçados para esta área. É nesta linha de pensamento que sublinhamos que um dos seus principais objetivos é fazer com que a criança revele o melhor de si, através de atividades que lhes façam exprimir os seus sentimentos e as suas emoções e refletir, mesmo que de forma indireta, acerca de diversos contextos do mundo que a rodeia, proporcionando-lhes ferramentas fundamentais para resolverem problemas e possíveis conflitos, quer consigo próprios, quer com os demais. Outro objetivo da Expressão Dramática é a criação, a qual se desenvolve em sintonia com primeiro objetivo apresentado, levando-nos à *Expressão Criativa*.

Para além dos objetivos já mencionados, segundo Sousa (2003), esta área leva a criança a “desenvolver a sua personalidade, a autoeducar-se e satisfazer algumas das suas necessidades presentes mais fundamentais, nomeadamente necessidades de expressão dos sentimentos, criatividade, ludismo, desempenho de papéis, evasão pela ficção, catarse, ab-reação, compensação, sublimação” (p. 39).

Todas estas potencialidades são assinaladas nos documentos normativos referentes à Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, os quais apontam as vantagens e o potencial desta área, tal como teremos oportunidade de abordar, com um pouco mais de detalhe, no ponto que se segue, no qual apresentaremos os princípios orientadores desta área, nestes dois níveis de ensino.

### **1.2.1. O Jogo Dramático/Teatro na Educação de Infância**

No que diz respeito ao subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, este está inserido no Domínio da Educação Artística, o qual faz parte da Área de Expressão e Comunicação.

Segundo Sousa (2003), este subdomínio é considerado “um dos meios mais valiosos e completos de educação” (p. 33). É nele que são “abordadas formas expressão e comunicação em que através do gesto, da palavra, do movimento do corpo, da expressão facial e da mobilização de objetos, a criança representa situações reais ou imaginárias que são significativas para ela” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 51). Assim sendo, este é um subdomínio que deve ser entendido como um dos principais potencializadores no desenvolvimento da criança, pois desenvolve capacidades ao nível biológico, psicológico, social e motor. É nesta linha de pensamento que podemos perceber que um dos principais objetivos deste subdomínio é fazer com que a criança se expresse, de forma livre, recorrendo à sua espontaneidade, imaginação e criatividade.

Numa primeira fase, são desenvolvidos conteúdos referentes ao jogo simbólico/jogo dramático, o qual será abordado com mais detalhe ao longo do presente relatório de estágio, partindo do pressuposto que este se liga diretamente ao ato de brincar, uma das atividades mais naturais e espontâneas da criança.

Passamos para uma fase referente à representação intencional de experiências da vida do seu dia a dia ou de situações imaginárias, onde o Educador deve ter o cuidado de facultar oportunidades às crianças, nas quais possam representar “experiências de vida quotidiana ou situações imaginárias” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 52). Mais tarde, a criança começa a entrar na representação de histórias e de acontecimentos da vida quotidiana, onde já existe a presença de ações, numa sequência lógica de acontecimentos.

Por fim, a última fase trabalhada na Educação Pré-escolar diz respeito aos Projetos de teatro, os quais são realizados, muitas vezes, através do recurso a livros de histórias infantis/contos. Esta fase já não está relacionada com o improvisado, nem tanto com a imaginação, sendo que já invoca outro tipo de conteúdos, nomeadamente a capacidade de criar/recriar histórias e de incorporar uma personagem.

Em jeito de síntese, existem diversas fases destinadas à exploração deste subdomínio na Educação Pré-Escolar, as quais devem ser todas trabalhadas com a mesma importância, pois são todas necessárias e muito importantes para o desenvolvimento das crianças.

## 1.2.2. A Expressão e Educação Dramática no 1.º Ciclo do Ensino Básico

No que concerne à área da Expressão Dramática no 1.º Ciclo do Ensino Básico, ao contrário do que ocorre na Educação Pré-Escolar, pode-se começar por referir que existe uma grande preocupação com o trabalho que é realizado, pois estudos comprovam que, como vimos, esta tende a ser uma das áreas mais desvalorizadas e menos trabalhadas pelos docentes deste nível de ensino. É neste sentido que temos que apostar bastante nesta área, para que se entenda a importância da mesma no desenvolvimento dos alunos. A Expressão Dramática encontra-se inserida na área das Expressões Artísticas e, de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico – Aprendizagens Essenciais (Ministérios da Educação, 2018), esta pressupõe uma prática sistemática e contínua, numa perspetiva de complexificação e gradual progressão de etapas, de modo a promover um desenvolvimento consciente e sustentado das capacidades e conhecimentos, individuais e coletivos (pp. 1-2).

Tal como se lê neste documento normativo, esta área, quando integrada no currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico, está dividida em três domínios: 1) *Apropriação e Reflexão*, o qual pretende desenvolver “as capacidades de apreensão, descodificação e de interpretação dos códigos de leitura no contacto com diferentes universos dramáticos”; 2) *Interpretação e Comunicação*, onde se procura incentivar “a partir da experiência pessoal de cada um, a apreciação estética e artística, através dos processos de observação, descrição, discriminação, análise, síntese e juízo crítico – opiniões com critérios fundamentados –, captando a especificidade contida na linguagem e construção dramáticas” e, por fim, 3) *Experimentação e Criação*, onde se conjuga a “experiência pessoal, a reflexão, os conhecimentos adquiridos (conceitos), através de exercícios e de técnicas específicas, para a expressão de conceitos e de temáticas, procurando a criação de um sistema próprio de trabalho” (p. 2).

Relativamente ao Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico e aos conteúdos explorados nesta área, existem dois blocos onde se integram conteúdos a explorar. No que concerne ao bloco 1, neste podemos contar com os *jogos de exploração*, os quais trabalham, essencialmente, o corpo, a voz, o espaço e os objetos. Neste bloco as atividades são “momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente fazem nos seus jogos” (Ministério da Educação, 2004, p. 77).

Em relação ao bloco 2, este diz respeito aos *jogos dramáticos*, os quais “permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo - unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção” (Ministério da Educação, 2004, p. 77). Neste tipo de jogo explora-se a linguagem não verbal, a linguagem verbal e a linguagem verbal e gestual.

Explorados os contextos curriculares em que nos baseamos, entendemos igualmente útil situar o leitor naquele que nos parece ser o cenário de base de toda a evolução que esta área nos permite desenvolver com as crianças durante a Educação Básica que passa, em grande medida, pela transição entre o *Jogo Simbólico* e o *Jogo Dramático*, contexto a que dedicamos o ponto que se segue.

### **1.2.3. Do Jogo Simbólico ao Jogo Dramático**

A criança desde muito cedo invoca/convoca a sua imaginação, fingindo ser diferentes personagens e representando determinadas ações. Neste sentido, a Expressão Dramática está presente na vida da criança, logo desde o seu início, desde as suas primeiras tentativas de imitar, competência que vai desenvolvendo com cada vez maior propriedade nos seus primeiros anos de vida, primeiro de forma reflexa, depois de forma diferida, aperfeiçoando gestos e atitudes com um nível de pormenor cada vez maior, já sem a presença do pressuposto modelo (Sousa, 2003). Este será talvez o princípio de tudo. Como tal, devemos entender que a Expressão Dramática não é teatro puro e que a sua exploração se inicia através simples jogo, do brincar, daquilo que a criança tem de mais autêntico e genuíno.

Como sabemos, o jogo tem um papel fulcral no desenvolvimento da criança, desde tenra idade, assumindo-se como sendo uma das mais naturais formas de aprendizagem. Importa termos atenção que segundo Corpas, Surís, Limona & e Aguirre (1996) uma atividade nestas idades, para ser considerada um jogo, tem que ter as seguintes características: 1) Dar bem-estar; 2) Não ter um objetivo fixo; 3) Ser natural e espontâneo e 4) Envolver participação ativa por parte do jogador (p. 346).

Nesta linha de pensamento, damos destaque a dois tipos de jogos que consideramos muito importantes nas diferentes fases de desenvolvimento da criança, sendo o *Jogo simbólico* e o *Jogo dramático*. Neste contexto, nunca será demais relembrar que, tal como refere Bourges (1964, referenciado por Sousa, 2003).

[j]ogos dramáticos não são teatro. Quando se trata de desempenhar um papel, o actor deve fazer a abstracção da sua personalidade e emprestar o seu ser, a sua

vida à personagem a criar. Isto exige da sua parte uma análise psicológica que já é difícil para um adulto e que é impossível para a criança, mesmo numa peça dita “infantil”. É por isso que geralmente, antes dos 14 anos não se dão peças teatrais escritas às crianças. As crianças não devem subir a um palco e representar em público. Elas jogam para o seu prazer e para o prazer da comunidade a que pertencem, grupo, unidade de escuteiros, etc (p. 25).

Assim sendo, desde cedo que a criança recorre ao *Jogo Simbólico*, também entendido como o *Jogo de “faz de conta”*. Este é muito importante, no sentido em que permite à criança recriar a realidade, recorrendo à sua imaginação e fantasia. É assim considerada uma atividade voluntária da criança, a qual lhe permite uma forte interação com os outros, bem como com os objetos que a rodeiam que convoca nas suas brincadeiras como se tivessem vida própria.

É então assim que se desenvolve o *Jogo Simbólico*, através da representação corporal da imaginação, onde se recorre com frequência ao jogo do “faz de conta”, o qual é considerado um dos grandes pilares do desenvolvimento infantil. Segundo as OCEPE,

[o] jogo dramático ou brincar ao “faz de conta” é uma forma de jogo simbólico em que a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos (Silva et al., 2016, p. 52).

Para além disto, através do *Jogo Simbólico*, a criança desenvolve diferentes capacidades, tais como o raciocínio, a parte motora, social e também a imaginação. É neste tipo de jogo que se dá a liberdade à criança de criar um mundo paralelo à realidade, no qual ela explora e representa todos os aspetos que desejar, que podem ser sonhos, preocupações, medos, alegrias, inseguranças, entre outros.

Para além deste aspeto, quando este jogo é feito em conjunto, assume-se de grande importância para o desenvolvimento da criança. A este propósito as OCEPE reforçam que

[a] interação com outra ou outras crianças, em jogo dramático, permite desenvolver a criatividade e a capacidade de representação, quando os diferentes parceiros recriam situações sociais, tomam consciência das suas reações e do seu poder sobre a realidade, revelando como a constroem e entendem (Silva et al., 2016, p. 52).

Passamos assim para um contexto de jogo diferente, o *Jogo Dramático* que, apesar de ser mais estruturado, não deve ser confundido com teatro, pois não tem por base um texto.

Tal como já foi referido anteriormente, ambas as tipologias de jogo nos remetem para o ato de *brincar*. É nesta linha de pensamento que é importante termos noção que brincar é um “elemento central nas culturas infantis e um direito, de facto, das crianças, a ser salvaguardado e promovido” (Ferreira & Tomás, 2016, p. 453).

Assim sendo, é fundamental e obrigatório deixarmos as nossas crianças brincarem, uma vez que tal atividade promove o seu desenvolvimento a vários níveis. Para além deste aspeto, de acordo com Oliveira (2003, p. 164) este tipo de jogo “responde aos impulsos lúdico, social ou cognitivo” na educação das crianças é uma fora lúdica, porém significativa de aprendizagem, na qual a criança adquire práticas sociais.

Este é um tipo de jogo que dá uma certa liberdade à criança pois, tal como esclarece Leenhardt (1974), o *Jogo Dramático*

é uma técnica que pretende responder a necessidades definidas (...) não necessita de cenários, trajes ou adereços no sentido tradicional. A construção do espaço de jogo faz-se a partir do espaço escolar e do mobiliário corrente chamados a novas funções. «Uma caixa de ferramenta» composta por objetos quotidianos e materiais brutos pode ser utilizada em função das necessidades (p. 35).

Assim sendo, quando explorado o *Jogo Dramático*, devemos ter sempre em conta as vivências pessoais e as experiências das crianças, uma vez que este tipo de jogo é considerado algo que nasce de forma “natural”, pretendendo não limitar a criança. Esta é também uma forma da criança explorar os seus sentimentos, sem que tenha que falar sobre os mesmos, podendo transmiti-los de uma forma indireta e sempre interligada com a brincadeira.

Nesta ordem de ideias, o papel do educador/professor na transição de um ciclo para o outro é criar condições para que as crianças possam brincar. Neste contexto, os *Suportes de Expressão* assumem um papel fundamental, funcionando como mediadores deste “jogo” de aprendizagens da criança. É sobre eles que nos debruçamos no ponto que se segue.

### **1.3. A Criança e os Suportes de Expressão**

Entendidos como fortes aliados da criança nas suas brincadeiras, os *Suportes de Expressão* assumem-se como detentores de um enorme potencial pedagógico e didático, capazes de proporcionar experiências de aprendizagem bastante ricas no que à Expressão Dramática diz respeito. No dizer de Landier e Barret (1999), estes são materiais “subtis que operam segundo fórmulas variáveis, imperceptíveis, que representam verdadeiros desafios, [...] susceptíveis de induzir uns ou outros, de facilitar a aprendizagem ou de a bloquear” (p. 21).

Partindo deste entendimento, interessa-nos explorar um pouco mais as características e potencialidades destes suportes, que também serviram de base a muitas das nossas propostas no contexto dos nossos estágios pedagógicos. É o que nos propomos fazer de seguida

#### **1.3.1. A criança e os Fantoques**

Numa perspetiva história, o teatro de fantoches, vistos como “bonecos”, teve a sua origem na Antiguidade. Numa primeira fase existiram bonecos de barro, os quais não se movimentavam, até que mais tarde começaram a articular os membros. Após a II Guerra Mundial, a população começou a ganhar uma certa consciência acerca das potencialidades e importância destes “bonecos”, sendo que os mesmos começaram a ser inseridos em algumas escolas.

Com o passar dos tempos, os fantoches foram inseridos sobretudo na área da Expressão Dramática e hoje em dia são vistos como “uma fonte de enriquecimento: da linguagem da criança, através do diálogo dos bonecos; da precisão do seu gesto e do seu poder evocador, através da animação; da sua atividade manual” (Leenhardt, 1974, pp. 57 - 58). Neste sentido, interessa-nos realçar que “o fantoche é para a expressão dramática o que o boneco é para o jogo espontâneo da criança. É o seu primeiro suporte, e a sua qualidade essencial é exatamente a de não passar de um suporte” (Leenhardt, 1974, p. 52).

No que concerne às potencialidades dos fantoches, começamos por realçar que estes são um recurso bastante fácil de produzir uma vez que, de um modo geral, podem ser construídos com material recuperado, de baixo custo. No limite podem ser pensados modelos com pouco ou quase nenhum material, desenhando nas pontas dos dedos, recuperando ou adaptando recursos já existentes (bonecos que sejam do agrado das

crianças, por exemplo). Para além destas capacidades, Santillana (1989, referenciado por Sousa, 2003), destaca outras das suas potencialidades. Nas suas palavras:

- 1) É uma criação dramática em que a criança coloca em movimento todo o seu ser em desenvolvimento;
- 2) A sua criatividade atende sobretudo a psicologia da criança e a expressão do seu Eu;
- 3) É uma forma de reflexão sobre a vida;
- 4) Permite uma conexão entre o mundo interno e o mundo externo da criança;
- 5) A criança aprende a perceber, dominar e expressar emoções, sentimentos e conceitos através de metáforas dramáticas;
- 6) Uma criança que viva os seus anos de fantasia com absoluta entrega será capaz posteriormente de delimitar muito melhor os campos da fantasia e da realidade. As pessoas que por alguma circunstância não vivam as fantasias na sua infância, na idade adulta fantasiam a sua própria realidade;
- 7) Não se trata de fazer um «artista» dos fantoches, mas apenas de ajudar a criança a expressar-se, a desenvolver a sua personalidade;
- 8) Interessa sobretudo a sua expressão criativa (p. 95).

Segundo Sousa (2003) e Lenhardt (1973), este tipo de recurso tem diversas vantagens, mas é também importante conhecermos e estarmos atentos a alguns inconvenientes. No que concerne às vantagens, os fantoches são bastante atrativos e motivadores; estimulam a oralidade e a capacidade de concentração; incentivam as crianças a trabalharem certos assuntos que possam ser desconfortáveis emocionalmente; despertam a imaginação; são uma conduta interdisciplinar de aprendizagens e incentivam as crianças mais tímidas a despertarem o melhor que há dentro de si.

Relativamente a inconvenientes, devemos ter atenção ao tempo estimado para a utilização deste recurso, pois as crianças podem habituar-se demasiado ao fantoche e não desenvolver capacidades corporais importantes. É igualmente importante termos a noção que estamos a lidar com crianças e, como tal, não lhes devemos transmitir uma forte consciência do que é o espetáculo, fator que pode levá-los a uma extrema necessidade de exibição, utilizando em demasia os fantoches, como um “recurso chamativo”, escondendo-se atrás deles e perdendo-se um conjunto importante de vivências interiores, autênticas e genuínas. Também é importante realçar que a exploração do mundo em volta de si próprio é de extrema importância, pelo que a exploração livre de fantoches, muitas vezes, faz com que não seja possível alcançar esse objetivo.

Falando em fantoches, é fundamental apresentarmos também os seus diferentes tipos, bem como o potencial de exploração de cada um deles.

Nesta linha de pensamento, contamos com o *Fantoche de Luva*, o qual proporciona a exploração de diversas temáticas. Como o próprio nome indica, funciona como uma luva onde é inserida a nossa mão, que possibilita os diferentes tipos de movimento do fantoche. Em alguns, a mão encaixa na boca do boneco e esta é a única parte do fantoche que conseguimos movimentar. Já outros tipos de fantoche de luva dão-nos a possibilidade de manipularmos também os seus braços, se colocarmos os dedos polegar e médio nos braços do fantoche e o indicador a controlar a cabeça. Estes são aspetos que surgem naturalmente aquando da utilização deste tipo de fantoche, podendo ser adaptados de acordo com o conforto de cada manipulador, que no caso dos mais pequenos vai depender diretamente do desenvolvimento da sua motricidade. Para além destes aspetos, este tipo de fantoche pode ser de pequenas dimensões, possibilitando apenas que se explore os movimentos da nossa mão, mas também pode ser de grandes dimensões, permitindo-nos introduzir todo o braço e explorar o seu movimento por inteiro.

Outro tipo de fantoche é o *Fantoche de Dedo*, conhecido por ser mais pequeno de todos. Este tipo de fantoche é colocado na ponta do dedo do manipulador e, na maioria dos casos, são utilizados vários bonecos em cada mão, um em cada dedo. Este é um aspeto bastante prático, pois permite-nos contar uma história, na qual apareçam várias personagens em simultâneo, utilizando apenas uma das nossas mãos.

Relativamente aos *Fantoches de Vara*, outra variante deste tipo de suportes, pode-se salientar que este é considerado o mais fácil de construir, pois o seu suporte é apenas uma vara. Este tipo de fantoches é bastante utilizado, devido à facilidade com que é elaborado, mas também por ser de fácil manipulação, não exigindo da criança uma motricidade fina ainda muito desenvolvida, bastando neste caso um simples agarrar na vara.

Por último, mas não menos importante, temos o *Fantoche de Fios*, mais conhecido por *Marioneta*. Tal como o próprio nome indica, este fantoche é movido por fios e pode ser considerado o mais difícil de manipular, pois requer bastante concentração e coordenação para evitar que os fios se emaranhem e impossibilitem a eficaz articulação do boneco.

### 1.3.2. A criança e as Máscaras

Para entendermos a origem das *Máscaras* é necessário recuarmos bastante no tempo, até aos mais primitivos povos que povoaram o nosso planeta, que viviam em cavernas e tinham uma relação próxima com a natureza. Desde os anciãos das tribos, aos feiticeiros ou ainda aos caçadores, todos eram conhecidos por utilizarem pinturas faciais, cada uma ao seu estilo e com a sua função, que assinalavam diferentes tipos de rituais. Passados longos anos, a Grécia Antiga assumiu preponderância neste domínio, através das representações da comédia e da tragédia, trazendo ao mundo a popularidade das máscaras, que acabaram por funcionar como o símbolo do próprio Teatro, tal como hoje o conhecemos.

Muitos anos depois e nos dias que correm, recorremos a este recurso para as nossas crianças, como algo que promove a criatividade, a autoestima e a confiança. Para além destes aspetos, a máscara também tem a capacidade de ajudar as crianças a exprimirem os seus sentimentos, medos, inseguranças, entre outros, fazendo com que se contrariem determinados negativismos.

Tal como acontece com os *Fantoches*, também existem diferentes tipos de *Máscaras*. Sendo assim, contamos com a *Máscara de Rosto Inteiro*, a qual é utilizada sobre todo o rosto, de forma a ocultar a face daquele que a utiliza, permitindo-lhe assumir uma nova identidade. Neste sentido, sobressai assim a expressão corporal por inteiro.

A *Mascarilha ou Viseira*, ao contrário da modalidade anterior, apenas preenche metade da face, cobrindo apenas a zona dos olhos, ou por vezes o próprio nariz. Neste tipo de máscara já sobressai a expressão oral, sendo maioritariamente utilizada num contexto onde a personagem dialogue.

Por fim, temos também a *Pintura Facial*, um tipo de máscara que, como vimos, é usada desde os primórdios da Humanidade, uma vez que o Homem sempre pintou a sua face em rituais religiosos, mágicos e/ou festivos. Este tipo de máscara permite desenvolver a expressão no seu todo, tirando partido do corpo, da voz, mas acima de tudo da expressão facial, aspeto que a torna bastante versátil e com enorme potencial expressivo. Assim sendo, podemos perceber que a pintura facial é o tipo de máscara que mais liberdade de expressão possibilita à criança, permitindo-lhe tirar partido da sua expressão facial, ao mesmo tempo que lhe possibilita experimentar a magia de se transformar num outro que pode assumir a identidade que ela bem entender.

### 1.3.3. A criança e as Sombras Chinesas

As *Sombras Chinesas* são uma forma de teatro muito antiga, que teve a sua origem na China, espalhando-se em seguida pelos países do ocidente. Neste tipo de suporte de expressão, é utilizado o contraste entre uma fonte de luz e uma sombra, a qual pode ser feita através da utilização do corpo, de um membro ou até mesmo de objetos (é usual recorrer-se a fantochas de vara), como elementos para a criação de personagens.

Esta é uma forma de expressão que permite à criança expressar-se com espontaneidade, de criar desejos e personagens, através de um simples foco de luz e uma sombra.

Este tipo de atividade desperta na criança um mundo paralelo à realidade a que está habituada, no sentido em que a coloca no limiar do mistério e do secreto, permitindo-lhe lidar com o medo do desconhecido e do escuro.

Este tipo de recurso, segundo Lequeux (2000, citado por Sousa, 2003) tal como vimos nos casos anteriores, encerra um enorme potencial do ponto de vista expressivo.

Nas palavras deste autor, as Sombras Chinesas

- 1) Contribuem para o desenvolvimento intelectual da criança, quer para a que experimenta, quer para a que assiste, que tem de reflectir, interpretar e decifrar as imagens e os respectivos movimentos que são apresentados;
- 2) Desenvolvem a imaginação e a linguagem, fazendo desaparecer muitos defeitos de pronúncia durante as representações, uma vez que a criança tem de articular correctamente as palavras para se fazer entender, pois as silhuetas, por si só, não conseguem representar sentimentos e emoções;
- 3) Levam a um aperfeiçoamento e domínio dos gestos, tornando-os mais delicados e sincronizados com a palavra;
- 4) Desenvolvem o sentido estético, o espírito crítico e a espontaneidade;
- 5) Desenvolvem o espírito de disciplina, de colaboração e de grupo.

Em jeito de síntese, e tendo por base tudo o que foi descrito, podemos concluir que os suportes de expressão são uma mais-valia no contexto expressivo. No que à infância diz respeito, o seu potencial é enorme pois permitem desinibir e estimular as crianças, funcionando como um prolongamento do seu corpo no processo de comunicação, fazendo com que estes sintam curiosidade e motivação para novas descobertas e aprendizagens.

Explorados, em traços gerais, os fundamentos que assistem a área de Expressão que decidimos aprofundar neste Relatório, o seu papel ao serviço do global desenvolvimento das crianças, bem como o lugar que ocupam, neste particular, os vários *Suportes de*

*Expressão* que escolhemos abordar, é chegada a altura de nos debruçarmos um pouco sobre o papel a assumir pelo Educador/Professor na gestão de todas estas dinâmicas, aspeto que nos parece da maior relevância, considerando a natureza do nosso trabalho. Este é o assunto que trataremos no último ponto deste Capítulo.

#### **1.4. O papel do Educador/Professor na exploração da Expressão Dramática**

Em qualquer contexto educativo, o papel do educador/professor enquanto promotor de experiências de aprendizagens deve, essencialmente, ter em conta os interesses e as necessidades das crianças, de forma a conseguir responder aos mesmos. No que concerne especificamente à exploração da Expressão Dramática, de acordo com Kowalksi,

será útil uma maior consciencialização dos educadores/animadores quanto às características das linguagens artísticas e à optimização da acção educativa com a concretização de actividades que as impliquem. Sem que se perca de vista o desenvolvimento da literacia artística e educação estética, e se incluam espaços de reflexão adequados a cada grupo, poder-se-á assim mais solidamente vir a constituir um processo viável e com apreciáveis resultados culturais (p. 10).

As crianças que se encontram em fase de Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, passam por transformações bastante rápidas e em diferentes níveis, o que implica que, para acompanhar este crescimento, devemos proporcionar-lhes momentos em que possam conhecer-se a si próprias e na sua relação com os outros. Neste sentido, o educador/professor deve assumir um papel de facilitador de aprendizagem e proporcionar oportunidades às crianças, onde estas possam explorar, brincar e aprender.

Em relação ao papel que o educador/professor deve assumir perante a exploração da Expressão Dramática, existem autores com diferentes opiniões. Neste sentido Hebois, referenciado por Gauthier (2000), considera que o educador/professor não deve estar sempre presente, sendo apenas importante a sua intervenção quando a criança demonstra dificuldades. Em contrapartida, Barret (1968) tem uma opinião bastante diferente, referindo que o educador/professor deve estar sempre presente, sendo considerado o elemento fundamental para a aprendizagem das crianças. Já Slade, referenciado por Gauthier (2000), é da opinião que o educador/professor não se deve antecipar à criança, ou seja, não deve mostrar como se faz, de forma direta. Ainda Stewig, referenciado por

Gauthier (2000), sugere que devemos interrogar as crianças, “para que elas possam descobrir uma diversidade de ideias a utilizar, seguidamente, na improvisação” (p. 25).

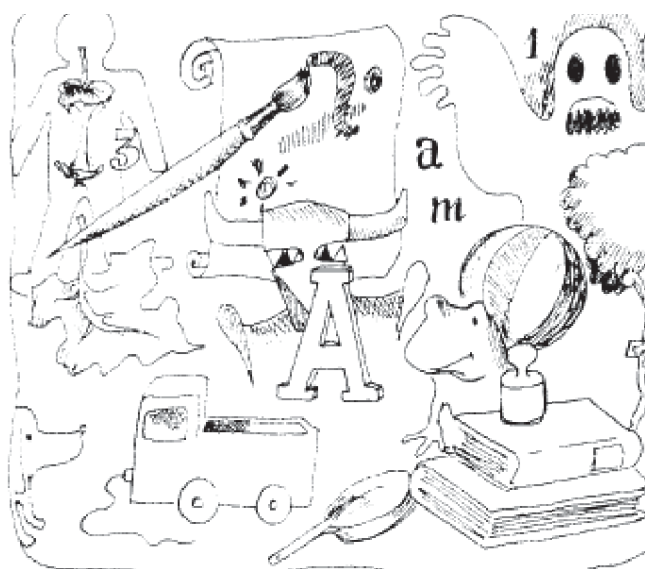
Como podemos perceber, existem diferentes opiniões acerca do papel que o educador/professor deve assumir no contexto da exploração desta área. Consideramos assim importante que o educador/professor tenha como principal preocupação a aprendizagem das suas crianças, procurando primeiro perceber o grupo com quem trabalha. Deve investir e ocupar o seu tempo, saber escutar e atender às suas necessidades, não assumindo um papel inflexível e autoritário no que toca à exploração de conteúdos, nem determinar a forma como a criança se deve exprimir ou explorar os suportes que lhe são oferecidos.

Como já vimos, esta é uma área na qual nem todos os docentes se sentem devidamente preparados a explorar. Tal realidade pode estar relacionada com a falta de formação mais específica ou ainda com a ausência de experiências no contexto desta área, no seu percurso escolar ou na sua experiência de vida, aspetos que nos parecem decisivos neste particular.

Depois desta breve nota acerca daquele que deve ser o papel de Educadores e Professores na condução de experiências de aprendizagem no contexto da Expressão Dramática, um aspeto ao qual as fontes que consultámos apresentam escassas informações, sentimo-nos impelidos a conhecer um pouco mais desta realidade. Decidimos então ouvir os docentes na primeira pessoa, por forma a percebermos as suas opiniões e representações acerca desta e de outras realidades ligadas aos objetivos do nosso trabalho. Os dados que recolhemos serão apresentados no Capítulo que se segue.

# Capítulo II

Dos palcos da Escola para os palcos da vida:  
a Expressão Dramática aos olhos de  
Educadores e Professores



FRATO 82

*metodo naturale*

#### 4. Percurso Metodológico

##### 4.1. Enquadramento do estudo

##### 4.2. Instrumento de recolha de dados

##### 4.2.1. O inquérito por questionário

##### 4.2.1.1. Os participantes no estudo

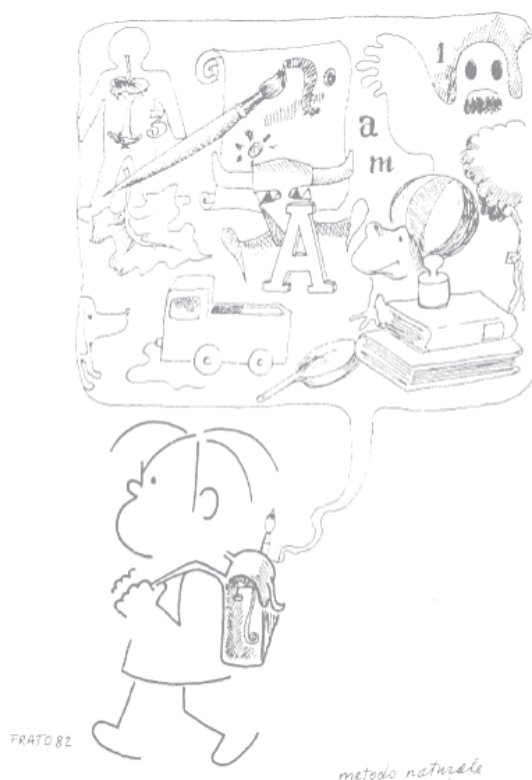
##### 4.2.1.2. Escolas/instituições, Expressões e suas relações

##### 4.2.1.3. As crianças/alunos com quem os Educadores/Professor trabalhavam

##### 4.2.1.4. As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos Educadores/Professores

##### 4.2.1.5. O Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática na minha prática pedagógica diária

##### 4.2.1.6. As Expressões Artísticas no ensino à distância



## **2. Percurso Metodológico**

O presente relatório de estágio tem como principal propósito apresentar e analisar as práticas pedagógicas no âmbito da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Paralelamente, também desenvolvemos um estudo empírico, com o intuito de investigar as opiniões e representações de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no que diz respeito à exploração diária da área das Expressões Artísticas e, em específico, da área de Expressão Dramática.

É neste sentido que se inicia o presente Capítulo, no qual apresentamos os contornos do nosso estudo. Numa primeira parte, faremos um enquadramento de todo o estudo e em seguida abordamos os instrumentos de recolha de dados e também a caracterização dos participantes que compuseram a nossa amostra. Por fim, é apresentada toda a análise dos dados recolhidos.

### **2.1. Enquadramento do estudo**

No que concerne ao enquadramento teórico da investigação, foi-nos possível realizar um conjunto de pesquisas, às quais já nos referimos no nosso enquadramento teórico, que nos permitiram confirmar que a área da Expressão Dramática não é tão aprofundada como as restantes (Sousa, 2014; Rodrigues, 2014; Medeiros, 2017; Medeiros, 2018; Marques, 2018; Travassos, 2018; Mota, 2019; Soares, 2021; Silva, 2021 e Melo, 2021).

Uma vez que a área da Expressão Dramática não tem sido convocada como temática central em trabalhos com a natureza do nosso, consideramos importante desenvolver um estudo empírico, no qual procuramos compreender as principais perceções e preocupações dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, acerca do papel das Expressões Artísticas, no geral, como também do lugar mais específico ocupado pelo Jogo Dramático/Teatro e da Expressão Dramática nas suas práticas pedagógicas diárias.

O estudo em causa desenvolve-se nos pontos que se seguem.

### **2.2. Instrumentos de recolha de dados**

Ao longo do nosso percurso de estágio várias foram as técnicas de recolha de dados que convocámos, das quais destacamos a observação direta através da qual nos foi possível conhecer com mais pormenor as características dos contextos em que nos

movemos, bem como conhecer as rotinas dos grupos de crianças que nos foram confiados. A análise documental dos documentos que acompanharam as nossas práticas, o nosso Projeto Formativo, as nossas sequências didáticas, as nossas reflexões e as avaliações dos desempenhos das crianças foi igualmente útil para refletirmos em torno das nossas propostas didáticas e da sua eficácia no seu e no nosso processo de aprendizagem. Neste mesmo contexto, foi-nos possível analisar, ainda, alguns documentos normativos referentes às escolas onde foram realizados os estágios pedagógicos, mais concretamente o P.E.E. (Projeto Educativo de Escola), o P.C.E. (Projeto Curricular de Escola) e o P.A.A. (Plano Anual de Atividades).

Servimo-nos ainda do nosso Diário de Bordo e dos registos fotográficos que recolhemos ao longo dos nossos estágios para ilustrar alguns dos episódios didáticos que entendemos mais relevantes.

Para além deste conjunto de técnicas, que suportarão a análise que faremos, nos capítulos que se seguem, acerca da nossa ação educativa desenvolvida durante o nosso processo de estágio, também recorreremos ao inquérito por questionário, por forma a recolhermos os dados referentes ao nosso estudo empírico, cujos contornos explicitaremos de seguida.

### **2.2.1. O Inquérito por questionário**

Tal como já foi referido anteriormente, um dos instrumentos de recolha de dados utilizado na presente investigação, especificamente no contexto deste nosso estudo, foi o inquérito por questionário, uma vez que entendemos ser aquele que melhor se adequava aos nossos objetivos sendo que “tem por objetivo recolher informação factual sobre acontecimentos ou situações conhecidas sobre atitudes, crenças, conhecimentos, sentimentos e opiniões” (Fortin, 2009, p. 380).

Relativamente ao questionário aplicado na presente investigação (ver Anexo 1), a elaboração do mesmo foi feita de forma colaborativa, por nós e mais duas colegas do mesmo mestrado, com interesses de investigação semelhantes aos nossos. A primeira parte do questionário, de tronco comum, reuniu questões do interesse das três mestrandas, que passavam pelo estudo do potencial das Expressões Artísticas na Educação Básica. A segunda parte explorou os três temas específicos de cada uma, mais concretamente as áreas da Expressão Plástica, da Expressão Musical e da Expressão Dramática, aquela que escolhemos aprofundar. Neste mesmo contexto, e numa última parte, também quisemos

explorar as opiniões e representações dos docentes inquiridos acerca do ensino desenvolvido à distância, fruto da necessidade de adaptação das suas práticas à situação pandémica causada pelo novo Coronavírus, designado por SARS-COV-2, detetado na China no final de 2019.

Em síntese, pretendíamos perceber quais as conceções e representações de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo de Ensino Básico relativamente à exploração da Expressão Artística, no geral, e em particular na área da Expressão Dramática, nas suas práticas pedagógicas diárias.

É ainda importante realçar que ao elaborarmos as questões do nosso questionário tivemos em conta toda a nossa fundamentação teórica, bem como os nossos objetivos, previamente definidos, primeiro numa discussão mais alargada, uma vez que partilhávamos o mesmo orientador científico, depois concretizando os nossos interesses de investigação mais específicos.

Depois definidas as questões e elaborado um primeiro guião em formato *Word* (conf. guião em anexo), os questionários foram adaptados e introduzidos na plataforma *Google Doc's*, de modo a serem partilhados, por via eletrónica, pelos docentes que nos interessava inquirir.

### **2.2.1.1. Os participantes no estudo**

O estudo em causa foi alvo de bastante participação, por parte de diferentes intervenientes. Neste âmbito, no que concerne ao instrumento de recolha de dados utilizado, mais concretamente o inquérito por questionário, podemos afirmar que tivemos uma incidência de 250 participantes, dos quais 75 eram Educadores de Infância e 175 eram Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que se encontravam distribuídos por todas as ilhas do Arquipélago dos Açores e também em algumas escolas localizadas em Portugal continental.

Na tabela que se segue, agrupamos os dados referentes à origem e distribuição geográfica dos nossos inquiridos (ver Tabela 1).

*Tabela 1- Localização e amostra da população inquirida*

<i>Localização dos inquiridos</i>	<i>Amostra de inquiridos</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Ilha de São Miguel</i>	185	74%
<i>Ilha do Pico</i>	14	5,6%

<i>Ilha do Faial</i>	10	4%
<i>Ilha Terceira</i>	8	3,2%
<i>Portugal Continental</i>	8	3,2%
<i>Ilha das Flores</i>	4	1,6%
<i>Ilha de Santa Maria</i>	3	1,2%
<i>Ilha de São Jorge</i>	2	0,8%
<i>Ilha do Corvo</i>	1	0,4%
<i>Ilha da Graciosa</i>	1	0,4%
<i>Indefinido/sem resposta</i>	14	5,6%
<b>Total</b>	250	100%

Foram recolhidos um total de 250 respostas ao questionário. Do total de participantes (n=250), verificou-se que 91.2% (n=228) eram do sexo feminino e apenas 8.8% (n=22) eram do sexo masculino. Estes dados vêm a comprovar a ideia explorada na literatura de que a grande maioria dos profissionais de educação destes níveis de ensino em Portugal são maioritariamente do sexo feminino.

Em relação à idade, verificamos que a maioria dos participantes se situa na faixa etária dos 40 aos 50 anos, com uma percentagem de 41.2% (n=103), seguindo-se da faixa entre os 30 e os 40 anos, com uma percentagem de 30% (n=73). A menor percentagem (1.2%) foi verificada na faixa etária dos maiores de 60 anos, com registo de apenas 3 participantes.

Segundo os dados abaixo apresentados (ver Tabela 2), ao nível do tempo de serviço, verificamos que 22% (n=55) dos participantes reuniam entre 16 e 20 anos de experiência profissional, seguindo-se a categoria de menos de 5 anos de experiência, com uma percentagem de 19.6% (n=49). De salientar que a categoria com menor número de respostas é a categoria entre 26 e 30 anos de experiência profissional, com uma percentagem de apenas 7.6% (n=19).

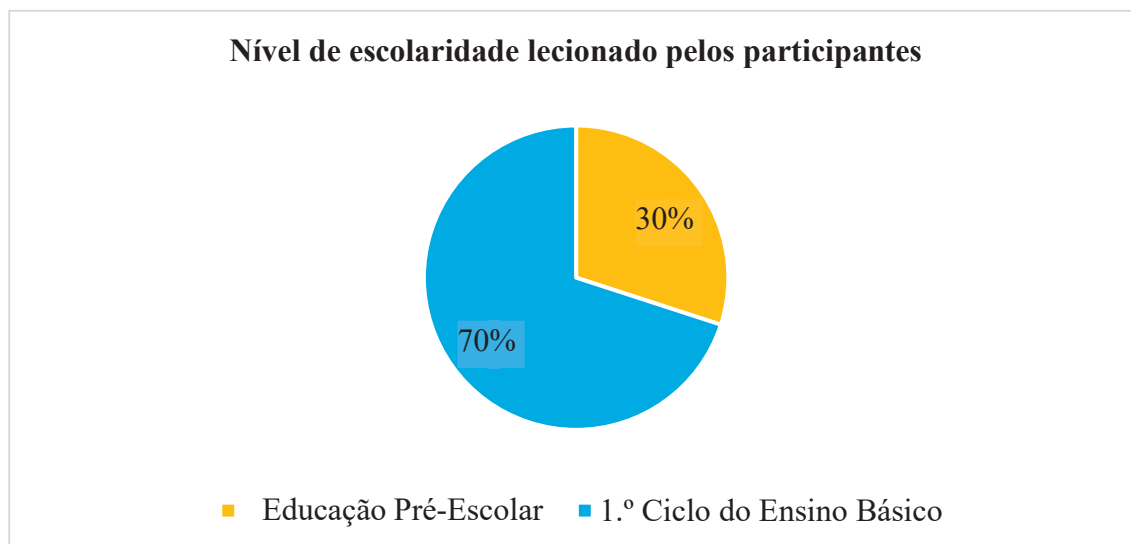
**Tabela 2.** Tempo de serviço dos participantes (frequências e percentagens)

<b>Tempo de serviços (anos)</b>	<b>%</b>	<b>n</b>
< 5 anos	19.6	49
6 a 10 anos	9.2	23
11 a 15 anos	15.2	38
16 a 20 anos	22	55

21 a 25 anos	15.2	38
26 a 30 anos	7.6	19
>30 anos	11.2	28

---

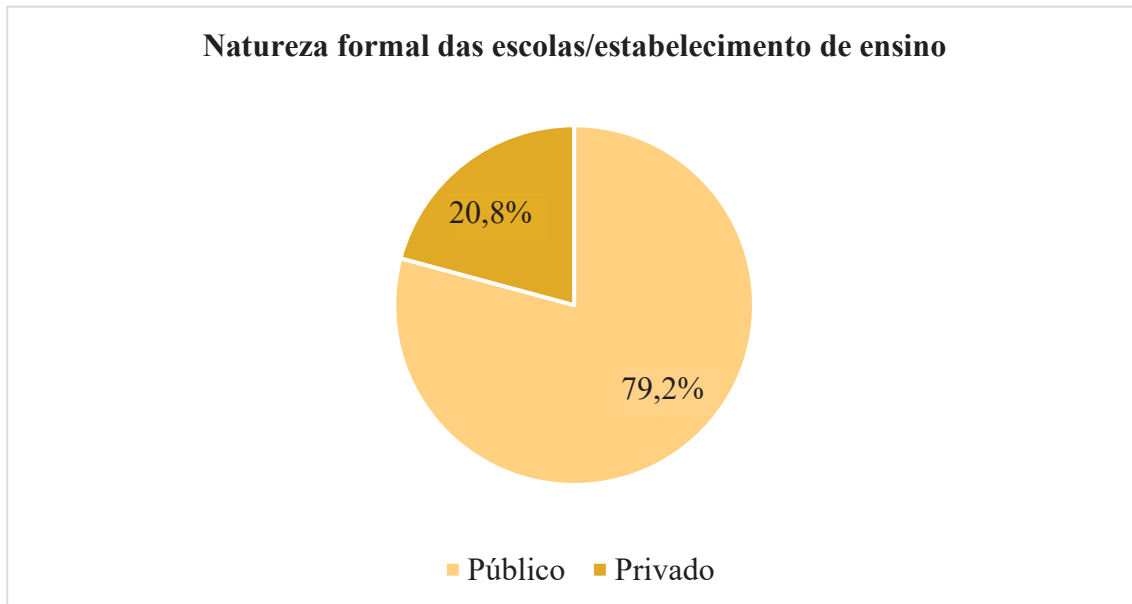
Do total de inqueridos 70% (n=175) revelou lecionar no 1.º Ciclo do Ensino Básico, enquanto 30% (n=75) leciona na Educação Pré-escolar (ver Figura 1).



**Figura 1** - Níveis de escolaridade em que lecionavam os participantes.

### 2.2.1.2. Escolas/instituições, Expressões e suas relações

Relativamente à natureza formal da escola/instituição onde lecionavam os docentes inquiridos, verificou-se que 79.2% (n=198) lecionavam em estabelecimentos de ensino públicos e que apenas 20.8% (n=52) lecionavam em estabelecimentos de ensino privados (ver Figura 2).



**Figura 2** – Percentagem de participantes por tipologia de estabelecimento de ensino.

Também questionamos os educadores/professores acerca das potencialidades dos estabelecimentos de ensino para a exploração das Expressões Artísticas. Do *feedback* que obtivemos, aproximadamente 51.6% (n=129) foram respostas positivas. Por forma a elucidar o leitor acerca desta realidade, nos relatos que se seguem, partilhamos algumas dessas respostas.

*“A minha creche tem bons espaços para desenvolver atividades no âmbito das Expressões Artísticas, pois temos salas amplas, um pequeno recreio interno, um recreio externo e todo um espaço envolvente ao ar livre que pode ser utilizado para tal”.*  
(Educador(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“A escola possui condições e espaços adequados para a prática das expressões artísticas”.*  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“O espaço e ambiente é perfeito para despertar a consciência criativa e artística”.*  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Está bem preparada, tens diversos materiais disponíveis”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

Por oposição, 27,6% (n=69) dos Educadores/Professores inquiridos responderam que não se encontravam satisfeitos com as condições que o seu espaço escolar oferecia para a exploração desta área, tal como os relatos que se seguem deixam transparecer.

*“A escola tem poucos espaços próprios para esta lecionação, mas, as obras de reconstrução começaram por isso vão melhorar”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Espaços pouco adequados à prática das expressões artísticas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, >30 anos de serviço).

*“Não são muito adequadas devido à falta de espaço”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

Os restantes 15,2% (n=38), realçaram tanto aspetos favoráveis, como aspetos pouco favoráveis. Note-se esta realidade nos relatos que se seguem

*“Existem espaços, mas poderiam ser melhorados com mais recursos apelativos”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha da Terceira, 6 a 10 anos de serviço).

*“Não são os ideais, mas com criatividade consegue-se praticar todo o tipo de expressões artísticas, desde dança, teatro, música...”*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, <30 anos de serviço).

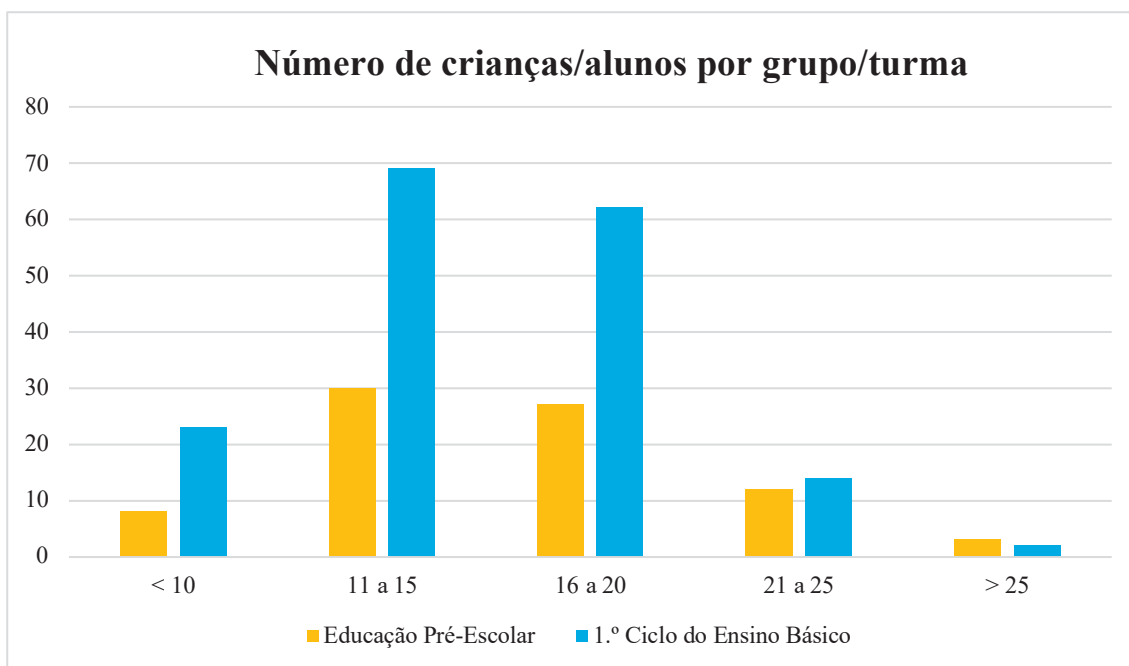
### 2.2.1.3. As crianças/alunos com quem os docentes trabalhavam

Relativamente à faixa etária dos alunos (ver Tabela 3), os participantes indicaram várias faixas etárias, existindo participantes que lecionavam mais do que uma turma. 26.1% (n=59) dos participantes afirmaram que lecionavam em turmas com crianças cujas idades variavam entre os 7 e os 9 anos, 15% (n=34) afirmaram que lecionavam em turmas com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos de idade e 14.2% (n=32) afirmaram que lecionavam em turmas com crianças entre os 6 e os 7 anos de idade. Reunimos estes dados na Tabela que se segue (ver Tabela 3)

*Tabela 3. Idades dos alunos dos docentes inquiridos.*

Faixa etária	%	N
1 a 3 anos	9.3	21
4 a 5 anos	7.5	17
6 a 7 anos	14.2	32
7 a 9 anos	26.1	59
9 a 11 anos	15	34
3 a 5 anos	6.6	15
4 a 6 anos	.9	2
5 a 7 anos	.4	1
6 a 10 anos	11.1	25
3 a 6 anos	2.7	6
7 a 11 anos	3.1	7
10 aos 13 anos	1.8	4
3 a 10 anos	1.3	3

Já ao nível do tamanho das turmas (ver Figura 3), e no que diz respeito à Educação Pré-Escolar, verificou-se que a maior parte dos grupos situava-se entre as onze e as quinze crianças por grupo (n=30) e a menor incidia nos grupos com mais de vinte e cinco crianças (n=2). No que concerne ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, como se pode verificar, a maioria dos inquiridos respondeu que as suas turmas apresentavam entre onze e quinze alunos (n=69), sendo possível verificar que apenas um inquirido (n=1) respondeu que possuía uma turma com mais de 25 alunos.

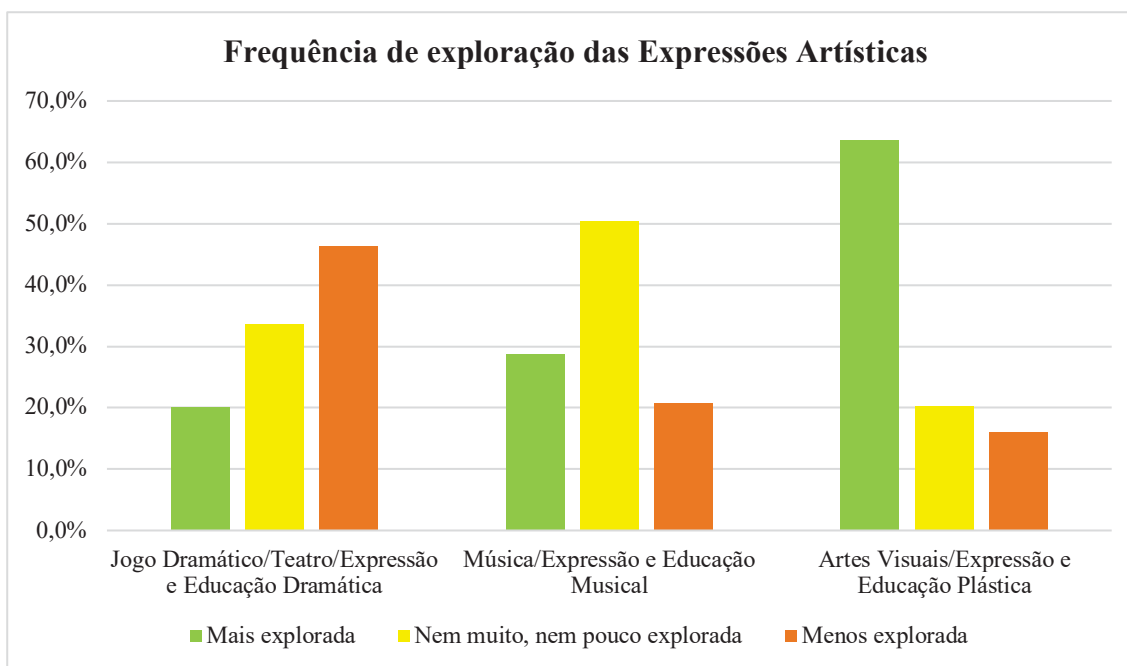


*Figura 3 – Número de crianças/alunos por grupo/turma.*

#### **2.2.1.4. As Expressões Artísticas nas práticas diárias dos docentes**

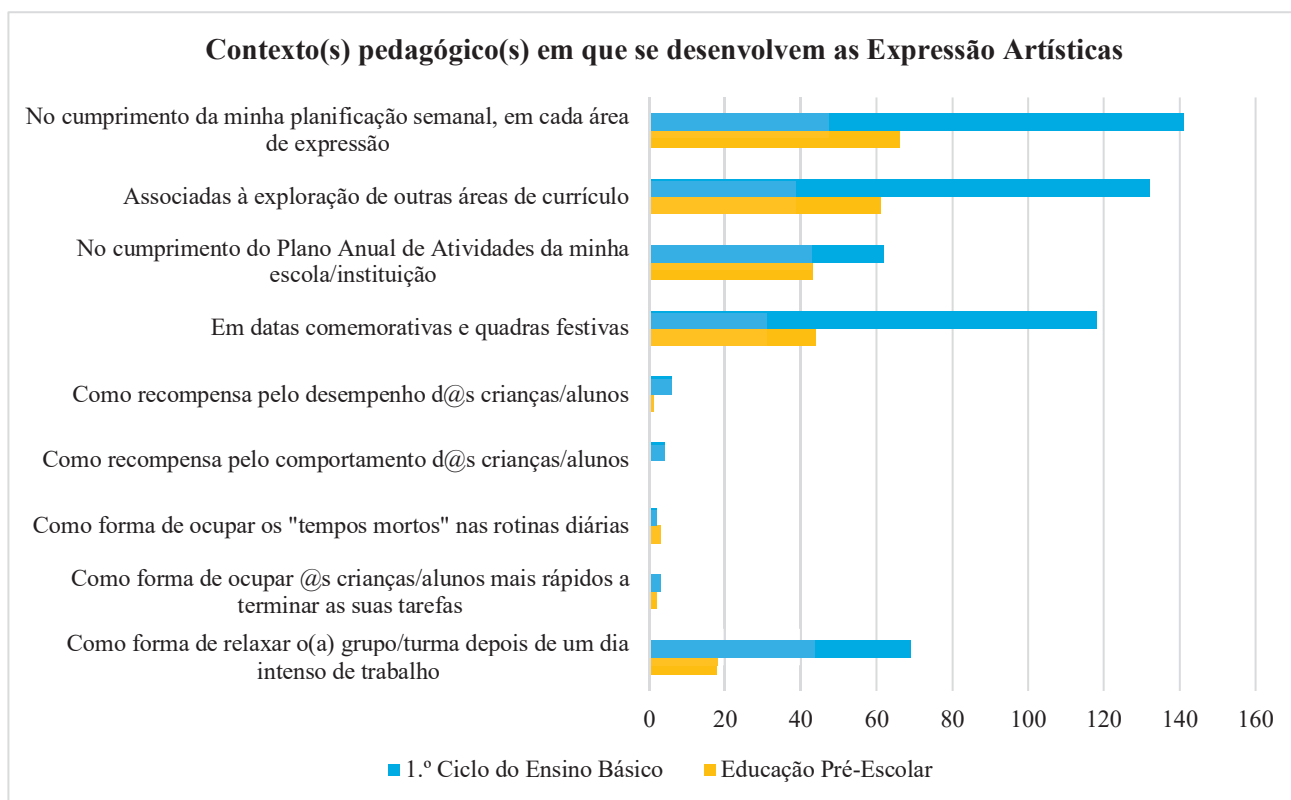
Quando questionados se costumavam explorar as Expressões Artísticas no seu dia a dia, 96.4% (241) dos participantes referiram realizar esta exploração. Em termos de frequências, 73.6% (n=178) dos participantes revelaram explorar estas áreas mais do que uma vez por semana, sendo que 24.8% (n=60) revelaram fazê-lo apenas uma vez por semana. Uma minoria revelou realizar este tipo de exploração apenas uma vez por mês (1.2%) e uma vez por ano letivo (0.4%).

Considerando a frequência com que cada participante explorava as áreas de Expressão Artística (ver Figura 4), verificamos que a área mais explorada era a das Artes Visuais/ Expressão e Educação Plástica com 63.5% (n=159). Já o Jogo Dramático/Teatro/Expressão e Educação Dramática foi o referido como menos explorado pelos participantes com uma percentagem de 46.4% (n=116).



**Figura 4** – Percentagens de exploração das várias Expressões Artísticas.

Em relação ao contexto pedagógico em que ocorria o desenvolvimento de tais atividades, os participantes revelaram que era sobretudo no cumprimento da planificação semanal em cada área de expressão (82.8%), seguindo-se as opções “Na exploração de outras áreas do currículo” (78%), “Em datas comemorativas e festivas” (65.2%), “No cumprimento do Plano Anual de Atividades da minha escola/Instituição” (43.6%), “como forma de relaxar o grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho” (35.2%). Na Figura que se segue apresentamos as suas escolhas divididas por ciclos educativos, revelando as respostas correspondentes aos Educadores e aos Professores inquiridos (ver Figura 5).



**Figura 5 - Contexto(s) pedagógico(s) em que se desenvolvem as Expressões Artísticas**

Quando questionados sobre se a família costumava envolver-se nas atividades relacionadas com as Expressões Artísticas, 55.2% (n=138) dos participantes revelaram que sim, enquanto 44.8% (n=112) afirmaram não haver tal envolvimento.

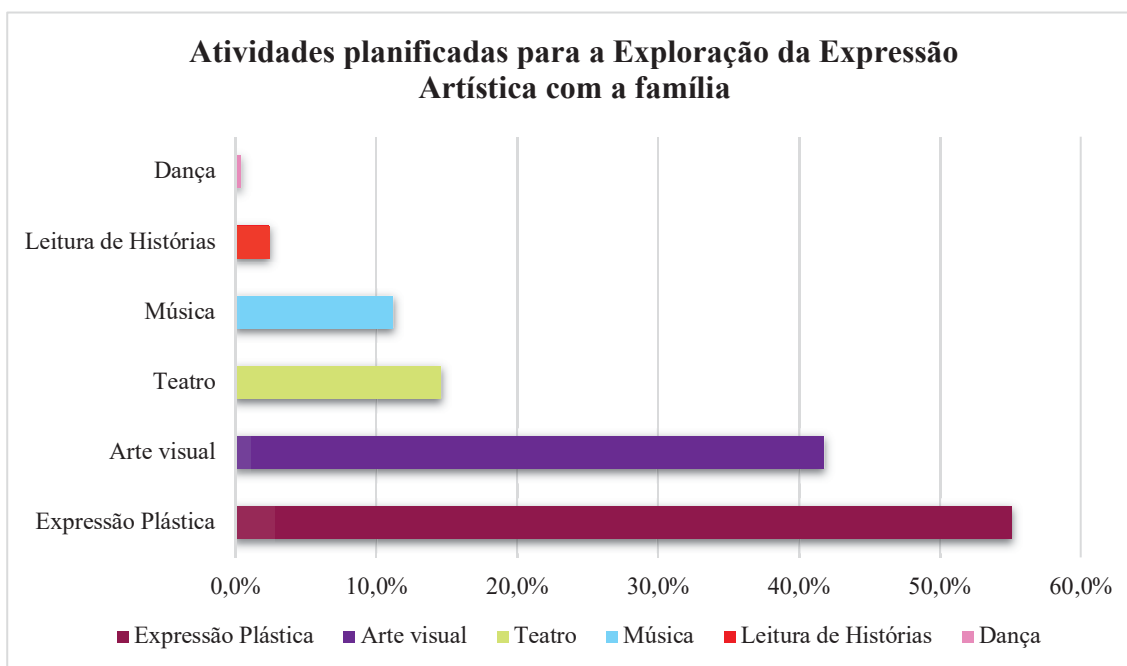
Ao nível da frequência deste envolvimento familiar, 63.5% (n=87) dos docentes revelaram que tal acontece apenas uma vez por período letivo, 24.8% (n=34) adiantaram que acontece uma vez por mês, 8% (n=11) confessaram que acontece apenas 1 vez por ano letivo e 3.6% (n=5) assumiram que acontece uma vez por semana (ver Tabela 4).

**Tabela 4. Frequências e percentagens do envolvimento familiar nas atividades de Expressões Artísticas**

Frequência do envolvimento da família nas Expressões Artísticas	%	n
Uma vez por semana	3.6	5
Uma vez por mês	24.8	34
Uma vez por período letivo	63.5	87
Uma vez por ano letivo	8	11

Relativamente às atividades planificadas para a exploração artística com a família, os participantes referiram na maioria das vezes atividades de artes visuais (desenhar ou pintar), ou atividades de Expressão Plástica (por exemplo, realizar uma colagem). Ambas

as atividades apresentam uma percentagem elevada, comparativamente às demais, sendo de 41.8% (n=59) e 55.1% (n=76), respetivamente (ver Figura 6).



**Figura 6 - Percentagem de atividades planejadas para a Exploração Artística com a família.**

Por forma a ilustrar esta realidade, partilhamos com o leitor alguns dos relatos que recolhemos neste particular.

*“Exposições de decorações de Natal /Carnaval/ Pão por Deus”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Realização de uma decoração para a árvore de Natal da sala, construção de maquetes e cartazes associados aos projetos desenvolvidos”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Concursos de chapéus e gravatas no Carnaval, construção de cartazes para apresentação de trabalhos, construção de meios de transporte e castelos para exposição de trabalhos”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“No ano passado os pais construíram com os seus filhos um presépio com materiais recicláveis”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“Já desenvolvi um Projeto chamado "Aluno em Destaque", no qual cada criança, semanalmente, fazia a apresentação das suas preferências e da sua família. Essa apresentação era realizada com o suporte digital ou de qualquer material, tendo o apoio familiar, uma vez que era tudo preparado com o apoio da família. Nesse âmbito, também*

*já tive a presença de vários encarregados de educação desenvolvendo atividades plásticas e dramáticas, na semana do seu educando. Infelizmente, fiz um interregno nessa atividade, tendo em conta a situação pandémica atua”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

### **2.2.1.5. O Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática na minha prática pedagógica diária**

No que diz respeito ao tempo dedicado por semana ao Jogo Dramático ou Expressão Dramática, 43.3% dos participantes (n=106) revelaram que utiliza apenas 45 minutos semanais dedicados a esta área de atividade.

Ao nível da lecionação do Jogo Dramático e Expressão e Educação Dramática, os participantes revelaram que é sobretudo o professor titular de turma a realizar tais atividades (92.4%, n=231), sendo que adiantaram também que em apenas 7.6% (n=19) dos casos a mesma é assumida por um professor especializado na área.

No âmbito da disponibilidade de recursos e/ou materiais necessários à exploração de atividades de Jogo Dramático e Teatro/Expressão e Educação Dramática 55.6% (n=139 participantes) revelaram que tais materiais não estão disponíveis, ao passo que 44.4% (n=111) dos docentes revelaram que estes materiais se encontravam disponíveis (Figura 11).

Em relação aos recursos existentes para a exploração do Jogo Dramático e Teatro/Expressão e Educação Dramática verificamos que, de entre os participantes que afirmaram existir recursos materiais nas escolas, 80.4% (n=74) referiu possuírem fantoches e/ou fantocheiro, 33.7% (n=31) referiu possuir fantasias e 13% (n=12) referiu possuir sala de dramatização (ver Tabela 5).

**Tabela 5.** *Frequências e percentagens relativamente aos recursos existentes nas escolas*

<b>Recursos para a Expressão e Educação Dramática</b>	<b>%</b>	<b>n</b>
Fantoches e/ou fantocheiro	80.4	74
Fantasias/disfarces/adereços	33.7	31
Sala de dramatização	13	12
Casinha equipada	8.7	8
Livros	7.6	7

A maior parte dos participantes (61.4%, n=116) revelam que estes materiais são insuficientes para a exploração de atividades relacionadas com a Expressão e Educação Dramática.

Também quisemos saber qual a regularidade da exploração de atividades dramáticas praticada pelos docentes que inquirimos.

Como podemos verificar na tabela que se segue (ver Tabela 6), no que diz respeito aos educadores, 182 afirmam realizar atividades de Jogo Dramático/Teatro mais do que uma vez por semana, sendo mais de metade dos inquiridos. Já no caso dos professores, podemos constatar que só 14 participantes afirmam explorar a Expressão e Educação Dramática na sua ação educativa mais do que uma vez por semana, sendo que 223 afirmam fazê-lo apenas uma vez.

*Tabela 6. Regularidade das atividades de Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática*

<b>Regularidade das atividades</b>	<b>Educação Pré-Escolar</b>	<b>1.º Ciclo do Ensino Básico</b>
Mais do que uma vez por semana	182	14
Uma vez por semana	59	223
Uma vez por mês	9	11
Uma vez por período letivo	0	2
Uma vez por ano letivo	0	0

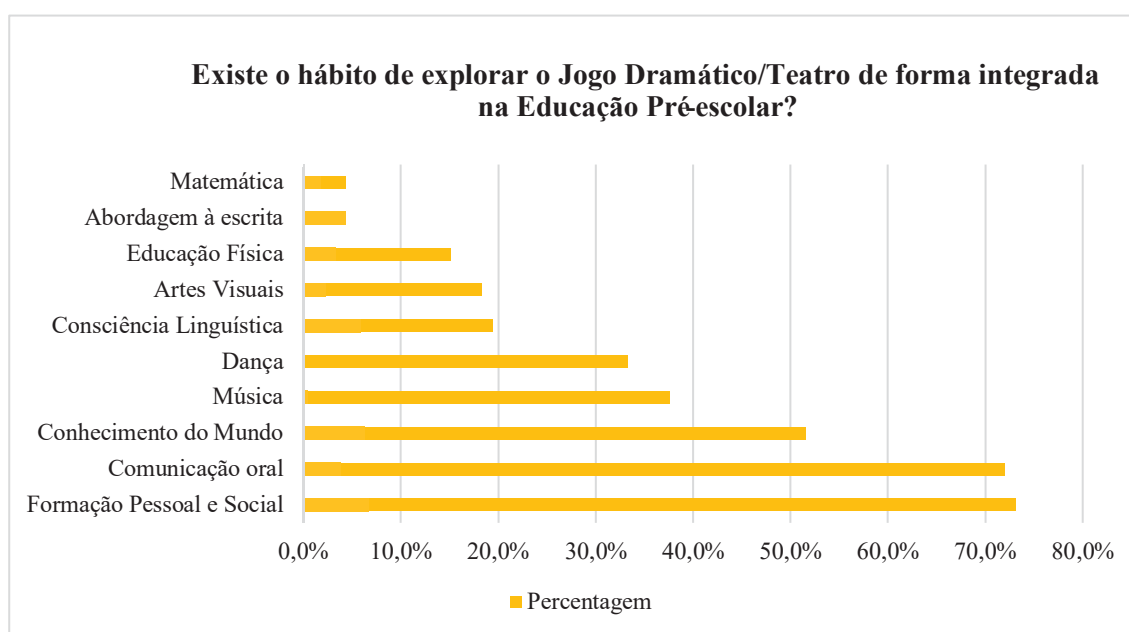
Quisemos também saber em que contextos pedagógicos se desenvolviam tais atividades (ver Tabela 7). Verificou-se que 85.6% (n=214) dos inquiridos afirmaram que o faziam “no cumprimento da sua planificação semanal desta área” 84.4% (n=211) reconheceram que exploram esta área “Associada à exploração de outras áreas do currículo”, 72.8% (n=182) apontaram que o faziam “Em datas comemorativas e quadras festivas” e 37.6% (n=94) “como forma de relaxar o grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho”.

**Tabela 7.** Frequências e percentagens relativamente ao contexto de exploração do Jogo Dramático/Teatro ou Expressão e Educação Dramática

<b>Contexto da exploração das atividades de Jogo Dramático/Teatro/ Expressão e Educação Dramática</b>	<b>%</b>	<b>n</b>
No cumprimento da planificação semanal em cada área de expressão	85.6	214
Na exploração de outras áreas do currículo	84.4	211
Em datas comemorativas e festivas	72.8	182
Como forma de relaxar o grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho	37.6	94

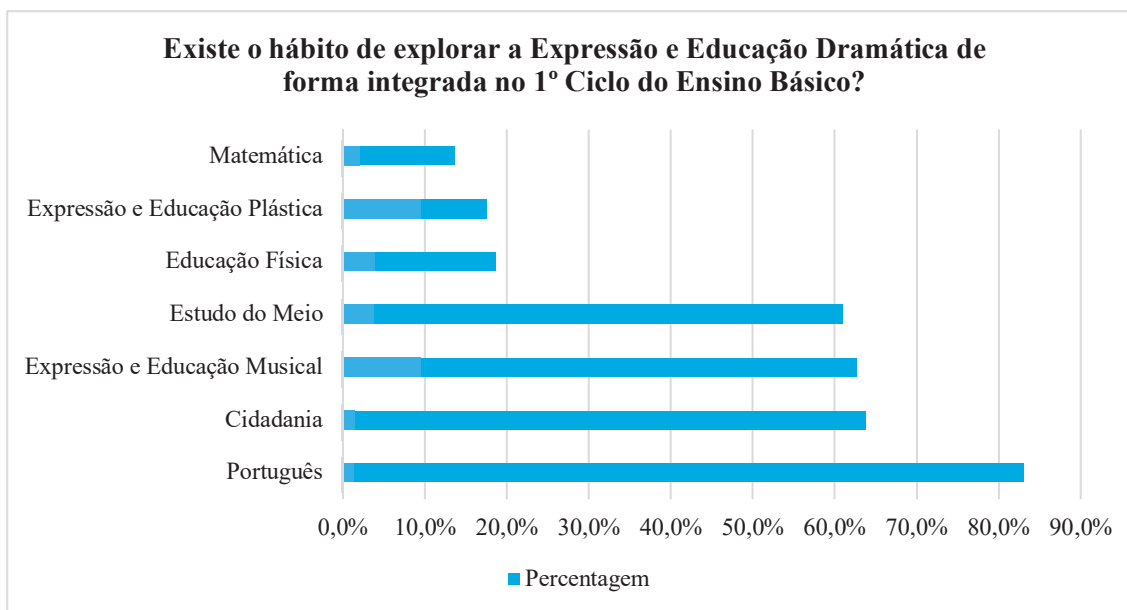
Foram ainda adiantados outros contextos de exploração, como “forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias”, “como complemento às áreas de Português, Matemática, Cidadania e Estudo de Meio”, ou ainda “Por solicitação dos alunos” ou inseridos nos “Projetos da escola”.

Quando questionados os docentes se tinham por hábito explorar o Jogo Dramático/Expressão Dramática de forma integrada. No caso dos Educadores de Infância, tal como se percebe na figura que se segue, 93 participantes afirmam fazê-lo, sendo, os mais expressivos, 73.1% (n=68) no âmbito da Formação Pessoal e Social, 72% (n=67) no âmbito da Comunicação Oral e 51.6% (n=48) ao nível do Conhecimento do Mundo (ver Figura 7).



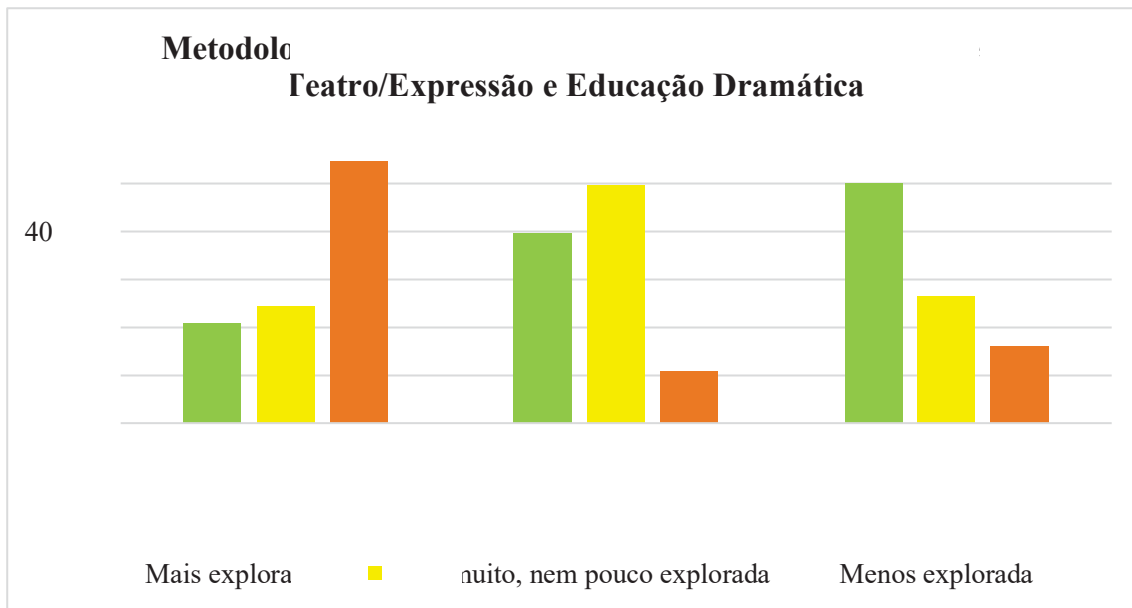
**Figura 7 – Exploração integrada do Jogo Dramático/ Teatro na Educação Pré-Escolar**

Já no cenário curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico, 117 dos professores afirmam fazê-lo, nomeadamente, 83.1% no âmbito da Língua Portuguesa (n=147), 63.8% no âmbito da Cidadania (n=113), 62.7% no âmbito da Expressão e Educação Musical (n=111) e 61% Estudo do Meio (n=108). Esta informação pode ser consultada abaixo (ver Figura 8).



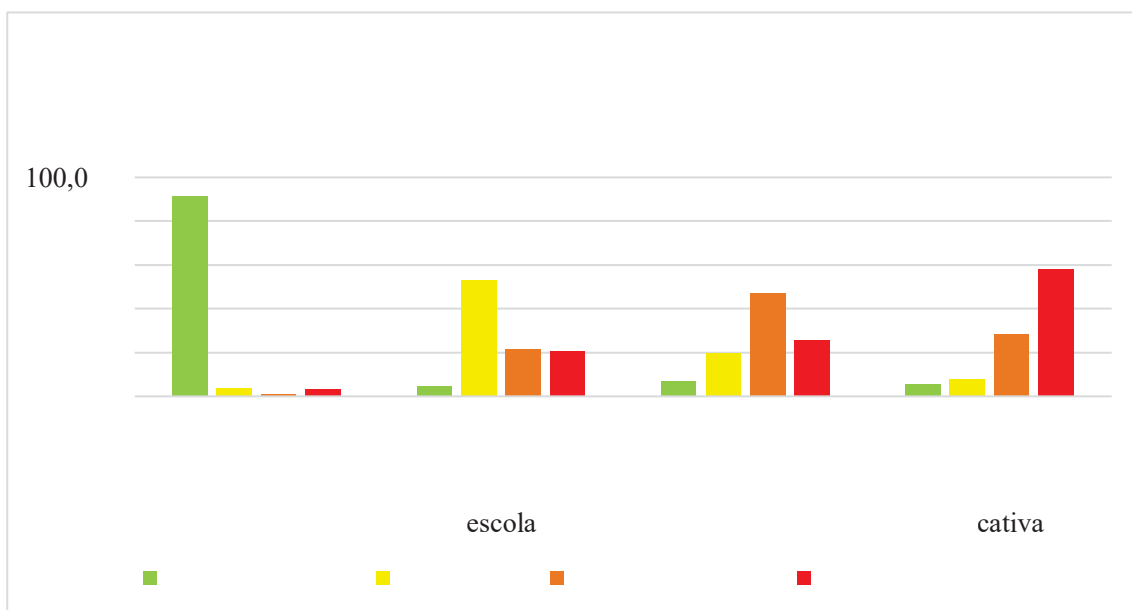
**Figura 8** - Percentagem de participantes que exploram de forma integrada a Expressão e Educação Dramática no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relativamente à metodologia utilizada aquando da exploração do Jogo Dramático e Teatro/Expressão e Educação Dramática 125 dos docentes (50%) revelam realizar estas atividades em contexto de grande grupo, sendo que 137 (54.8%) revelaram não desenvolver estas atividades a nível individual (ver Figura 9).



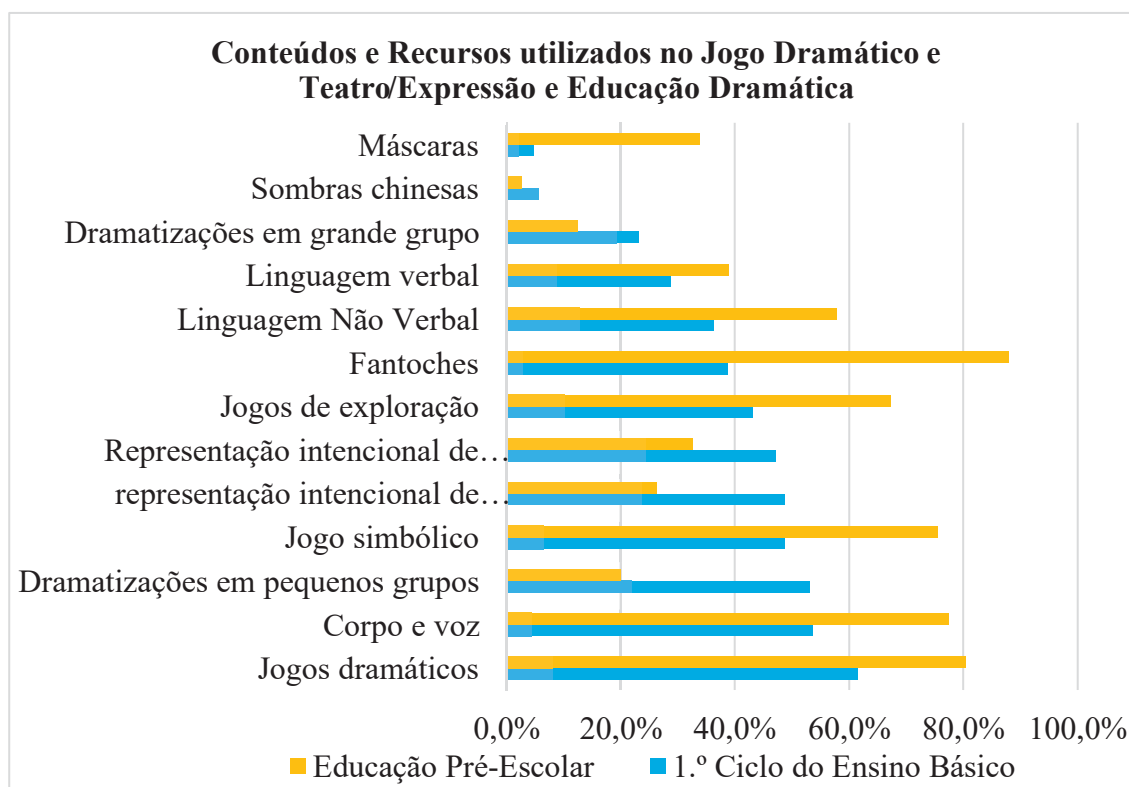
**Figura 9** - Frequência de atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão e Educação Dramática por metodologia

Já ao nível da abrangência e amplitude de tal exploração (ver Figura 10), os participantes revelaram que a maior parte das atividades é desenvolvida ao nível do grupo de turma (91.6%, n=229), ou envolvem outras turmas (52.8%, n=132). Já o envolvimento de toda a escola e de toda a comunidade educativa são apresentados como os menos comumente utilizados com uma percentagem de 25.6% (n=64) e 58% (n=145), respetivamente.



**Figura 10** - Abrangência das atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão e Educação Dramática por abrangência da comunidade educativa

Continuando a análise dos nossos resultados, podemos verificar através dos seguintes dados (ver Figura 11), que no que respeita aos conteúdos e recursos específicos da área de Expressão Dramática, os educadores referem utilizar sobretudo os fantoches (88%, n=220) e os jogos dramáticos (80,4%, n=201) e utilizam menos as sombras chinesas (2%, n=5). Relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, os Professores revelam recorrer com maior frequência aos jogos dramáticos (61.6%, n=154) e com menor frequência às máscaras (4,8%, n=12).



*Figura 11 - Percentagem de conteúdos e recursos usados no âmbito da Expressão e Educação Dramática.*

Relativamente à reação das crianças às atividades propostas, as respostas foram todas no sentido positivo, com exceção para 18.1% (n=42) dos casos em que revelaram que as estas apresentavam muita vergonha/inibição. Em seguida, são apresentados alguns dos testemunhos dados pelos Educadores/Professores, referentes ao modo como as crianças costumam reagir.

*“As crianças ficam entusiasmadas”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Em geral reagem bem, havendo uma mistura de reações. Há aqueles que ficam muito entusiasmados e participam, há aqueles que ficam nervosos/envergonhados em participar e expor-se perante o grupo e há aqueles que ficam estáticos ou se recusam a participar”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“A maioria reage bem, embora haja alunos que não gostam de participar por inibição”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“As crianças aderem com muita facilidade às atividades propostas”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço).

*“As crianças, no geral, reagem positivamente, numa euforia contagiante. Porém as crianças mais tímidas preferem manter-se junto ao educador ou mais afastadas do olhar dos outros coleguinhas”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha da Graciosa, 6 a 10 anos de serviço).

*“Primeiro ficam apáticas e depois participam ativamente”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Perguntam sempre, “quando vai ser a próxima vez”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“As crianças adoram! Sentem-se motivadas, interessadas e muito criativas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“Para já, com alguma reserva, vergonha”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha da Terceira, 16 a 20 anos de serviço).

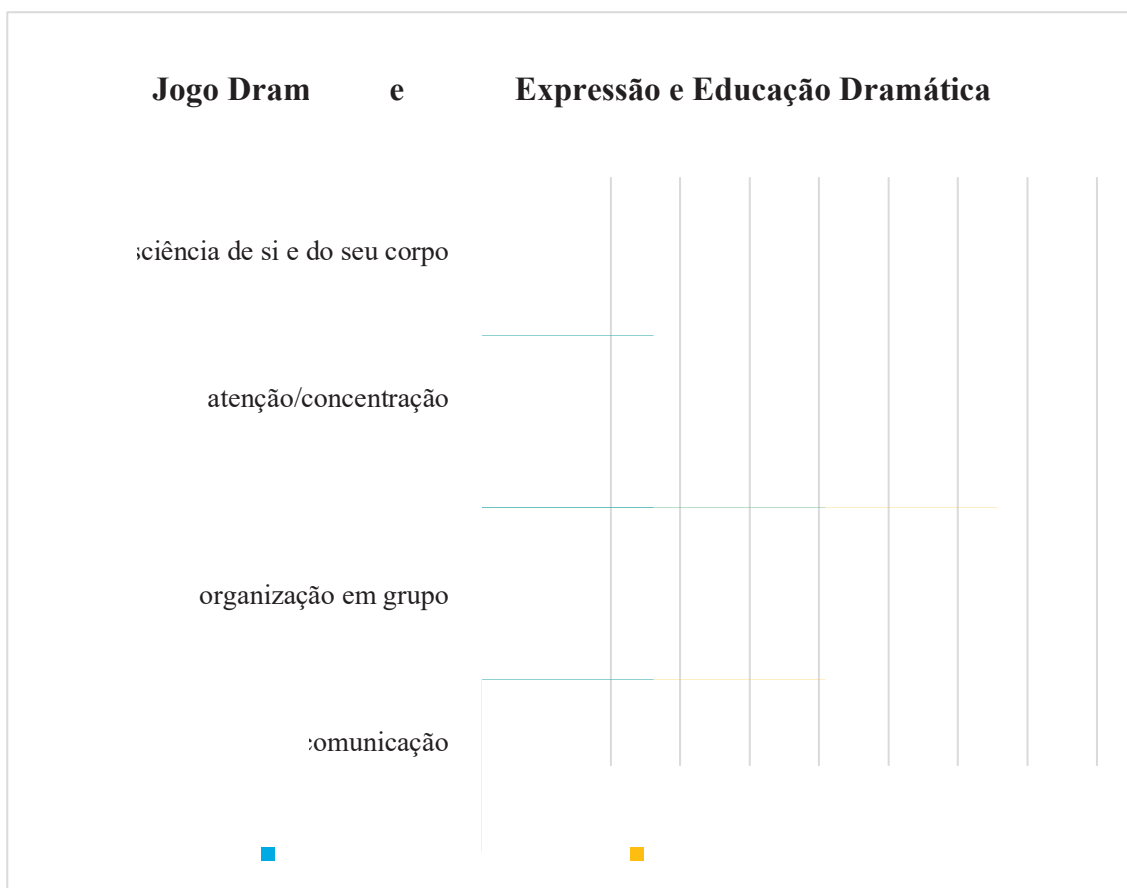
*“Numa fase inicial, ficam mais inibidos. Gradualmente vão explorando o seu corpo e mostrando mais à vontade consigo próprios e com os colegas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“Os alunos mostram bastante interesse e pré-disposição”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

Quando questionados sobre quais as competências ou capacidades desenvolvidas na sequência da exploração desta área (ver Figura 12) os Educadores apontaram sobretudo a criatividade/imaginação (n=79) e a comunicação (n=43), e referiram menos a motivação (n=3). A mesma tendência ocorreu em relação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo que os Professores destacam a criatividade/imaginação (n=49) e, no sentido oposto, a motivação (n=2).

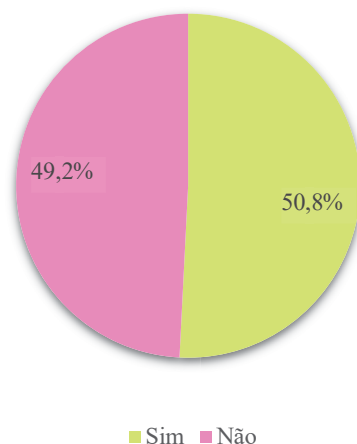


**Figura 12 - Opiniões sobre as competências desenvolvidas no âmbito do Jogo Dramático/ Teatro e Expressão e Educação Dramática**

Passemos agora à análise dos desafios apontados pelos participantes relativamente à realização de atividades no âmbito da Expressão Dramática. De acordo com os dados recolhidos, o maior desafio referenciado foi a falta de tempo (28%, n=70), seguido da falta de recursos materiais (16%, n=40) e, por fim, da dificuldade das crianças em se desinibirem para realizar as atividades propostas (13.2%, n=33).

Quanto questionados se ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área, 50.8%(n=127) participantes afirmam que sim (ver Figura 13).

### Dificuldades reveladas na exploração de atividades dramáticas



**Figura 13** – Dificuldades reveladas na exploração de atividades dramáticas

De entre os participantes que mencionaram ter dificuldades, 34.5% (n=38) revelaram que a sua principal dificuldade passava pela falta de tempo para a realização deste tipo de atividades, bem como pela falta de recursos materiais e/ou humanos (25.5%, n=28), por dificuldades em criar/diversificar atividades (21.8%, n=24) e ainda pela falta de formação específica na área de Expressão Dramática (19.1%, n=21). Nos relatos que se seguem os docentes partilham esta realidade:

*“Não ter um espaço próprio limita muito o desempenho da atividade e por vezes não saber bem que tipo de atividade realizar para atingir certos objetivos”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“É uma área que por vezes cai no esquecimento devido aos programas extensos do português e da matemática e acabamos por dar prioridade às últimas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“Falta de competências pessoais/profissionais (sinto que não domino devidamente as potencialidades da expressão dramática)”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Um programa muito extenso e falta de espaços adequados”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“Gestão do tempo, ideias novas para motivar os alunos”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“O pouco tempo para cumprir programas curriculares tão extensos”*.  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

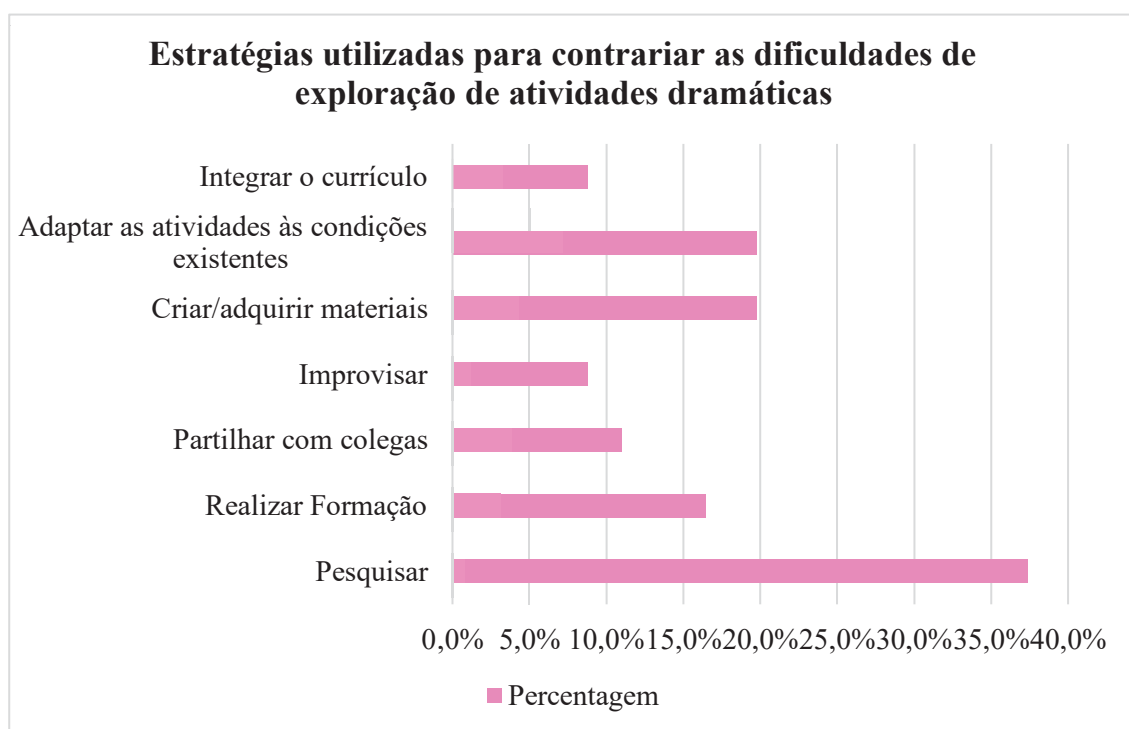
*“Tendo em conta que não faz parte das minhas áreas prediletas e conseqüentemente daquelas em que me sinto mais à vontade, por vezes, tenho dúvidas se estou a dar o meu melhor”*.

(Educador(a) de Infância, Ilha do Faial, > 30 anos de serviço).

*“Alunos com pouco à-vontade para realizar determinadas tarefas”*.  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“Fazer com que todas as crianças se desinibam e participem sem constrangimentos”*.  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

Também quisemos perceber a forma como os docentes ultrapassavam as dificuldades encontradas na lecionação do *Jogo Dramático e Teatro/Expressão e Educação Dramática*. Na Figura que se segue (ver Figura 14), partilhamos as estratégias por eles adiantadas. Algumas das estratégias avançadas pelos participantes para colmatar as dificuldades anteriormente explanadas foram: a pesquisa (37.4%, n=34), a realização de formação (16.5%, n=15), a colaboração com outros colegas (11%, n=10), a aquisição/criação de materiais (19.8%, n=18) e a adaptação das atividades às condições da escola (19.8%, n=18).



**Figura 14** – Estratégias utilizadas para contrariar as dificuldades de exploração de atividades dramáticas

Também pedimos aos nossos participantes para traduzirem, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para o desenvolvimento da criança. Do conjunto das suas respostas, destacamos as seguintes:

*“Desenvolvimento da Criatividade”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Crianças felizes têm mais gosto pela aprendizagem”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“É importante para que as crianças explorem inúmeras coisas e, em simultâneo, desenvolvam muitas competências”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Criatividade, desenvolvimento da imaginação e da linguagem oral”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Diria a frase de Robert Fulghum "A Sabedoria não se encontra no topo de um curso de pós-graduação, mas no montinho de areia da escola de todo o dia”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“Esta área permite que a criança consiga se expressar e envolver com o grupo 25 "Aprender brincando e representando”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Esta área é muito importante, melhora o desempenho ao nível da matemática e não só”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“Meio de aquisição de autoestima e confiança pessoal”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“Ajuda na comunicação, na interação, no respeito pelo outro e por realidades diferente”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“É um tipo de área que poderá ser transversal e bem articulada com outras áreas poderá ser um meio mais fácil e lúdico didático da criança adquirir outros conhecimentos”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, < 5 anos de serviço).

*“Sobretudo para crianças com NEE é uma das áreas mais importantes para o seu desenvolvimento pessoal e cognitivo, fazem-nos sentir mais capazes e menos integrados no grupo dito norma”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de Santa Maria, 6 a 10 anos de serviço).

*“Expressão Dramática tem múltiplos fins pedagógicos”.*  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 16 a 20 anos de serviço).

*“Possibilidade de Sonhar”.*  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, > 30 anos de serviço).

*“Entrar no mundo do faz se conta uma vez que a vida às vezes apresenta desafios muito duros”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, < 5 anos de serviço).

Concluimos esta parte no nosso questionário fazendo um pedido aos docentes que inquirimos no sentido de *aconselharem um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar o Jogo Dramático/Teatro/ a Expressão e Educação Dramática nas suas práticas diárias*. Do conjunto de todos os conselhos que adiantaram, seleccionámos aqueles que partilhamos de seguida:

*“O melhor conselho é primeiro libertarmos a criança que há em nós, de seguida despertamos todas as outras”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Criar uma área na sala com fantocheiro e fantoches, uma caixa de adereços (roupas, sapatos, malas) para poderem explorar livremente”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Estar atenta aos momentos em que pode explorar o jogo dramático”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, >30 anos de serviço).

*“Começar pela exploração de jogo dramático a partir de brincadeiras de faz de conta”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Seja cativante, procure informação e divirta-se”*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Arriscar, libertar-se da timidez e empenhar-se de alma e coração na atividade que está a ser desenvolvida”.*  
(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Descolar-se da planificação, ouvir as crianças, deixar-se envolver”.*  
(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Que as expressões podem ser uma forma divertida de as crianças aprenderem coisas muito sérias”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Acho que não existem receitas, mas é preciso conhecer as potencialidades das expressões no desenvolvimento pleno e equilibrado das crianças para que cada um lhe reconheça a profunda importância”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Munir-se e intercalar recursos que as crianças possam manipular, permitir expressão livre dos mesmos a par da orientada. Explorar diferentes possibilidades enriquecendo a experiência da turma através de fantoches, sombras, mímicas na própria pessoa”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Usar esta área associada à exploração de outras áreas do currículo para o desenvolvimento global da criança (cognitivo, emocional, afetivo, relacional...)”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço).

*“Dê largas à imaginação, parta dos interesses dos alunos, desperte a curiosidade, valorize as ideias de cada um”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

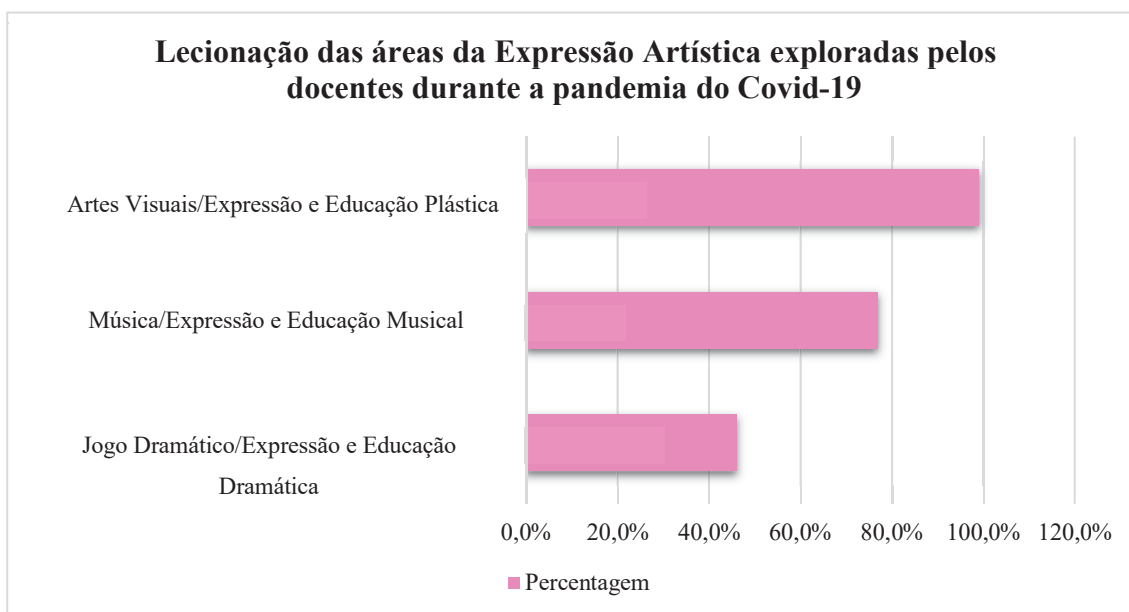
### **2.2.1.6. As Expressões Artísticas no ensino à distância**

O ensino à distância assumiu-se como um contexto de grandes constrangimentos para tem muitos Educadores/Professores, um verdadeiro desafio, que estávamos longe de pensar vir a acontecer. Foi no sentido de compreender tais constrangimentos, bem como a forma como foram contrariados, que criamos um tópico com questões referentes ao trabalho realizado nesta tipologia de ensino.

Assim sendo, uma vez que a presente recolha de dados foi realizada no decorrer da Pandemia de Covid-19, optamos por analisar a exploração da Expressão e Educação Dramática em relação ao ensino à distância. A este nível verificamos que 79.2% (n=198) dos participantes revelaram ter orientado os seus alunos na realização de trabalhos na área das Expressões Artísticas.

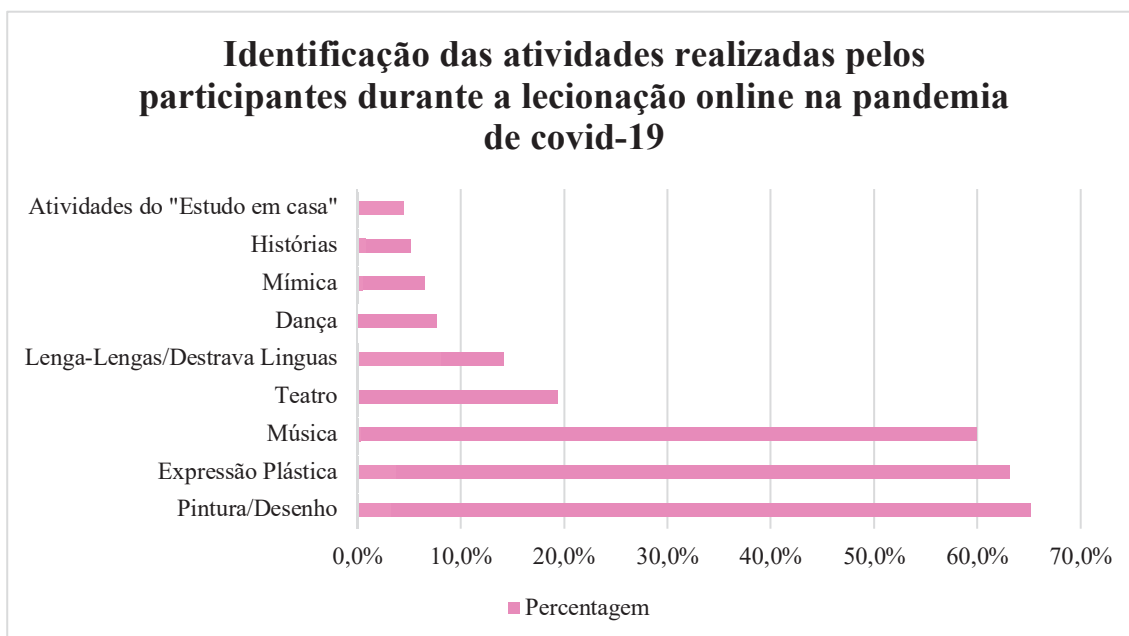
A Figura que se segue (ver Figura 15) permite analisar as áreas onde ocorreu a maior percentagem de orientações nas diversas áreas da Expressão Artística. Deste modo, a maioria das propostas decorreu na área de Artes Visuais e Expressão e Educação Plástica com uma percentagem de 99% (n=196), seguida da Música e Expressão e

Educação Musical com uma percentagem de 76.8% (n=152), sendo a menor percentagem a verificada, uma vez mais, no contexto curricular das atividades dramáticas (46%, n=91).



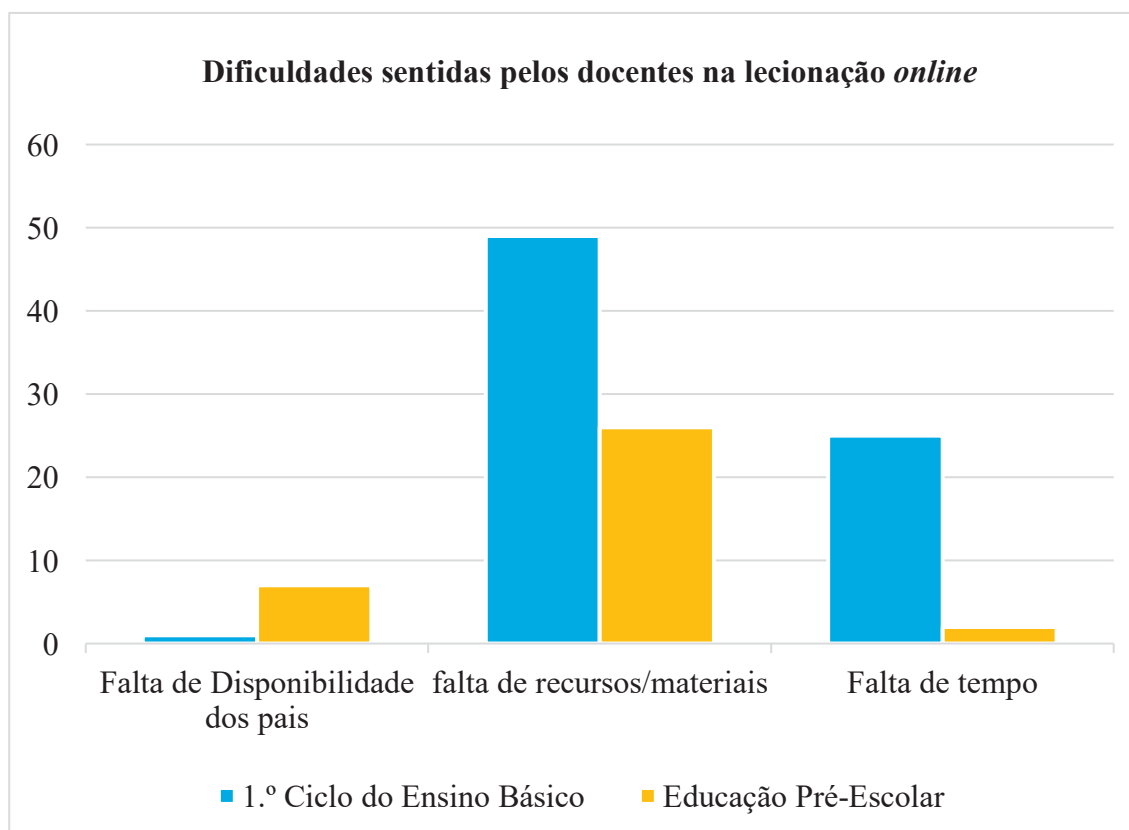
**Figura 15** – Percentagem de lecionação das áreas da Expressão Artística exploradas pelos docentes durante a pandemia do Covid-19

Os participantes apontaram diversas atividades realizadas *online* (Figura 16), como a pintura e o desenho, com uma percentagem de 65.2% (n= 101), seguidos da Expressão Plástica, na sua globalidade, com 63.2%(n= 98) e da Música com 60% (n= 93).



**Figura 16** – Percentagem das atividades realizadas durante a lecionação online devido à pandemia de Covid-19.

Quando questionados sobre eventuais dificuldades na exploração das Expressões Artísticas no contexto *online*, 54.8% (n=114) dos participantes revelaram que não sentiram quaisquer dificuldades. Por fim, quanto às contrariedades, tanto os Educadores como os Professores referem como maior dificuldade a falta de recursos tecnológicos e materiais para a realização das tarefas (n=49 e n=26, respetivamente). Na Figura que se segue, apresentamos esta realidade, evidenciando os dois níveis educativos (ver Figura 17).



**Figura 2** – Frequência de cada uma das dificuldades sentidas pelos participantes na leção online.

Por forma a percebermos de forma mais objetiva a natureza e variedade das dificuldades apresentadas, seleccionámos alguns dos relatos dos docentes que partilhamos de seguida:

*“O distanciamento, as condições sonoras e de espaço, falta de materiais, por parte de alguns alunos”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Pouca importância dada pela família às expressões”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 11 a 15 anos de serviço).

*“Não estar em contacto presencial com os alunos”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, >30 anos de serviço).

*“Foi difícil a concretização de atividades nas áreas de Expressão Musical e Dramática. Eu dava sugestões, mas recebi pouco feedback”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, >30 anos de serviço).

*“Nem todos os alunos tinham acesso às novas tecnologias para realizar as atividades propostas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço).

*“Não ter certezas absolutas do tipo de apoio recebido”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Era necessário o apoio familiar para algumas atividades e nem todos estavam sensibilizados para a importância das mesmas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“A realização de trabalhos em grupo devido à pandemia”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, >30 anos de serviço).

*“Especialmente na musical e dramática foi muito pouco o feedback de gravações das atividades propostas. Na expressão dramática foram feitas e fotografadas as atividades propostas, resta confiar que foram feitas pelas crianças ou em conjunto”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 26 a 30 anos de serviço).

Por fim, de modo a fecharmos o nosso questionário, decidimos interrogar os Educadores/Professores acerca de como foi trabalhar as Expressões Artísticas à distância, sendo que lhes pedimos para fazerem um breve balanço desta experiência. Adiantámos ainda para, no caso de terem optado por não explorar as Expressões Artísticas durante o(s) período(s) de ensino à distância, indicarem a(s) razão(ões) que esteve/estiveram na base da sua decisão.

Do conjunto das suas respostas, 18% (n=45) dos docentes consideraram uma experiência pouco positiva, 48,8% (n=122) salientaram que esta experiência foi positiva, enquanto 25,2% (n=63) confessaram não terem explorado as Expressões Artísticas durante o período de ensino à distância. Ainda 8% (n=20) salientaram que não realizaram ensino à distância. De forma a conhecermos algumas das opiniões dos Educadores/Professores acerca deste desafio, seguem-se alguns testemunhos. Os

Educadores/Professores que se exprimiram de forma positiva em relação à exploração das Expressões Artísticas no ensino à distância salientaram que:

*“As crianças tiveram oportunidade de as explorar com as famílias”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, <5 anos de serviço).

*“Foi uma boa experiência. Os discentes tiveram mais tempo para a realização das atividades propostas e a ajuda fundamental dos seus progenitores na realização das tarefas”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço).

No contexto das opiniões mais negativas, os docentes apontaram a dificuldade no acompanhamento das tarefas, a falta de motivação e empenho dos alunos e dos pais ou ainda a pouca disponibilidade de materiais a utilizar. Nas suas palavras:

*“Foi uma má experiência pois não conseguimos acompanhar devidamente os alunos”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha de São Miguel, 21 a 25 anos de serviço).

*“Não foi a melhor experiência, pois os alunos nem sempre se empenhavam ao máximo. Também nem sempre foi fácil dar feedback aos mesmos pois não conseguia ver os trabalhos finalizados”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço).

*“Foi um trabalho ingrato e solitário”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Foi pouco enriquecedora a experiência”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha Terceira, >30 anos de serviço).

*“Foi redutor. Foi apenas sugerir ideias... nem sempre contactando com o produto final”.*

(Educador(a) de Infância, Ilha de São Miguel, 6 a 10 anos de serviço).

*“Foi difícil pois por mais simples que a atividade fosse havia sempre um senão da parte dos alunos ora porque não tinham materiais ora porque não compreendiam a atividade proposta”.*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço).

*“Foi difícil trabalhar as expressões artísticas à distância, por um lado porque considero que o contacto entre aluno/professor se perde um pouco em termos de orientação e gestão de tarefas e, por outro, porque infelizmente muitos pais acham que não é prioridade proposta”*

(Professor(a) 1.º CEB, Ilha Terceira, 11 a 15 anos de serviço).

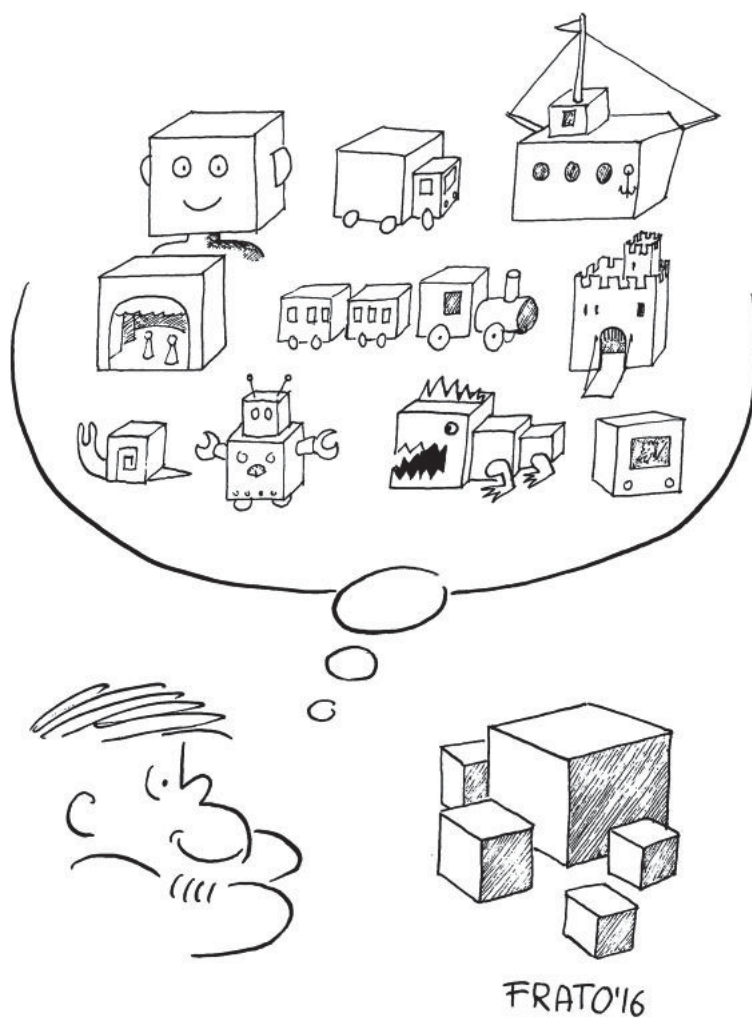
De forma a concluir este estudo empírico que incidiu sobretudo na análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário aplicado a Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca do papel das Expressões Artísticas e sobretudo da Expressão Dramática, entendemos que este permitiu-nos, sem dúvida, um enorme manancial de aprendizagens.

É importante referir que, apesar do tempo que tínhamos disponível, conseguimos recolher uma amostra significativa de dados, que nos permitiu compreender melhor as conceções dos Educadores/Professores sobre estas matérias, aspetos que nos ajudaram a refletir sobre as nossas próprias práticas e nos inspiram a fazer novos voos.

Em jeito de síntese, não escondemos o quão inspiradora foi para nós a análise dos dados em causa, que nos ajudaram a melhor compreender os contextos de exploração da área que decidimos aprofundar neste Relatório, bem como seu potencial ao serviço da nossa ação educativa diária, aspetos sobre os quais nos debruçaremos nos Capítulos que se seguem.

# Capítulo III

## Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar



- 3. Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar
  - 3.1. Caracterização dos contextos
    - 3.1.1. O Meio Envolvente
    - 3.1.2. O Núcleo Escolar
    - 3.1.3. A sala de atividades e a rotina
      - 3.1.3.1. Organização do espaço
      - 3.1.3.2. Organização da rotina diária
  - 3.2. Caracterização do grupo de crianças
    - 3.2.1. As necessidades do grupo de crianças
  - 3.3. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar
    - 3.3.1. A Expressão Dramática em contexto de estágio pedagógico
      - 3.3.1.1. Os Fantoches e as histórias infantis
      - 3.3.1.2. As Máscaras como suportes de expressão
      - 3.3.1.3. Os Jogos Dramáticos na rotina diária
  - 3.4. Em jeito de síntese...

### **3. Práticas Educativas em contexto da Educação Pré-Escolar**

#### **3.1. Caraterização dos Contextos**

Os diferentes contextos que envolvem a Educação Pré-Escolar são muito importantes e fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Tal como defende o documento que orientou os nossos trabalhos neste nível educativo, “as organizações educativas são contextos que exercem determinadas funções, dispendo para isso de tempos e espaços próprios e em que se estabelecem diferentes relações entre os intervenientes” (Silva et al., 2016, p. 21).

##### **3.1.1. O Meio Envolve**

A caracterização e o conhecimento do meio onde se insere o núcleo escolar é um aspeto fulcral, pois segundo Roldão (2004, referenciado por Silva, 2015), “o meio é, por si mesmo, um factor de motivação “natural” para a criança e o conhecimento da realidade próxima é o mais imediato e atractivo dos conhecimentos” (p. 28). É neste sentido que é fundamental conhecer o meio onde o núcleo escolar se insere, procurando convocá-lo nas práticas pedagógicas.

No que concerne à freguesia onde o núcleo escolar se inseria, podemos afirmar que esta se localizava na zona oeste da ilha de São Miguel e pertencia ao concelho de Ponta Delgada, possuindo, aproximadamente, uma área de 4,05 km<sup>2</sup> e cerca de 4475 habitantes, na altura em que realizámos o nosso estágio.

É importante mencionar que, na freguesia em questão, existiam três instituições principais, nomeadamente uma Junta de Freguesia, uma Casa de Saúde e uma Igreja sendo a festa desta padroeira, no dia 15 de agosto, um dos momentos festivos mais importantes daquela localidade. Relativamente à vertente cultural da freguesia, existia uma Casa do Povo, um Centro Cultural e Social, um Centro de Estudos, um Museu e um Centro de Interpretação da Cultura. Existia ainda uma Banda Filarmónica, um Grupo Folclórico, um Rancho de Romeiros, um grupo do Corpo Nacional de Escutas, alguns grupos de catequese, o grupo coral da igreja, o grupo desportivo e um grupo de Teatro.

Ao longo do tempo, esta foi uma zona que sempre apostou no desenvolvimento dos seus serviços, porém, a agricultura é e sempre foi a atividade mais explorada na freguesia.

Após esta abordagem acerca do meio envolvente do núcleo escolar, podemos perceber que a freguesia onde se inseria o núcleo escolar era muito aliciante e ativa, no âmbito em que possuía bastantes grupos e atividades dinâmicas, que podiam e deviam ser uma mais-valia no desenvolvimento das nossas atividades do estágio, contribuindo assim,

em muito, para o desenvolvimento e para a aprendizagem das crianças. Apesar de alguns destes espaços terem demonstrado abertura e disponibilidade para receber as crianças, não foi possível explorá-los, uma vez que a logística dos transportes não se revelou muito acessível.

### **3.1.2. O Núcleo Escolar**

Nos dias de hoje, a criança passa muito do seu tempo na escola e, como tal, esta deve transmitir-lhes segurança, conforto, confiança, procurando promover também a sua identidade, oportunidades de comunicação e de crescimento pessoal. Neste âmbito, “o estabelecimento educativo tem uma influência determinante no trabalho que o/a educador/a realiza com o seu grupo de crianças e pais/famílias, bem como na dinâmica da equipa educativa” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 21)

Relativamente ao núcleo escolar onde decorreu o Estágio Pedagógico I, importa referir que este era um dos núcleos pertencentes a uma Escola Básica Integrada da Cidade de Ponta Delgada. No que concerne ao seu horário de funcionamento, podemos verificar que o edifício escolar tinha abertura às 08h00 e encerramento às 16h30. Excecionalmente, encerrava mais tarde, aquando da ocorrência de reuniões escolares. As atividades escolares iniciavam-se às 8h30, havendo um intervalo às 10h00 e outro, posteriormente para o almoço das 12h40 às 13h40. Na parte da tarde, as atividades letivas decorriam até as 14h25.

Ao nível de espaços interiores, o núcleo escolar era composto por doze salas de aula destinadas à lecionação do 1.º Ciclo do Ensino Básico, outras cinco para a Educação Pré-Escolar e uma sala destinada ao laboratório de Energias Renováveis. Para além destas salas, existia um gabinete Biblioteca escolar/Multiusos, um gabinete destinado à coordenação, outro destinado à reprografia e nove que serviam de apoio. O núcleo escolar contava com dezoito casas de banho, das quais catorze eram para as crianças, duas eram destinadas às crianças portadoras de deficiências físicas e outras duas estavam reservadas para os professores. A nível de arrecadações, podíamos contar com quatro, sendo que todas elas serviam para arrumar material. O núcleo escolar continha uma cozinha, acompanhada por um refeitório, um polivalente, acompanhado por dois balneários e vestuários e ainda um espaço de receção às crianças/alunos.

No que diz respeito aos espaços exteriores, importa salientar que existia uma vedação no perímetro de todo o núcleo escolar e que os portões estavam sempre fechados, sendo as entradas e saídas controladas por dois assistentes operacionais, que possuíam a

chave dos tais portões. No exterior da escola existia uma área de cimento e outra de relva, dois espaços para atividades lúdicas onde o piso era revestido por um material que amortecia quedas e duas áreas cobertas.

No âmbito da equipa docente referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionavam doze professores titulares de turma, dos quais uma professora dava apoio educativo e fazia substituição, e outra professora, que assumia funções de coordenadora do núcleo escolar, que possuía a sua própria turma. Existiam ainda três professores de Educação Física, duas professoras da área do Inglês; uma professora da área da Expressão Musical, que lecionava ao 2.º e 3.º ano de escolaridade, uma docente de Expressão Moral Religiosa e Católica e duas docentes especializadas em Educação Especial.

É de realçar que no 1.º Ciclo do Ensino Básico trabalhavam ainda cinco assistentes operacionais, duas bolseiras e uma técnica especialidade em Necessidades Educativas Especiais.

No que diz respeito à equipa docente da Educação Pré-Escolar, esta contava com sete educadoras, sendo que uma não tinha grupo próprio, logo dava apoio educativo, estando sempre preparada para substituir uma colega em caso de necessidade. Existiam também quatro assistentes operacionais.

Importa mencionar que o núcleo escolar estava a desenvolver um projeto intitulado por: “Espelho Meu, Espelho Teu”. Este era um projeto que estava a ser desenvolvido por uma educadora de infância que pretendia explorar a Expressão Dramática, junto dos grupos da Educação Pré-Escolar, aspeto que nos agradou bastante, considerando o tema que havíamos escolhido aprofundar ao longo do nosso estágio.

De uma forma geral, no âmbito do contexto escolar, podemos verificar que o núcleo escolar apresentava espaços que asseguravam o bem-estar e a segurança das crianças, tendo a preocupação de responder às suas necessidades.

### 3.1.3. A sala de atividades e a rotina

#### 3.1.3.1. Organização do espaço

Como sabemos, a organização do espaço da sala “é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 21).

Na nossa opinião, a sala de atividades era ampla, possuindo bastantes janelas, que permitiam entrada de luz solar, existindo cortinas que ajudavam a reduzir esta entrada de luz, quando fosse necessário. A sala estava muito bem equipada, no sentido em que podíamos contar com uma grande variedade de materiais, desde material de caráter lúdico e didático, brinquedos, jogos, entre outros. Podíamos ainda contar com bastantes arrumos, um quadro de giz e um tapete de acolhimento. Nesta sala existiam duas entradas/saídas, sendo que uma dava acesso ao interior do bloco, que era utilizada diariamente, e outra ao exterior do bloco, a utilizar em caso de emergência.

De forma a ilustrar as principais valências da sala de atividades, apresentamos, em seguida, a sua respetiva planta (ver Figura 18).

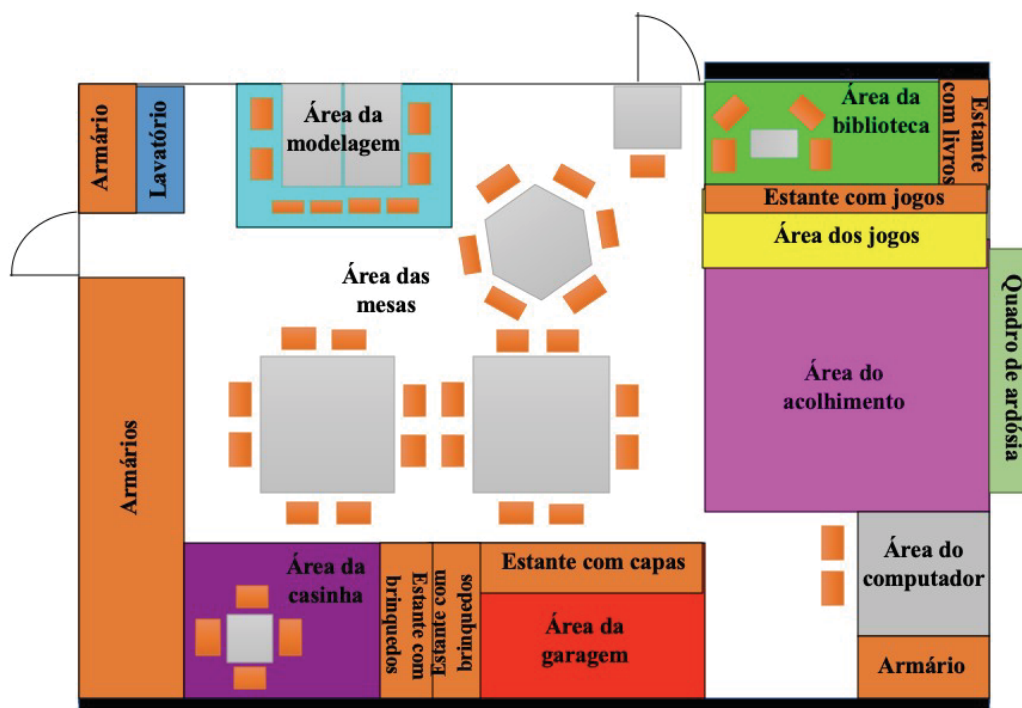


Figura 18 – Planta da sala da Educação Pré- Escolar

Ao entrarmos na sala de atividades pela porta de acesso ao bloco interior, atravessávamos as áreas lúdicas e, ao fundo da sala, encontrávamos a **área do acolhimento**, destinada à marcação das presenças, à indicação do estado do tempo e à realização de brincadeiras e atividades em grande grupo. A nosso ver, esta era uma área muito importante, onde as crianças passavam bastante tempo desenvolvendo muitas competências ao nível social, cognitivo e motor, que são muito importantes para o seu crescimento e para a sua aprendizagem.

A **área do computador** encontrava-se imediatamente à direita do tapete do acolhimento, possuindo uma secretária com um computador e uma cadeira. Esta área era muito utilizada pela Educadora titular e pelas estagiárias, mas pouco pelas crianças, devido ao facto de, a nosso ver, serem ainda muito novas e não demonstrarem muito interesse em explorar o computador.

A **área da garagem** era um espaço amplo, onde existia um tapete no chão, rodeado por duas estantes que continham diferentes tipos de peças, legos e veículos de plástico. O trabalho que as crianças realizavam nesta área tinha como principal objetivo desenvolver a interação social com os colegas, bem como a motricidade fina e grossa. Do outro lado de uma das estantes desta área, existia um armário onde as crianças guardavam as suas capas de arquivo, utilizados para arquivar os trabalhos que iam realizando. Importa referir que cada capa esta devidamente identificada com a fotografia e o nome de cada criança.

Podíamos ainda contar com a presença da **área da casinha**, que se encontrava delimitada por uma janela e dois armários. Nesta área podíamos contar com a presença de uma “cozinha”, equipada com diversos utensílios de plástico. Do outro lado existia um armário com outros objetos, igualmente de plástico, que tentavam reproduzir um cenário lúdico onde as crianças pudessem brincar ao faz de conta. No meio desta área existia um quarto de cama, o qual estava igualmente muito bem equipado, com diversas bonecas, sendo que era o sítio ideal para as crianças colocarem em prática as suas brincadeiras preferidas.

Do outro lado da sala, existia a **área da biblioteca**, situadaa num dos cantos da sala. Possuía um tapete com uma mesa e quadro cadeiras, tornando-se um lugar bastante acolhedor, para que as crianças tivessem a possibilidade de folhear os livros, com conforto. Nesta área estavam dispostos, numa estante, diversos livros destinados à leitura infantil, que abordavam diferentes tipos de conteúdos. Esta era uma área que pretendia motivar as crianças a ganharem o gosto pela leitura, procurando desenvolver também competências ao nível da comunicação e também da imaginação.

No que diz respeito à **área da modelagem**, esta encontrava-se junto a um lavatório, estando equipada com um armário, duas mesas e oito cadeiras. Este era um local destinado à elaboração de trabalhos do subdomínio das Artes Visuais, sendo que quando os trabalhos incluíam tintas, colagens, modelagens, entre outros, eram realizados nesta área. Este é um subdomínio que, na nossa opinião, deve assumir-se com muita propriedade e intencionalidade pedagógica, pois por vezes os educadores preocupam-se demasiado com a aparência do trabalho e não com a importância que a realização do mesmo tem na aprendizagem das crianças. É neste sentido que Sousa (2003, referenciado por Conceição, 2015) menciona que o facto de a criança desenhar, pintar ou modelar é a forma que arranja para transmitir o prazer e a alegria que esta lhe dá, e não é algo que devemos ver como algo produzido chamado arte, pois o que é relevante é a ação que a criança executa, não uma obra criada (p. 23).

Por fim, mas não menos importante, tínhamos no centro da sala a **área das mesas**, a qual era composta por três mesas e cadeiras para todas as crianças. A maioria dos trabalhos implementados, ao longo do decorrer do estágio, foram realizados nesta área, pois era onde todas as crianças tinham acesso a mesas com cadeiras. Quando as atividades eram realizadas em grande grupo e era necessário a utilização de materiais didáticos, era nesta área que as desenvolvíamos.

Para além das áreas acima referidas, logo nos primeiros dias de observação, e considerando os objetivos que norteariam as nossas práticas, sentimos que deveria existir uma área focada na exploração do Jogo Dramático. Decidimos criar o *Cantinho da Imaginação* que, devemos confessar, não ficou como o tínhamos idealizado, pois acabamos por nos dispersar um pouco desta ideia inicial, focando-nos nas demais atividades realizadas com as crianças.

A implementação do *Cantinho da Imaginação* surgiu logo nos primeiros dias de intervenção, pois nas nossas observações iniciais foi-nos sendo possível perceber que as crianças brincavam muito nos Cantinhos. No entanto, devido às dinâmicas que acabámos por implementar ao longo do estágio, quer nas nossas intervenções, quer nas intervenções da nossa colega, as crianças não tiveram tanto tempo para brincar nas áreas lúdicas da sala. Na realidade, entendemos que as nossas atividades eram dinâmicas o suficiente para as crianças não sentirem necessidade de brincar nas áreas. O que queremos salientar com este aspeto é que as nossas atividades diárias eram focadas no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, mas de uma forma lúdica e dinâmica, procurando não aborrecer as crianças, que estavam constantemente sintonizadas nas rotinas que

criávamos. Apesar disto, quando disponibilizávamos tempo para as crianças brincarem nos cantinhos, foi possível verificar que o grupo continuava a aderir, aspeto que nunca contrariámos e até reforçávamos por acharmos fundamental nestas idades. Neste contexto, importa-nos salientar que o número máximo de crianças por cantinho estava sempre lotado no *Cantinho da Imaginação*, aspeto que nos deixou bastante satisfeitas.

Para além destas áreas lúdicas, as paredes da sala estavam preenchidas com cartazes, com histórias e outros materiais realizados pela Educadora titular e pelas crianças. Este é um aspeto que consideramos bastante agradável, pois dava cor e conteúdo à sala, bem como nos proporcionava um certo conforto, remetendo-nos para um ambiente mais “familiar”.

No geral, consideramos que a sala estava muito bem dividida e estruturada, promovendo assim o bem-estar, a autonomia, o desenvolvimento cognitivo e físico das crianças, bem como a interação com os outros.

### **3.1.3.2. Organização da rotina diária**

Apresentada a forma como se organizava a sala que nos acolheu, interessa-nos apresentar também a forma como eram geridas as nossas rotinas diárias. Antes de mais, importa entender que uma rotina, “baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo” (Zabalza 1998, referenciado por Torrão, 2015, p. 44).

Assim sendo, tendo em conta as observações que foram sendo realizadas no início do estágio, foi possível observar que as atividades se iniciavam sempre com o acolhimento às 8h30 e, habitualmente, este momento tinha a duração de trinta minutos. Este momento do **acolhimento** era realizado no tapete, onde as crianças começavam por marcar as presenças e cantar a canção do “Bom dia”. Depois passavam à canção referente ao estado do tempo, onde o chefe do dia procedia à identificação do estado do tempo num cartaz idealizado com este intuito. De modo a terminar este momento, iniciava-se um diálogo, no qual as crianças partilhavam com os colegas as suas novidades e experiências.

Após o acolhimento, iniciavam-se as **atividades planeadas** que, por norma, duravam cerca de uma hora, terminando por volta das 10h00. É importante mencionar que nestas atividades as crianças trabalhavam as mais variadas áreas de conteúdo, relacionadas com diferentes temáticas. Às 10h00 iniciava-se o **intervalo da parte da manhã**, o qual tinha a duração de trinta minutos, disponibilizando tempo às crianças para beberem o leite e, em seguida, brincarem no recreio.

Após o toque das 10h30, as crianças dirigiam-se para a sala de atividades sentando-se no tapete do acolhimento, onde lhes eram dadas as indicações acerca da atividade seguinte. Estas indicações duravam cerca de 20 minutos, pelo que a atividade se iniciava por volta das 11h50. Neste momento, as crianças retomavam o trabalho que não tinham terminado ou iniciavam um novo. Pelas 11h45 era hora de as crianças começarem a arrumar a sala e em seguida sentavam-se no tapete do acolhimento. Posteriormente, era pedido às crianças que **formassem um comboio**, de forma a se dirigirem às casas de banho, para se dirigirem até ao refeitório, onde eram acompanhadas pela Educadora titular, por nós (estagiárias) e também pelas auxiliares até às 12h40. À medida que as crianças iam terminando a refeição, iam-se dirigindo para o recreio, onde permaneciam até às 13h40. Ao entrarem na sala de atividades, cada criança ia buscar a sua almofada e deitava-se no chão, relaxando/dormindo, ao som de uma música clássica.

Por volta das 14h15, ia sendo pedido a cada criança que se levantasse e fosse buscar a sua mochila e o seu casaco ao exterior da sala, sentando-se em seguida no tapete de acolhimento. Pelas 14h25, as crianças formavam um comboio, o qual se dirigia à saída do núcleo escolar. É necessário referir que três crianças ficavam no ATL do núcleo escolar, sendo que, por este motivo, não se dirigiam à saída, aguardando pelas monitoras no pátio escolar.

O facto de se cumprirem estas rotinas diárias é no nosso entender um aspeto fundamental pois, tal como defende Gonçalves (2015), a rotina oferece à criança oportunidades de se auto-organizar e de se autonomizar e, num processo isomórfico, permite ao educador se auto-organizar para observar as necessidades e interesses de cada criança e do grupo, para lhes proporcionar o desenvolvimento de múltiplas e diferentes atividades. Nesse sentido, entende-se que uma rotina em que o educador demonstre atenção à criança nas diferentes situações, incentivando-a a resolver os seus problemas de maneira autónoma, a traçar a sua história, a tomar decisões, contribui para a construção da autonomia na infância (p. 51).

Explicada a nossa rotina, interessa-nos igualmente caracterizar, em traços gerais, o grupo de crianças que nos foi confiado. É o que nos propomos fazer de seguida.

### **3.2. Caracterização do grupo de crianças**

O grupo era constituído por vinte crianças, das quais treze eram do sexo masculino e as restantes sete eram do sexo feminino, apresentando idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Como podemos ver pela diferença de idades, o grupo era composto por crianças com idades muito distintas, o que significa que estavam em fases de crescimento bastante diferentes, sendo necessário um cuidado extra, por parte do educador, procurando responder às necessidades específicas de cada uma delas. Neste sentido, importa referir que uma das crianças do grupo já se encontrava neste nível educativo há cerca de 4 anos, outras duas há cerca de três anos e as restantes estavam pela primeira vez. Neste sentido, e uma vez que este estágio decorreu no início do ano letivo, foi importante ter a consciência de que a grande maioria do grupo se encontrava na fase da acomodação, enquanto as restantes já se encontravam à vontade com a rotina deste nível escolar.

No que concerne ao grupo em geral, podemos constatar que este era heterogéneo no que dizia respeito às idades, necessidades e também interesses. Neste sentido, e após as observações realizadas, foi indispensável ponderar sob as características e necessidades do grupo, permitindo planear e refletir sobre estratégias adequadas para as aprendizagens das crianças. Nesta linha de pensamento, defendemos com Rasteiro (2016) que “[o] educador deve estar constantemente em reflexão, tanto uma reflexão anterior à sua prática, como posterior, como no próprio momento da ação, sendo essa reflexão na ação que vai permitir adaptar as estratégias e ir ao encontro das necessidades das crianças” (p. 22).

#### **3.2.1. As necessidades do grupo de crianças**

Como já foi referido, o grupo de crianças com o qual trabalhamos neste Estágio Pedagógico I possuía uma grande amplitude no que diz respeito às idades das crianças. Nesta linha de pensamento, sentimos a necessidade de refletir e analisar os seus interesses e as suas necessidades, procurando atenuá-las. Fizemo-lo conscientes de que, tal como aconselha Monteiro (2015), é necessário que o educador esteja desperto para todas as necessidades do seu grupo, quer de uma forma generalizada, quer de forma individualizada, visto que cada criança transporta consigo uma realidade diferente das demais, para então conseguir definir um conjunto de intervenções capazes de

potencializar tanto as aprendizagens mais intelectuais (a matemática e as abordagens da linguagem oral e escrita, por exemplo) como as de carácter socioafetivo (p. 28).

Nos primeiros dias de observação foi possível verificar que as crianças se sentavam de forma aleatória e desordenada no tapete, pelo que consideramos necessário definir uma estratégia para contrariar esta realidade. É neste sentido que no primeiro dia de intervenção foi introduzido o tapete com os números, o qual foi apresentado como estratégia de organização dos lugares onde as crianças se deveriam sentar. Este tapete era composto por quatro filas, as quais apresentavam cores distintas e cada uma estava numerada de 1 a 5. Para além deste tapete, existia ainda um saco com diversos crachás, correspondentes aos números e cores de cada fila. No início de cada atividade, cada criança tirava um crachá do saco e sentava-se no lugar correspondente. Esta estratégia foi pensada no sentido em que, durante as observações, foi notório que as crianças se sentavam sempre ao lado dos colegas que mais gostavam, deixando de parte os mais tímidos e menos interativos. Ao longo do estágio foi possível verificar que começou a existir um ambiente de maior amizade na sala, sendo que todas as crianças se sentavam ao lado de todos os colegas, sem qualquer problema.

Outro aspeto que foi possível observar nos primeiros dias foi o facto de algumas crianças demonstrarem comportamentos de indisciplina, sendo que pouco era feito para que estes comportamentos fossem melhorados ou acabassem por desaparecer. Sendo uma fragilidade identificada no grupo, decidimos implementar um mapa de comportamento, intitulado por “Abelhas do Comportamento”. Este mapa foi construído com três abelhas que simbolizavam três emoções diferentes, mais concretamente a abelha *feliz*, a *séria* e a *triste*. Esta foi uma ideia que surgiu relacionada com o projeto do Programa *ProSucesso* que o núcleo escolar estava a desenvolver, denominado por: “Zum, Zum, Zum Sem Abelhas Não Há Vida!?”. Assim, achamos interessante utilizar as Abelhas como “vigilantes” dos comportamentos das crianças. De forma a complementar este mapa, foi também implementado um momento de avaliação/reflexão no final de cada dia, o qual foi, sem sombra de dúvida, muito interessante, pois as crianças aprenderam a esperar até ao fim do dia para “desabafarem” sobre o seu comportamento, mas também sobre o comportamento dos seus colegas, evitando-se assim as intrigas e “queixinhas” que surgiam constantemente. Importa aqui salientar que, inicialmente, as crianças tinham o hábito de apenas mencionar aspetos negativos do comportamento e nunca mencionavam os aspetos positivos. Neste sentido, e quando dialogamos com elas sobre a importância de valorizarmos os aspetos positivos do comportamento, sentimos que ficaram mais

sensibilizadas para os bons comportamentos. No final do estágio foi possível observar que o comportamento das crianças foi sempre melhorando, fazendo-nos crer que esta estratégia foi bem-sucedida.

No que concerne ao subdomínio do Jogo Dramático/Teatro podemos mencionar que, tal como já foi referido, existia um projeto intitulado de “Espelho Meu, Espelho Teu”, o qual estava a ser desenvolvido por uma Educadora de Infância daquela escola. O projeto consistia na exploração de atividades referentes à Expressão Dramática, com os grupos do Pré-Escolar e também com as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Neste contexto, percebemos que a Educadora Cooperante não realizava atividades desta área em contexto de sala de atividades, uma vez que tais conteúdos eram desenvolvidos ao longo do projeto.

Contrariar a tendência acima descrita foi talvez um dos nossos principais desafios, considerando os objetivos que tínhamos definido, logo no início deste percurso, em que a área em causa assumiu um papel de destaque. Este será um dos aspetos centrais do ponto que se segue, no qual apresentaremos os contornos da nossa ação educativa no âmbito do estágio desenvolvido nos contextos que acima descrevemos.

### **3.3. A Ação Educativa no contexto da Educação Pré-Escolar**

Depois de uma análise dos diferentes contextos do estágio na Educação Pré-Escolar, apresentaremos as atividades que foram sendo implementadas, que organizámos no quadro síntese que se segue (ver Tabela 8). No que diz respeito à organização deste quadro, nas colunas mais à direita podemos encontrar as áreas, domínios e subdomínios de conteúdo que foram trabalhados, enquanto que do lado esquerdo organizamos, por ordem cronológica, os dias referentes às várias intervenções. Nas colunas centrais listamos e numeramos todas as atividades que foram desenvolvidas ao longo dos vários momentos do estágio.

Todas estas atividades foram planeadas e implementadas com o intuito de desenvolverem competências nas mais variadas áreas de conteúdo deste nível escolar. É neste sentido que, por uma questão de organização, o quadro apresenta cada área/domínio/subdomínio de conteúdo recorrendo a diferentes cores, uma cor por cada um deles. Em cada uma das colunas, tais cores apresentam-se com tonalidades diferentes, sendo os tons mais escuros utilizados quando, na atividade em causa, as mesmas se assumiram como o foco das experiências de aprendizagem proporcionadas. Numa lógica

semelhante, utilizamos os tons mais claros quando, privilegiando a integração curricular, tais áreas foram convocadas como associadas às demais. Importa ainda clarificar que destacamos a cor todas as atividades desenvolvidas no contexto da temática que decidimos aprofundar no presente Relatório, cuja apresentação e análise guardaremos para a parte final deste Capítulo.

Tabela 8 – Síntese das atividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Calendarização				Áreas/ Domínios/ Subdomínios de Conteúdo										
				Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Educação Física	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	Área de Expressão e Comunicação					
Tipo de intervenção	Intervenção	Número da atividade	Descrição do recurso/ atividade proposta						Artes Visuais	Jogo Dramático/Teatro	Música	Dança		
				<b>Intervenção conjunta</b>	1.ª - 21, 22 e 23 de outubro	<b>A1</b>	<b>Encenação das abelhas</b>							
A2	Apresentação das regras da sala de atividades													
A3	Exploração oral das regras da sala de atividades													
A4	Exploração das regras da sala de atividades													
A5	Jogo das regras da sala de atividades													
A6	Diálogo acerca do Ciclo do Mel													
A7	Exploração da História: “O Ciclo do Mel”													
A8	Confeção de bolachas de mel													
A9	Exploração da canção: “As abelhas e o seu mel”													
A10	Elaboração do favo de mel													
<b>Intervenção individual</b>	2.ª - 4 a 6 de novembro	A11	Introdução do novo “Tapete do acolhimento”											
		A12	Diálogo sobre as partes do Corpo Humano											
		A13	Exploração do cartaz das partes do corpo											
		A14	Jogo: “Quem sou eu?”											
		A15	Introdução da dinâmica “Abelhas do Comportamento”											
		<b>A16</b>	<b>Apresentação da história “O esqueleto”</b>											
		A17	Ficha de transcrição de palavras											
		A18	Realização da silhueta do corpo humano											
		A19	Exploração da canção: “Cabeça, ombro, joelho e pé”											
		A20	Exploração do estetoscópio											
		A21	Simulação do funcionamento dos pulmões											



Considerando o quadro acima apresentado, é possível verificarmos que ao longo do Estágio Pedagógico I, mais concretamente na Educação Pré-Escolar, foram implementadas 65 atividades.

Nesta linha de pensamento, após uma análise generalizada da tabela, foi possível verificarmos que, ao longo de todo o estágio, as áreas da Formação Pessoal e Social e de Conhecimento do Mundo, o domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o subdomínio das Artes Visuais apresentaram um grande destaque. Em contrapartida, é observável que o domínio da Educação Física e os subdomínios da Música e da Dança foram os menos convocados.

Após uma apresentação global do nosso quadro de atividades, passaremos a partilhar todo o percurso desenvolvido de forma mais detalhada. Na impossibilidade de apresentarmos em pormenor todas as experiências de aprendizagem que proporcionamos, procedemos a uma sistematização das mesmas, dando ênfase às que consideramos mais relevantes. De modo a melhor organizarmos a nossa análise, todas as atividades estão devidamente identificadas com o seu respetivo número, que servirá de referência ao longo da nossa descrição, sempre que a elas nos referirmos.

Feitas estas considerações iniciais, passemos assim à apresentação das intervenções realizadas ao longo deste estágio.

A **primeira intervenção** foi realizada em conjunto com o par pedagógico e decorreu nos dias 21, 22 e 23 de outubro. Esta primeira intervenção teve um impacto positivo, pois foi possível notar que as crianças estavam bastante entusiasmadas e motivadas ao longo das atividades desenvolvidas. Sentimos que interagiram muito bem conosco, fazendo com que as atividades fluíssem de forma natural, sem grandes nervosismos, pelo que ficamos positivamente surpreendidas.

As temáticas principais desta primeira intervenção foi “As abelhas”, “o mel” e as “regras da sala”. A escolha destes temas deveu-se ao facto de já se encontrarem na calendarização da Educadora titular para estas datas e, como tal, optamos por trabalhá-las, havendo, da nossa parte, uma preocupação em articulá-los com o último conteúdo trabalhado na semana anterior, nomeadamente, as regras da sala de atividades. Importa referir que esta articulação foi planeada devido ao facto de observarmos que as crianças ainda demonstravam algumas dificuldades na identificação e cumprimento das regras da sala de atividades.

Como se pode verificar através do quadro apresentado, as áreas foco da maioria das atividades implementadas ao longo destes dias foram a área de Formação Pessoal e

Social, a área do Conhecimento do Mundo e o domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Numa das nossas primeiras atividades (A1) do nosso quadro, decidimos iniciar a manhã abordando o subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, apresentando uma encenação que cativou a atenção das crianças, que ficaram bastante surpreendidas quando nos viram entrar na sala vestidas de abelhas. Nos dias de hoje as crianças têm imensos recursos digitais disponíveis, bastante apelativos e que captam a sua atenção no imediato, pelo que é necessário recorrer a diferentes estratégias que permitam captar a sua atenção, de modo a incorporá-las nas dinâmicas a realizar, mediante os objetivos pretendidos. De forma a abordar as regras da sala de atividades foram realizadas duas atividades. A primeira atividade consistiu em apresentar as regras da sala de atividades através de um conjunto de abelhas, que iam “voando” para a sua colmeia (A2, A3 e A4). Cada abelha continha uma regra e quando era apresentada, existia um momento de reflexão acerca desta mesma regra. Para além desta atividade, foi também implementado um jogo (A5) de consolidação dos conteúdos trabalhados anteriormente, no qual as crianças tinham que referir se a regra apresentada era ou não adequada à sala de atividades.

De forma a articular a área do Conhecimento do Mundo com o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, foi apresentada a história “O Ciclo do Mel”, através de um vídeo, elaborado por nós (A7). Esta foi uma apresentação dinâmica e diferente para as crianças, pois estavam mais familiarizadas a ouvir histórias através da apresentação de livros. Ao longo desta atividade, foram surgindo algumas expressões, tais como: “*Uau!*”, “*Espetacular*”, “*gostei muito*”, expressões estas que são gratificantes, deixando-nos um verdadeiro sorriso na cara e a motivação para fazermos sempre mais e melhor. Após este momento, cada criança recebeu um pote de mel, onde se lia “- *Já sei de onde vem o mel!*” (Diário de bordo, 22 outubro, 2019). De forma a realçar a importância do mel, decidimos fazer ainda bolachas de mel com as crianças (A8). Estas tiveram a oportunidade de fazer a massa das bolachas e, posteriormente, moldá-las com o molde de uma abelha. No final, cada criança levou quatro bolachas para casa, juntamente com o seu pote de mel.

Com vista a abordarmos o subdomínio da Música, ensinamos às crianças uma canção da nossa autoria (A9), que apelava à importância das abelhas. De forma a terminar estes dias de intervenção, cada criança teve a oportunidade de realizar o seu favo de mel e a sua abelha (A10), através da pintura de caixas de ovo, apelando assim à reciclagem.

De uma forma geral e fazendo um balanço sobre esta primeira intervenção, concluímos que a forma como abordamos os conteúdos foi muito positiva, tendo em conta o *feedback* das crianças e da nossa Orientadora da Escola. Para além disto, foi também observável que as crianças não tinham muita noção relativamente às regras de bom comportamento, pelo que concordamos em reforçá-las todas as semanas.

A **segunda intervenção** ocorreu nos dias 4, 5 e 6 de novembro e foi a nossa primeira intervenção individual. Nestes dias, o tema que desenvolvemos foi o Corpo Humano, que foi trabalhado através de atividades que tiveram uma maior incidência nas áreas da Formação Pessoal e Social e do Conhecimento do Mundo. Porém, como se pode verificar através da análise do quadro, todos os domínios e subdomínios da área da Expressão e Comunicação, à exceção do domínio da Educação Física, estiveram presentes nesta semana, mesmo que numa menor quantidade de atividades.

Esta intervenção iniciou-se com a apresentação de um novo tapete do acolhimento (A11), organizado por duas colunas e duas filas. Cada fila e cada coluna estavam numeradas de 1 a 5 e todas apresentavam uma cor diferente, para que as crianças as conseguissem distinguir. De forma a complementar este tapete, foi disponibilizado um saco com diferentes crachás, que correspondiam ao número/cor de cada lugar no tapete. A implementação deste novo tapete de acolhimento foi pensada de forma a responder a uma das necessidades do grupo, pois as crianças não tinham uma forma organizada de se sentarem, acabando por tornar o momento do acolhimento pouco organizado e algo indisciplinado. O seu funcionamento era muito simples. Quando a criança chegava à sala, logo pela manhã, retirava um crachá, verificava qual o lugar onde se iria sentar durante aquele dia e dirigia-se ao mesmo.

Tal como foi referido anteriormente, o nosso grupo de estágio entendeu necessário realizar sempre uma breve revisão das regras da sala de atividades, pois sentimos que as crianças necessitavam de recordar algumas delas recorrentemente. Para além disto, também verificamos que existiam alguns comportamentos de indisciplina e pouco se fazia, até então, para que estes fossem melhorados ou acabassem por desaparecer. É neste âmbito que foi implementado um mapa de comportamento, denominado por “Abelhas do Comportamento” (A15). Este mapa funcionava como um *semáforo das emoções*. Não estava associado às suas três conhecidas cores, mas sim a 3 diferentes abelhas: uma feliz, uma séria e outra triste.

Com isto queremos dizer que sempre que existia um acontecimento menos positivo, por parte de alguma criança, realizava-se um momento reflexivo, na sequência

do qual as crianças eram convidadas a pensar e dialogar entre si, dando sugestões de um comportamento mais adequado, face à situação em causa. Assumimos tal estratégia conscientes de que “as crianças devem ser ouvidas atentamente e devem ser respeitadas as suas opiniões. Devem ser encorajadas a participar ativamente na construção dos seus saberes. As crianças devem estar sempre no centro das aprendizagens” (Louro, 2013, p. 67).

No sentido de introduzir o tema desta semana, começamos por apresentar a silhueta do corpo humano “desmembrado” (A12), para que as crianças conseguissem identificar os membros do corpo, bem como colocá-los no seu respetivo lugar. Para além desta exploração, apresentamos também um cartaz com diferentes partes do corpo humano, que as crianças tinham de identificar e numerar (A13).

Na sequência destas atividades, também explorámos uma dança. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defendem as OCEPE,

[a] dança, como forma de expressão através de movimentos e ritmos produzidos pelo corpo, está intimamente ligada ao teatro, à música e à educação motora. Através da dança, as crianças exprimem o modo como sentem a música, criam formas de movimento ou aprendem a movimentar-se expressivamente, respondendo a diversos estímulos (Silva et al., p. 56).

Assim sendo, de forma a introduzirmos este subdomínio, apresentamos uma canção referente ao tema, que foi explorada através de uma coreografia (A19) que implicou diferentes movimentos com os diversos membros do nosso corpo.

De modo a articular o subdomínio do Jogo Dramático/Teatro e o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita exploramos uma história com fantoches (A16), a qual foi sendo um pouco alterada durante a sua apresentação. Esta história começou por não ter qualquer interação da parte das crianças, porém, quando começamos a apresentá-la, sentimos que as crianças começaram a querer participar de forma muito positiva. Neste sentido, mantivemos sempre o guião da história como fio condutor, mas não seguimos as falas à risca, sendo que acabámos mesmo por desviar-nos um pouco do guião, para irmos acomodando as participações e sugestões das crianças. Este foi um aspeto muito importante, uma vez que permitiu-nos verificar que possuímos uma boa capacidade de improvisação e de adaptação no momento. No seguimento desta atividade, as crianças realizaram uma ficha de trabalho (A17), na qual se propunha a transcrição dos nomes das personagens da história, fazendo com que se familiarizassem com a sua grafia.

Foram ainda realizadas diferentes atividades dentro da temática destes dias, mais concretamente a atividade (A20), na qual as crianças tiveram a possibilidade de experimentar um estetoscópio, ouvindo os batimentos do seu próprio coração e do coração dos seus colegas. Esta foi sem dúvida uma experiência enriquecedora, pois a globalidade das crianças não tem acesso a este tipo de instrumentos e, como tal, é importante proporcionar-lhes estes momentos que nos parecem únicos. Para além desta experiência, as crianças também simularam, através de balões, o funcionamento dos pulmões (A21). Importa salientar que escolhemos trabalhar estes dois órgãos, pois apesar de todos serem importantes para o funcionamento do Corpo Humano, o coração e os pulmões eram os órgãos sobre os quais as crianças mais se questionavam. É nesta linha de pensamento que consideramos muito importante que o o/a Educador/a ofereça este tipo de experiências às crianças, para que, através da própria prática, possam concretizar e compreender de uma forma mais clara aquilo que exploram apenas no plano da teoria.

Ao longo destes três dias, verificamos que o grupo começou a melhorar o seu comportamento no espaço escolar, ganhando uma maior noção das regras da sala de atividades. Para além disto, durante este período, tiveram tempo para brincar nas áreas lúdicas, apesar de o termos reduzido gradualmente. Mas como assumimos que o tempo de brincar é muito importante, as atividades implementadas tinham sempre uma vertente teórica, mas também outra mais prática, que nunca lhes negava esta possibilidade. Neste âmbito, tivemos um pouco de receio que as crianças se ressentissem e pedissem para ir brincar, mas acabaram por nos surpreender, no sentido em que nunca o fizeram, estando sempre atentas e motivadas na realização das atividades. Para além disto, a implementação do novo tapete de acolhimento fez com que existisse uma melhor organização na sala de atividades.

No que diz respeito à **terceira intervenção**, esta foi realizada na semana de 25 a 29 de novembro, sendo que a área foco nestes dias foi a área da Expressão e Comunicação, mais concretamente o domínio da Expressão Física e os subdomínios das Artes Visuais e do Jogo Dramático/Teatro.

A presente intervenção contou com a apresentação da história “A Branca de Neve e os 7 anões” (A22, A24 e A27), que foi dividida em três partes, de forma a não se tornar muito exaustiva e enfadonha. A exploração foi feita através de fantoches e cenários elaborados por nós e também recorrendo ao som do filme realizado pela *Disney*. Esta estratégia foi uma mais-valia, no sentido em que foi uma atividade dinâmica e completamente diferente das que as crianças já estão habituadas a assistir.

De forma a dar continuidade à apresentação da história, depois do primeiro momento, as crianças tiveram a oportunidade de elaborar um desenho que a ilustrasse (A23). Para além desta atividade, após o segundo momento, abordamos o domínio da Educação Física, o qual é essencial ao desenvolvimento da criança. Nesta linha de pensamento, Santos (2013) refere que

[d]esde a sua conceção, o indivíduo adquire, ou aprende diversas funções motoras que levarão o organismo a atingir a maturidade. Através do seu próprio movimento, a criança vai desenvolvendo os seus processos motores. O corpo é o meio primordial de que a criança se serve para tomar conhecimento do mundo (p. 64).

Neste âmbito, surgiu a elaboração de um percurso (A25), que procurou representar o caminho que a Branca de Neve realizou na floresta. Este contou com a presença de diferentes exercícios, nomeadamente a corrida, o salto a pés juntos, o equilíbrio e o rastejar. Para além desta atividade, realizamos o jogo “Barra do Lenço” (A26), que já era bastante conhecido das crianças. A ligação da história a este jogo foi realizada através da atribuição de uma personagem a cada criança.

De forma a terminarmos todo o trabalho em torno da história, após a terceira apresentação, as crianças tiveram a possibilidade de criar os seus próprios fantoches (A28), sendo esta uma experiência completamente nova para elas. Ao terminarem a elaboração dos fantoches, o grupo realizou um reconto da história (A29). Este, foi sem dúvida um verdadeiro espetáculo, pois as crianças tiveram a capacidade de recontar pormenores muito peculiares da história. Sentimos que o grupo nunca tinha tido a experiência de elaborar os seus próprios fantoches, nem de os utilizar numa representação em grande grupo.

Com vista a dar continuidade ao tema trabalhado nesta semana, exploramos a história “A minha Família”, através da utilização do livro (A30). Posteriormente, com o intuito de complementar a história, explorámos uma canção (A31), que apelava à importância da Família. A apresentação da canção foi pensada no sentido em que, como salienta Veríssimo (2012)

a Expressão Musical desempenha um papel fundamental na vida da criança na sua atividade recreativa, ao mesmo tempo que desenvolve a sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A música também desperta a imaginação e a criatividade (p. 12).

Por fim, surgiu uma atividade no subdomínio das Artes Visuais, a qual propôs às crianças que desenhassem a sua família (A32), para posteriormente colarem o desenho na sua “casa”, elaborada por espátulas, fio e papel acetato (A33).

Estes dias de intervenção foram bastante interessantes, pois conseguimos trabalhar bastantes valores associados à família, entidade que deve ser a base do nosso crescimento e um dos pilares mais importantes da nossa existência. Infelizmente, existem crianças que não têm o apoio nem o amor da sua família de sangue. Porém, é também necessário e importante explicar às crianças que a família não deve ser restringida apenas ao nosso pai, à nossa mãe e aos nossos primos, mas sim alargada a todos aqueles que amamos e que nos retribuem esse amor.

No que diz respeito à **quarta intervenção**, esta foi realizada nos dias 2, 3 e 4 de dezembro, tendo como principal temática o “Natal”. De forma a desenvolver este tema, convocamos diferentes áreas do saber, porém, destacou-se na área da Formação Pessoal e Social e também na área da Expressão e Comunicação, mais concretamente no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no subdomínio das Artes Visuais.

É importante referir que como futuros profissionais no campo da Educação, é essencial termos a noção de que o tema do Natal deve ser trabalhado no sentido de construir valores nas crianças. Hoje em dia, infelizmente, o consumismo aparece em grande massa e é extremamente perigoso para as crianças, pois elas já não se contentam apenas com um presente do Pai Natal, muito pelo contrário, elas ficam tristes se só receberem um presente. É nesta época que são muito visíveis as diferenças entre as famílias, pois vemos crianças a receberem imensos brinquedos, todavia, também vemos famílias que fazem um esforço financeiro enorme para conseguirem comprar apenas um “mimo” para os seus filhos. É essencial transmitirmos às crianças que o verdadeiro significado do Natal é ajudar, partilhar, amar e dar o exemplo, cabendo assim ao Educador transmitir e apostar nestes valores, especialmente nesta altura do ano, para que as crianças se tornem em adultos mais conscientes destas realidades.

Foi nesta linha de pensamento que surgiu a atividade do “Calendário do Advento” (A34), que apresentava uma “missão” diária, que nos remetia para algo que as crianças deveriam fazer, como por exemplo: “Hoje tenho que ajudar os meus colegas”. No final do acolhimento, o chefe do dia abria o postal referente àquela data e apresentava a missão aos colegas, que não tinha que ser finalizada necessariamente na hora, sendo que tinham o dia todo para a realizar. Esta foi uma atividade muito rica que remeteu para a

aprendizagem, mesmo que por vezes de forma indireta, de um conjunto de valores muito importantes para o desenvolvimento da criança.

Após refletirmos com a nossa Educadora cooperante, esta referiu que as crianças levavam sempre uma prenda para casa nesta época, pelo que decidimos que seria interessante cada criança elaborar e decorar a sua própria árvore de Natal (A35 e A36). Consideramos muito importante dar a liberdade à criança de produzir os seus próprios trabalhos, através da sua imaginação e dedicação, não deixando que se sentissem influenciadas pelas ideias já estruturadas pelo adulto.

Decidimos continuar a desenvolver o tema através da apresentação de uma história alusiva ao Natal (A37), conscientes de que, tal como realçam Dias e Neves (2012, referenciados por Pimentel, 2017) é a partir de histórias que a criança

tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação, ampliar o seu vocabulário, permitir a sua autoidentificação, desenvolver o pensamento lógico, a memória, estimular o espírito crítico, vivenciar momentos de humor, diversão, satisfazer a sua curiosidade e adquire valores para a sua vida (p. 14).

No que concerne à atividade em si, sentimos que as crianças estavam bastante atentas, pois surpreendiam-se com determinadas ações que decorriam na história e também faziam expressões que apelavam à curiosidade. Neste sentido, ao terminar a história perguntamos a cada uma qual a parte que tinham preferido e, no final, pedimos a um voluntário que a recontasse. Este momento do reconto (A38 e A39) foi introduzido no pressuposto de que, tal como refere Andrade (2017)

se contar é mais cativante que ler, recontar também tem o seu fascínio e proveito, já que, além de beneficiar à criança o conhecimento do enredo da história, irá desenvolver também a sua oralidade, permitindo a compreensão progressiva das práticas sociais da língua escrita (p. 35).

O reconto de histórias foi sempre uma estratégia utilizada ao longo de quase todas as intervenções e, após termos refletido acerca desta intervenção, foi possível concluir que o grupo teve uma evolução enorme nesta área.

De forma a terminarmos a semana, as crianças estiveram a explorar uma receita de bolachas de Natal (40), identificando os ingredientes, a origem dos mesmos e a quantidade necessária para a sua elaboração. Após esta exploração, cada criança teve a oportunidade de construir e enfeitar a sua própria caixa de presente (A41), que foi em seguida utilizada para guardar as bolachas que foram também por elas confeccionadas, (A42), no final do nosso dia.

De uma forma geral, as atividades decorreram de forma bastante agradável, uma vez que este era um tema do agrado das crianças, facilitando todo o trabalho realizado. Para além disto, foram desenvolvidos valores muito importantes nesta época natalícia, os quais são a essência do verdadeiro Natal, o amor, a paz e a união.

No que diz respeito à **quinta intervenção**, que decorreu nos dias 9, 10 e 11 de dezembro, esta foi realizada em conjunto com a nossa colega de estágio e a temática foi a mesma da semana anterior.

De forma a iniciarmos cada dia, eram sempre exploradas as missões do calendário do advento (A43, A49 e A53), as quais preparavam as crianças para o espírito da verdadeira essência do Natal, procurando consciencializá-las para os valores que devem ser trabalhados. Nestes dias, foi-nos proposto que trabalhássemos estes mesmos valores, mas que também fizessemos com as crianças os postais de Natal, a entregar posteriormente pelas mesmas, nas casas ao redor da escola. É neste sentido que as áreas que tiveram maior destaque, nestes dias, foram as áreas da Formação Pessoal e Social e também a da Expressão e Comunicação, mais concretamente o subdomínio das Artes Visuais.

De forma a introduzirmos o tema, optamos por apresentar uma história (A44), através da exposição de um diaporama, acompanhado do áudio realizado pelo par pedagógico. Em seguida, as crianças procederam ao reconto da história através da criação de um desenho (A45). Após este momento, exploramos uma atividade referente aos valores do Natal.

É importante relembrar às crianças que o Natal não são prendas, nem brinquedos, mas sim amor, gratidão e companheirismo. Nesta linha de pensamento, elaboramos em formato A2 um Pai Natal, acompanhado pelo seu saco de “prendas”, o qual ia ser decorado pelas crianças, através de corações com “desejos” (A46 e A47). Foi assim pedido às crianças que pensassem em desejos que não incluíssem brinquedos, mas que tivessem um valor sentimental. Assim, as crianças tiveram um longo momento de reflexão, onde puderam pensar em desejos bons e necessários nesta vida. Algumas crianças tiveram bastante dificuldade, pois só mencionavam brinquedos, no entanto, após refletirem com a ajuda dos colegas, todos conseguiram expressar-se através de um desejo, como por exemplo: “Amor”; “Carinho”; “Sorrisos”; “Beijos”; “Amigos”, entre outros, que consideramos igualmente importantes. O resultado final foi fruto de um longo trabalho reflexivo por parte das crianças e este aspeto foi muito importante, pois as crianças, por vezes, necessitam de alguma estimulação.

Por forma a abordarmos a Educação Artística, foi explorada uma canção de Natal com as crianças (A48), a qual foi acompanhada por um sino. Na nossa opinião, o Educador deve mostrar às crianças diferentes tipos de instrumentos musicais, pois a criança está habituada aos “comuns” e não tem noção da grande quantidade e variedade que existem.

No âmbito da preparação das crianças para a grafia, realizamos uma atividade de reconhecimento e transcrição de letras/palavras (A50 e A51). No sentido de interligar esta atividade com o tema a ser desenvolvido, as palavras estavam todas relacionadas com o Natal.

Ainda nesta intervenção e no que diz respeito às Artes Visuais, o grupo elaborou “Anjos de Natal” (A52), recorrendo à estampagem com as mãos. Importa salientar que este trabalho foi afixado na sala, de forma a decorá-la para esta época festiva.

Na segunda parte da manhã, as crianças elaboraram, cada uma, dois postais de Natal (A54 e A55). É importante referir que, inicialmente, o intuito era o de realizar apenas um postal, contudo, no dia anterior a Educadora ao falar connosco disse que eram dois postais por criança. Esta alteração fez com que tivéssemos que ter outra ideia, pois achamos que ficaria mais interessante que os dois postais fossem diferentes. Sendo assim, um deles ficou com a ideia pensada inicialmente, ou seja, com recurso a caricaturas e o outro foi elaborado com a técnica de estampagem com *stencil*. Em relação ao postal elaborado com as caricaturas, a ideia inicial passava por pedirmos às crianças para pintarem primeiro as caricaturas e depois colá-las no postal, no entanto, fomos vendo que as crianças conseguiam pintar o interior das mesmas, sem sujar o que estava à volta, conseguindo assim colar as caricaturas e pintá-las sem dificuldades. É importante adaptarmo-nos consoante o que vamos observando, pois temos que pensar sempre no melhor para a criança, oferecendo-lhe oportunidades para progredirem na realização de diferentes atividades.

No que toca à técnica de estampagem com *stencil*, podemos referir que as crianças já estavam familiarizadas com esta atividade, pois foi realizada numa intervenção anterior. Neste âmbito, sentimos que já estavam à vontade com esta técnica, conseguindo fazer praticamente sem a nossa ajuda, apesar de algumas ainda terem dificuldades em manter o *stencil* imóvel. Nesta ordem de pensamentos, importa realçarmos que esta técnica foi uma mais-valia para a aprendizagem das crianças, contribuindo para o desenvolvimento da sua motricidade fina, da sua coordenação, mas também da sua criatividade e imaginação convocadas na exploração das cores.

O resultado final desta última atividade foi bastante positivo, tendo sido apreciado pela escola inteira, mas também pelas pessoas a quem as crianças entregavam os postais. Esta entrega de postais foi uma atividade muito boa para consciencializar as crianças de que o Natal não se vive só da oferta presentes caros, mas sim algo com sentimento, amor e carinho.

Na semana de 13 a 17 de janeiro foi realizada a **sexta e última intervenção**, na qual se abordou o tema dos “Animais”, recorrendo essencialmente à área do Conhecimento do Mundo. De forma a iniciarmos as intervenções, apresentamos um mapa mundo com diferentes animais (A56, A60 e A64), composto por diferentes cartões que foram sendo abertos ao longo da semana. Cada cartão apresentava um animal, mais concretamente o seu nome, a sua alimentação, o seu habitat e o tipo de reprodução por eles utilizado. Esta foi uma atividade enriquecedora, no sentido em que as crianças ficaram a conhecer diferentes animais,

Posteriormente, optamos por apresentar uma história (A57) criada pelo nosso núcleo de estágio, num estágio anterior, utilizando a maquete de uma “Quinta”, da nossa autoria. Esta história contou com a presença de diferentes personagens alusivas à vida de uma quinta, representadas através de fantoches de vara. Relativamente à maquete, podemos mencionar que esta era de grandes dimensões, construída com madeira e diferentes tipos de papel. A apresentação da história com o recurso à maquete foi um aspeto essencial para captar a atenção das crianças, que a “viveram” de forma bastante significativa, apreciando todos os seus pormenores. Ao terminarmos a história, as crianças elaboraram máscaras alusivas às suas personagens (A58), para que a pudessem recontar, através da dramatização, ou criar as suas próprias histórias com elas (A59). Este tipo de atividades foi uma mais-valia para o processo de aprendizagem das crianças, pois como refere Cunha (2007, referenciado por Barboza e Volpini, 2015), “quando existe representação de uma determinada situação, (especialmente se houver verbalização), a imaginação é desafiada pela busca de soluções para os problemas criados pela vivência dos papéis assumidos. As situações imaginárias estimulam a inteligência e desenvolvem a criatividade” (p. 7).

Para além da exploração desta história, apresentamos também uma outra, intitulada “A Savana Africana” (A61), a qual retratou a história de diversos animais selvagens. No sentido de aprofundá-la, realizamos uma atividade de seleção e identificação de diferentes palavras (A62). Ainda no que diz respeito a esta história, decidimos convocar as novas

tecnologias, apresentando um vídeo acerca dos animais selvagens, que foi revisto duas vezes, a pedido das crianças.

De forma a aproximarmos as crianças à realidade deste tema, surgiu-nos a ideia de as levar a uma Clínica Veterinária. Porém, como a logística de tal deslocação não era favorável, decidimos convidar um veterinário a vir à nossa sala (A63). O convite foi aceite e o nosso convidado fez-se acompanhar da sua cadela de grande porte, que rondava os 60 Kg de peso, aspeto que muito surpreendeu as crianças. Não existem palavras para exprimir o sucesso deste momento. Foi um momento até emotivo para algumas crianças, que tinham medo de cães e que, ao conviverem com aquela cadela perderam o medo do animal, realizando mimos, dando biscoitos, chegando mesmo a pedir para abraçá-la.

Para além da presença da cadela, foi importante e imprescindível o veterinário ter falado sobre os cuidados a ter e alertado para a responsabilidade que é cuidar de um animal. Também se falou em adoção de animais abandonados e as crianças ficaram completamente fascinadas e fizeram questões muito pertinentes ao veterinário, não largavam a cadela e não queriam que se fosse embora. No contexto desta atividade, muitos foram os comentários das crianças, o que nos deu a entender a importância deste tipo de estratégias. A título de exemplo, partilhamos um comentário de uma menina, que achámos delicioso. Depois de explicar que não deveríamos fazer muito barulho ao pé dos animais disse: “– Sabes... eu estou com muita vontade de tossir, mas estou a aguentar-me porque não quero fazer barulho para ela não se assustar” (Diário de bordo, 17 janeiro, 2020).

Foi sem dúvida um momento muito engraçado, tanto que o veterinário disse logo que não havia problema e que ela podia tossir à vontade. Um outro aspeto que consideramos importante de mencionar foi o facto de as crianças chamarem a cadela pelo seu próprio nome - “Salsa” - e terem a preocupação de criar condições para o seu bem-estar. Antes de terminarmos o momento, a Educadora perguntou-nos se era possível irmos visitar outras salas com a Salsa e o veterinário Diogo, pois as crianças iam adorar a surpresa. Assim foi, e podemos confessar que foi cativante ver as reações das crianças ao verem um animal tão grande e ao mesmo tempo tão dócil. Levaram daqui uma experiência inesquecível, tal como uma aprendizagem para a vida.

De modo a terminarmos a semana, as crianças tiveram a oportunidade de explorar o jogo “O Rei Manda” (A65), utilizando os diferentes tipos de locomoção dos diferentes animais que foram explorados.

Apresentadas, em traços gerais, as experiências de aprendizagem que proporcionámos ao longo das várias semanas de intervenção, interessa-nos igualmente aprofundar aquelas que desenvolvemos no contexto da área que entendemos aprofundar no nosso Relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue com o qual encerraremos o presente Capítulo.

### **3.3.1. A Expressão Dramática em contexto de estágio pedagógico**

Na tabela referente às atividades da Educação Pré-Escolar (ver Tabela 8) estão presentes todas as atividades desenvolvidas. Porém quisemos destacar as atividades desenvolvidas na área da Expressão Dramática, uma vez que era a área foco do nosso trabalho. Assim sendo, e por uma questão de organização da nossa análise e reflexão, entendemos distribuir as atividades em causa pelos três eixos de análise que apresentamos na Figura que se segue (ver Figura 19):



*Figura 19 – O Jogo Dramático/Teatro no Estágio Pedagógico I - Eixos de Análise*

Nos pontos que se seguem, partilharemos as principais linhas de força de cada um destes eixos de análise.

#### **3.3.1.1. Os Fantoches e a histórias infantis**

No âmbito deste estágio pedagógico existiu uma forte ligação entre a exploração de fantoches e as conexões que estabelecemos entre o subdomínio do Jogo Dramático/Teatro e o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mais concretamente aquando da exploração de histórias infantis. Ao adotarmos tal estratégia, estávamos cientes de que a exploração de “histórias em contexto de sala de atividades pode tornar-se um excelente recurso para proporcionar o desenvolvimento da curiosidade das crianças relativamente a certos temas/questões, mas também pode ser o ponto de partida para desenvolver outro tipo de atividades” (Pimentel, 2017, p. 17).

Foi neste sentido que decidimos convocar os Fantoques, um recurso que, como vimos, se assume com um enorme potencial pedagógico e didático. Quando explorado pelas crianças, proporciona também verdadeiros momentos de magia e “propicia o desenvolvimento de várias aprendizagens, como concentração, a coordenação óculo-manual, a capacidade de observação, para além da expressão oral, da imaginação e do autodomínio” (Reis, 2004, p. 35).

Nesta linha de pensamento, foram exploradas duas histórias infantis, as quais possibilitaram o desenvolvimento de atividades relacionadas com o subdomínio do Jogo Dramático/Teatro.

Um das histórias infantis exploradas foi a “A Branca de Neve e os 7 anões” (A22, A23, A24, A26, A27, A28 e A29), uma história adaptada pela *Walt Disney*, baseada no conto de fadas “Branca de Neve”, dos irmãos Grimm. A escolha desta narrativa deveu-se ao facto de ser uma história que se relacionava com o tema a ser trabalhado na 3.<sup>a</sup> intervenção, nomeadamente “A Família”.

Esta estratégia foi uma mais-valia, no sentido em que foi uma atividade dinâmica e completamente diferente das que as crianças estavam habituadas a explorar. As crianças envolveram-se na história, faziam sons de emoções e reações, tanto de alegria como de *suspense*, cantavam as canções que conheciam, entrando no mundo de fantasia da *Disney*, através de uma abordagem completamente diferente. Temos que confessar que a apresentação em si foi um pouco cansativa, pois existiu sempre a necessidade de estarmos atentas às cenas que iam entrar. Tínhamos que estar sempre com os fantoches em ação, em ambas as mãos e não existirem momentos de “descanso” durante as cenas. Porém, sentimos que todo este esforço valeu muito a pena e, muitas vezes, estas ideias “*out of the box*” não são colocadas em prática porque são cansativas, dão trabalho. No entanto, é necessário que tenhamos a coragem e disponibilidade de as concretizar.

Ao longo da apresentação do primeiro momento da história, foi possível observarmos através de algumas reações das crianças que existiu uma forte curiosidade em ver o segundo e terceiro momento, tal como se depreende dos seus relatos:

“– *O que será que acontece a seguir?*”;

“– *Professora, quando é que vamos continuar a história?*”;

“– *A senhora má vai fazer mal à Branca de Neve?*”;

“– *Eu acho que os 7 anões vão conseguir ajudar*”.

(Diário de Bordo, 29 novembro, 2019).

Após percebermos tais reações nas crianças, entendemos ser boa a estratégia de dividir a exploração da história em partes, para que fosse devidamente “saboreada” pelas crianças, estimulando a sua memória, a sua imaginação e o seu notório interesse

De forma a dar continuidade à apresentação da história, as crianças tiveram a oportunidade de criar os seus próprios fantoches. Neste momento, sentimos que ficamos surpreendidos, acabando por reagir com muito entusiasmo, sendo que chegámos a ouvir expressões do tipo: “- *nós nunca construímos um fantoche!!*” (Diário de bordo, 29 novembro, 2019).

Após este momento, realizamos um sorteio das personagens. Uma vez que as crianças não chegaram a um consenso, entendemos que a melhor estratégia seria sortear as personagens, o que nos obrigou a improvisar um sorteio naquela hora. Após todos terem as suas personagens, foi-lhes entregue o respetivo molde e, de imediato, começaram a trabalhar. Há medida que as crianças iam pintando os seus fantoches, sentiram a necessidade de recorrer aos modelos originais, de forma a observarem as cores das roupas das personagens, aspeto que apesar de não termos encorajado para não limitar a sua imaginação e criatividade, consideramos bastante interessante por ter sido iniciativa própria das crianças, uma vez que não lhes foram impostas quaisquer “regras” para a pintura.

Após a elaboração dos fantoches, as crianças realizaram um reconto da história, o qual foi, em nosso entender e na opinião daqueles que assistiram, um verdadeiro espetáculo, pois as crianças detiveram a capacidade de recontar pormenores que nem nós próprias nos recordávamos. Sentimos que o grupo nunca tinha tido a experiência de elaborar os seus próprios fantoches, muito menos de realizar uma encenação em grande grupo. Por este mesmo motivo é que é ainda mais importante realçarmos que até as crianças mais envergonhadas e caladas “saíram da casca” e interpretaram as suas personagens com o maior dos empenhos. Nesta linha de ideias, Magalhães (1964), salienta que

a criança nasce poeta e ator, por um lado, como poeta, cria a partir do mundo real, mas torna-se como bitola de um mundo imaginário pleno de simbolismo, em que gravita ingenuamente; por outro lado, o ator redescobre as leis da arte dramática pura: a sua expressão é o reflexo espontâneo das sensações, sem camuflagem, sem batota, num jogo franco, inerente ao ciclo de descobertas em que vive (p. 9).

Alguns do trabalho que realizamos em torno desta história é apresentado no mosaico seguinte (ver Figura 20), que procura ilustrar algumas das cenas decorrentes da exploração realizada pelas crianças.



**Figura 20 - Apresentação e exploração da história "Branca de Neve e os 7 anões"**

**a)** Cenário e fantoches da história “Branca de Neve e os 7 anões”; **b)** Fantoches elaborados por uma criança; **c)** Fantoches elaborados por uma criança; **d)** Fantoches elaborados por uma criança; **e)** Elaboração dos fantoches; **f)** Dramatização realizada pelas crianças; **g)** Apresentação dos fantoches realizados; **h)** Fantoches da história.

Passando à segunda história infantil apresentada, optamos por apresentar uma história criada por nós, intitulada por “A festa da vaca Pamela” (A57 e A59), a qual se relacionava com o tema “Os Animais”, explorado na nossa última intervenção. Esta história pretendeu transmitir diferentes valores às crianças, tais como a união, o amor, a amizade, a humildade e também a gratidão. Estes são valores que devem ser trabalhados no dia a dia com as crianças, pois devem fazer parte da base da criança, enquanto ser humano e também cidadão consciente.

A apresentação contou com a presença de diferentes personagens, as quais foram representadas através de fantoches de vara, numa maquete de uma quinta, recurso que foi

bastante elogiado pela Educadora Cooperante, mas também pelas crianças, os quais se exprimiram das seguintes formas:

“– *Que quinta enorme*”;

“– *A casa das galinhas chama-se galinheiro*”;

“– *Parece a quinta do meu avô, é muito grande e está cheia de animais como esta*”  
(Diário de Bordo, 15 janeiro, 2020).

Pudemos perceber que as crianças estavam entusiasmadas pela dimensão da quinta, que foi construída com madeira e diferentes tipos de materiais, de forma que as crianças conseguissem ter uma noção da sua constituição, organização e funcionamento, uma vez que, antes da apresentação, foi realizado um diálogo, de forma que estas tivessem a oportunidade de explorar a maquete. É necessário perceber que podemos ter um recurso muito dinâmico e interativo, mas se não o soubermos explorar e dele tirar partido, não ocorre a aprendizagem que pretendemos. No entanto, neste caso, não foi de todo o que se passou, pois sentimos que realmente existiu aprendizagem, por parte dos mais pequenos, dos conteúdos que abordamos.

Ao longo da apresentação da história, verificamos que as crianças estavam bastante entusiasmadas com o tema, uma vez que se exprimiram de forma bastante positiva, tal como nos é dado a perceber através dos seus relatos que de seguida transcrevemos:

“– *Quantos anos é que a vaca Pamela faz?*”;

“– *Será que vão convidar todos os animais da quinta?*”;

“– *A casa das galinhas está tão bonita, professora!*” (Diário de Bordo, 15 janeiro, 2020).

Perante estas reações sentimos que conseguimos captar a atenção das crianças, aspeto este que consideramos muito importante, uma vez que segundo Lopes (2017)

[o] educador tem um papel importante na parte da motivação e do envolvimento das crianças no conto das histórias, pois o planeamento relativo ao espaço, ao tempo e aos materiais influenciam essas duas vertentes. A organização do tempo, dos materiais e do espaço são fatores determinantes para aprendizagem e desenvolvimento das crianças (p. 20).

Nesta linha de pensamento, ficamos bastante satisfeitas com o resultado da apresentação da história, desde os materiais até à dramatização com os fantoches. De forma a dar continuidade ao seu trabalho as crianças tiveram a oportunidade de criar os seus próprios fantoches, tendo em conta as personagens da história, tal como foi realizado no trabalho com a história: “A Branca de Neve e os 7 anões”.

Ao contrário do que ocorreu na primeira história apresentada, nesta já existiu um consenso na atribuição das personagens, pelo que não foi necessário recorrer a um sorteio. Após todas as crianças terem as suas personagens, foi-lhes entregue o respetivo molde, para que pudessem começar a criar os seus fantoches. Estes foram criados de forma livre e ao gosto de cada criança. Realçamos, porém, um episódio que achámos interessante, eventualmente decorrido das muitas conversas que tínhamos neste domínio. Uma das crianças pintou o burro de roxo e há outra colega que lhe diz: “– *Não existem burros dessa cor...*”. A autora da pintura respondeu prontamente: “– *Eu estou a imaginar e tu não me podes obrigar a usar as cores que quiseres*” (Diário de Bordo, 15 janeiro, 2020).

Terminada a elaboração dos fantoches, foi o momento de realizarem um reconto da história, o qual foi feito com o auxílio da maquete, fazendo com que as crianças sentissem que estavam numa quinta verdadeira. Este foi um momento bastante produtivo, no sentido em que foi possível observarmos a evolução do grupo, comparativamente à dramatização da última história. As crianças demonstraram um maior à vontade em “palco”, no sentido em que até as mais envergonhadas conseguiram sair da sua zona de conforto. Para além deste aspeto, também notamos que alguns elementos do grupo tiveram a preocupação de adequar a sua voz, conforme o género da personagem que estavam a representar, pormenor este que consideramos muito interessante, pois apesar de também o termos feito quando apresentámos a história ao grupo, não estávamos à espera de que as crianças o fizessem.

No mosaico que se segue, procuramos ilustrar algumas das cenas que envolveram o trabalho desenvolvido no contexto desta história (ver Figura 21).

De uma forma geral a exploração destas duas histórias foi sem dúvida uma mais-valia no processo de aprendizagem das crianças, a diferentes níveis.



**Figura 21** - Apresentação e exploração da história: "A festa da vaca Pamela".

- a) Elaboração dos fantoches; b) Elaboração dos fantoches; c) Exploração da maquete da quinta;  
 d) Apresentação da história; e) Fantoches elaborados pelas crianças.

### 3.3.1.2. As Máscaras como suportes de expressão

De uma forma geral, um dos meios que se encontram associados às Expressões Artísticas e mais concretamente à área da Expressão Dramática são os *suportes de expressão*, os quais despertam e prendem a atenção, bem como favorecem na aprendizagem das crianças. Assim sendo, no âmbito do estágio pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar, as crianças tiveram a possibilidade de criarem as suas próprias máscaras alusivas à história apresentada: “A festa da vaca Pamela” (A58). Cada criança escolheu uma personagem da história e, em seguida, um molde referente à silhueta da sua personagem.

Após elaborarem as suas máscaras, o grupo dividiu-se em dois e cada um esteve a praticar a sua dramatização acerca de uma história à escolha do grupo. Ao contrário das atividades realizadas anteriormente desta natureza, nesta não lhes foi pedido que dramatizassem a história apresentada, mas sim que inventassem ou escolhessem outra, utilizando as máscaras que elaboraram. Este foi um desafio bastante grande para as crianças mais novas, porém, pudemos aferir que o grupo aceitou bem o desafio, no sentido

em que estavam bastante motivados aquando do pequeno ensaio. É necessário que o Educador promova este tipo de desafios para que as crianças consigam sair um pouco da sua “zona de conforto”, lidando com novas aprendizagens, proporcionando assim o seu crescimento. Este tipo de experiências, segundo Sousa (2003, referenciado por Pereira, 2015), assumem-se como “uma actividade natural e espontânea da criança a que ela se entrega em qualquer momento e em qualquer situação, abstraindo-se totalmente do mundo da realidade para se envolver profundamente no mundo da sua imaginação” (p. 23).

Em relação à dramatização, um dos grupos optou por inventar uma história, enquanto o outro escolheu uma já existente, já conhecida de todos. Confessamos que ambas as apresentações nos surpreenderam pela positiva, pois sentimos que existiu um trabalho de equipa muito forte, no sentido em que as crianças mais velhas de cada grupo procuraram ajudar as mais novas, fazendo com que estas se sentissem mais confortáveis e mais à vontade no seu papel. Para além disto, o facto de as máscaras terem sido utilizadas como adereço fez com que as crianças se apropriassem na sua personagem com uma maior facilidade. No mosaico que se segue (ver Figura 22) podemos contar com seis imagens que ilustram a construção das máscaras e também a representação feita pelas crianças.



*Figura 22 - Construção e exploração das máscaras.*

a) Elaboração das máscaras; b) Elaboração das máscaras c) Elaboração das máscaras; d) Exploração da máscara; e) Dramatização de uma história utilizando as máscaras como acessório; f) Exploração da máscara.

### **3.3.1.3. Os Jogos Dramáticos na rotina diária**

Como vimos no nosso primeiro Capítulo, o jogo dramático tem um papel fulcral no desenvolvimento das crianças, especialmente em idade Pré-Escolar, no sentido em que, segundo as OCEPE

[a] interação com outra ou outras crianças, em jogo dramático, permite desenvolver a criatividade e a capacidade de representação, quando os diferentes parceiros recriam situações sociais, tomam consciência das suas reações e do seu poder sobre a realidade, revelando como a constroem e entendem (Silva et al., 2016, p. 52).

Nesta linha de pensamento procuramos proporcionar alguns momentos de jogo dramático, o qual “consiste em ações espontâneas, sem qualquer texto ou guião escrito, sem qualquer preparação ou ensaio, respondendo a uma direção mínima (geralmente apenas um pequeno tema) do professor” (Sousa, 2003, p. 66).

Para além de todas as oportunidades de exploração do jogo dramático sugeridas nos vários cantinhos da sala, recorrentes nos momentos de brincadeira livre, entendemos proporcionar outras experiências neste domínio. Um dos jogos dramáticos explorados com o grupo foi o jogo “O Rei Manda” (A65), pois este é um jogo tradicional que pretende desenvolver a imaginação, a capacidade de reação e a criatividade das crianças, através da execução de diferentes movimentos/ações. O primeiro “Rei” foi escolhido através de um sorteio e, numa segunda ronda do jogo, o escolhido foi o vencedor da primeira ronda. Podemos referir que a maioria das crianças já conhecia o jogo, porém, existia um número reduzido que não conhecia as regras, pelo que incentivamos os restantes a explicarem o seu funcionamento, procurando com que as crianças comesçassem a ganhar um sentido de responsabilidade e de autonomia.

Durante a realização do jogo, existiram muitos momentos de diversão, a qual esteve interligada com as ações que o “Rei” ordenava, pois estas variavam desde a imitação de animais, a imitação da professora, ou até mesmo um movimento que as crianças estivessem habituadas na sua rotina, como por exemplo lavar os dentes. Confessamos que os movimentos mais recorridos pelos dois “Reis” foram a imitação de animais, tal como se pode verificar no mosaico que se segue (ver Figura 23), uma vez que se trata de movimentos que as crianças estão habituadas a observar e também a reproduzir em alguns tipos de jogos. As inúmeras experiências que tiveram no contexto deste tema também poderão ter inspirado tais escolhas.



**Figura 23 - Exploração do Jogo "O Rei Manda"**

- a)** Exploração do movimento do leão; **b)** Exploração do movimento do coelho;  
**c)** Empate no jogo; **d)** Exploração do movimento do canguru.

Foi também explorado um jogo dramático que convocou a imaginação das crianças, uma vez que estas tinham que se fazer passar por veterinários(as) (A63). Como acima explicámos, no último dia de intervenção, tivemos uma visita especial de um veterinário na sala de atividades, o qual veio acompanhado pela sua cadela Salsa.

Após brincarem e mimarem a Salsa, iniciamos o jogo, que consistia em tratar da Salsa como se ela estivesse doente.

Assim sendo, as crianças fizeram-se passar por veterinários(as) e tiveram o trabalho de procurar qual era a doença da Salsa, tocando no corpo dela, percebendo se algo não estava bem. Quando detetaram algum problema fictício, passaram ao tratamento do animal. Este foi um momento tão divertido para as crianças, pois para além de estarem a representar um papel, sentimos que estavam bastante ligadas ao animal, como se pode ver nas imagens apresentadas no seguinte mosaico (ver Figura 24).



**Figura 24 - Visita do veterinário**

a) Exploração do jogo dramático; b) Diálogo com o veterinário; c) Exploração do jogo dramático;

### **3.4. Em jeito de síntese**

Uma vez apresentado o percurso que foi realizado durante todo o estágio na Educação Pré-Escolar, gostávamos de mencionar que esta experiência foi sem dúvida muito gratificante e enriquecedora, no sentido em que foi possível aprender a trabalhar com um grupo de crianças com idades e níveis de aprendizagem diferentes. Confessamos que durante as primeiras observações sentimos que o grupo estava um pouco desequilibrado e que as crianças não se ajudavam entre si. Todavia, quando começamos a intervir, decidimos investir nestes aspetos e o resultado de melhoria foi logo imediato. Para além disto, conseguimos melhorar, substancialmente, o comportamento das crianças, através da implementação da estratégia das *abelhas do comportamento*. Na nossa opinião, e fazendo um balanço dos resultados que obtivemos, foi possível verificarmos que esta estratégia permitiu não só melhorar o comportamento das crianças, como também ajudá-las a refletir acerca dos seus próprios comportamentos e sobre o comportamento dos colegas, ganhando assim uma consciência das atitudes corretas e das menos corretas a adotar no nosso dia a dia.

Durante as primeiras intervenções, dávamos algum tempo às crianças para brincarem nas áreas lúdicas, pois estas pediam para brincar. Porém, com o decorrer dos dias, sentimos que estas já não pediam para brincar, tanto que perguntavam quais as atividades que iam fazer naquele dia. Este foi um aspeto muito importante, no sentido em que conseguimos cativar o grupo através das atividades, que foram realmente bastante lúdicas e dinâmicas, apropriadas àquela fixa etária. Para além disto, é de salientarmos que

a Educadora cooperante teve um papel importante, uma vez que nos deu muita flexibilidade, confiou e esteve sempre muito recetiva às nossas propostas. Todo o nosso trabalho, antes de ser implementado, era apresentado à educadora, para que esta pudesse dar a sua opinião e, nestes momentos de partilha de ideias, sempre demonstrou muito entusiasmo pelas nossas ideias, tanto que nunca fez qualquer alteração, nem sugestão de melhoria.

# Capítulo IV

## Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico



## 4. Práticas Educativas em Contexto do 1.º CEB

### **Primeiro momento – ensino à distância**

#### 4.1. Caracterização dos Contextos

- 4.1.1. O Meio Envolvente
- 4.1.2. O Núcleo Escolar
- 4.1.3. Caracterização da sala e das rotinas
- 4.1.4. Caracterização da turma
- 4.1.5. As necessidades da turma

#### 4.2. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico – ensino à distância

- 4.2.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico
  - 4.2.1.1. A Expressão Dramática no ensino à distância
    - 4.2.1.1.1. A Expressão Dramática e o conto

### **Segundo momento – ensino presencial**

#### 4.3. Caracterização dos Contextos

- 4.3.1. Caracterização da sala e das rotinas
  - 4.3.1.1. A organização do espaço
  - 4.3.1.2. A organização da rotina diária
- 4.3.2. Caracterização da turma
- 4.3.3. As necessidades da turma

#### 4.4. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico – ensino presencial

- 4.4.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico
  - 4.4.1.1. A Expressão Dramática no ensino presencial
    - 4.4.1.1.1. Relaxamento/respiração com crianças
    - 4.4.1.1.2. Jogo Dramático, no palco da escola

#### 4.5. Em jeito de síntese

#### **4. Práticas Educativas em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Este capítulo diz respeito à análise e reflexão acerca das práticas que foram realizadas no âmbito do Estágio Pedagógico II, que decorreu no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Antes de mais, importa referirmos que no início do Estágio Pedagógico II o mundo deparou-se com a pandemia de COVID-19, que fez com que o ensino passasse a ser à distância. Ensinar à distância foi um desafio para todos nós, pois inseriu-se numa realidade diferente e, por vezes, desigual para os alunos. É por isto que foi muito importante procurarmos perceber a situação de cada aluno, de modo a criarmos, sempre que possível, atividades que conseguissem chegar à globalidade da turma. Neste sentido, o Estágio Pedagógico II foi dividido em dois momentos: o primeiro momento foi lecionado à distância, enquanto o segundo passou a ser de forma presencial. Assim sendo, e de forma a organizarmos todo o trabalho, no presente Capítulo os contextos e as atividades implementadas foram divididos consoante os dois momentos de ensino que experimentámos – à distância e presencialmente.

Primeiramente, apresentamos o trabalho referente ao primeiro momento, realizado à distância. Neste sentido serão expostos os contextos, mais concretamente do meio envolvente, do núcleo escolar, da sala de aulas e também da turma que nos foi confiada. De salientar que para a descrição destes contextos realizamos uma análise ao Projeto Educativo de Escola (PEE), ao Projeto Curricular de Escola (PCE) e ao Regimento Interno da Escola. Para além destes, foram também analisados os Processos Individuais dos alunos e o Plano Anual de Atividades (PAA), que foram muito importantes para a posterior preparação e implementação das atividades. Tal como no Estágio Pedagógico I, no sentido de analisarmos e refletirmos sobre a informação de toda a documentação recolhida, depois complementada com o processo de observação, elaboramos um Projeto Formativo Individual (PFI), que foi realizado a partir das informações deste primeiro momento de estágio. Porém, tivemos o cuidado de adaptar alguns objetivos que pudessem ser comuns para o ensino presencial do que aconteceu de seguida.

Neste sentido, começamos por apresentar um conjunto de atividades que foram implementadas durante a prática pedagógica, no âmbito do ensino à distância. Todas estas atividades foram acompanhadas por uma sequência didática e também por memorandos que eram sempre elaborados após a implementação das atividades, no sentido de refletirmos acerca dos aspetos fortes e dos aspetos a melhorar.

Após apresentarmos os contextos e as atividades referentes ao primeiro momento do estágio, faremos uma apresentação semelhante, referente ao segundo momento do Estágio Pedagógico II, respeitante ao ensino presencial. Do mesmo modo que será apresentado o primeiro momento, este seguirá uma lógica semelhante, no entanto, serão apenas apresentados os contextos da sala de atividades e da turma, uma vez que os restantes, mais gerais, foram comuns a ambos os estágios. Importa ainda referirmos que para a realização destes contextos, foram analisados os Processos Individuais das crianças, o Plano Anual de Atividades (PAA) e as observações realizadas nos primeiros dias do estágio, que foram essenciais para preparar as atividades implementadas.

Numa segunda fase são então apresentadas as atividades que foram implementadas durante a prática pedagógica, no âmbito do ensino presencial. Importa também salientarmos que de forma a realizarmos todo este trabalho, em ambos os momentos do Estágio Pedagógico II, o Programa e Metas do 1.º Ciclo do Ensino Básico foi imprescindível para a planificação das atividades.

## **Primeiro momento – ensino à distância**

### **4.1. Caraterização dos Contextos**

Os contextos presentes no 1.º Ciclo do Ensino Básico são muito importantes e necessários para que se avalie a relação existente entre o meio envolvente, a escola e os alunos. É assim importante analisarmos com atenção os ambientes que rodeiam os alunos, de forma a criarmos atividades que respondam às suas necessidades.

Neste sentido, e uma vez que ambos os momentos de estágio decorreram no mesmo núcleo escolar, o meio envolvente e as características do núcleo escolar foram idênticas e serão apresentadas desde já.

#### **4.1.1. O Meio Envolvente**

A caracterização e o conhecimento do meio onde se inseria o núcleo escolar é um aspeto fulcral, pois este é um contexto determinante para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Apesar de, num primeiro momento, as aulas não terem sido lecionadas no espaço escolar e de não ter sido possível usufruir de atividades que se encontravam diretamente ligadas ao meio envolvente, como por exemplo visitas de estudo, não quer dizer que este não seja importante, até porque, no segundo momento do estágio, fizemos questão de convocá-lo.

Em relação à freguesia onde o núcleo escolar se encontrava, esta localizava-se no concelho de Ponta Delgada, sendo uma das maiores freguesias rurais de Portugal. Podemos referir que possuía uma vasta zona de terrenos, tendo com principais atividades económicas a agricultura e a pecuária. Para além disto, era uma localidade bastante desenvolvida nos campos oficiais, pois continha um número elevado de serralharias e oficinas mecânicas. No setor secundário podemos evidenciar o trabalho realizado na área dos laticínios. Também é importante salientarmos que existiam vários estabelecimentos comerciais e, por fim, mas não menos importante, existiam também na freguesia serviços, tais como uma unidade de saúde, bancos e as seguradoras. No que concerne à vertente cultural da freguesia, existiam diversas instituições que tinham como objetivo promover eventos culturais e sociais, dando-lhe uma certa vida.

Feita esta abordagem acerca do meio envolvente do núcleo escolar, foi possível verificarmos que a freguesia era extremamente aliciante e ativa, no sentido em que possuía bastantes grupos e atividades dinâmicas que podiam ser realmente uma mais-valia para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, aspeto que não descuramos.

#### 4.1.2. O Núcleo Escolar

No que diz respeito ao núcleo escolar onde foi realizado o Estágio Pedagógico II, referimos que este era um dos núcleos pertencentes a uma Escola Básica Integrada da Cidade de Ponta Delgada. O edifício escolar tinha abertura às 08h30 e encerrava às 18h00, salvo exceções. As atividades escolares tinham início às 9h00, seguindo-se um intervalo às 10h00 e, posteriormente, a hora de almoço era das 12h30 às 13h30. Na parte da tarde, as atividades letivas terminavam entre as 15h00 e as 16h00.

No âmbito dos espaços interiores, a escola era constituída por dez salas de aula destinadas à lecionação do 1.º Ciclo do Ensino Básico, outras quatro para a Educação Pré-Escolar e duas salas de apoio. No centro do núcleo escolar podíamos contar com um gabinete multiusos, dois refeitórios e uma cozinha, na qual existia uma casa de banho de apoio. No restante espaço escolar existiam outras nove instalações sanitárias, bem como um ginásio onde se realizavam as atividades dedicadas à Educação Físico-Motora.

No que diz respeito aos espaços exteriores, importa mencionarmos que existia uma vedação em todo o núcleo escolar e que os portões estavam sempre fechados, sendo as entradas e saídas controladas por um assistente operacional. No exterior do núcleo escolar existia um campo de jogos, bem como um parque infantil, que continha diversos materiais devidamente apropriados para as brincadeiras das crianças.

Relativamente à equipa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta era composta por 9 docentes titulares de turma, 3 docentes da área de Educação Física, 2 docentes de Inglês, 2 docentes da área da Expressão Musical, outros 2 docentes da área da Expressão Plástica, 1 docente que lecionava Educação Moral e Religiosa Católica, diversos professores, educadores e técnicos especializados, 3 docentes do projeto DA (que trabalhavam as dificuldades de aprendizagem ao nível da Matemática) e 1 especialista na área da Leitura.

No âmbito da Educação Pré-Escolar, esta contava com três Educadoras de Infância. É importante mencionarmos que o núcleo escolar estava a desenvolver alguns projetos/atividades que consideramos uma mais-valia na aprendizagem dos alunos. Estes projetos/atividades passavam pela elaboração de um Livro de contos infantis que ocorria ao longo do ano letivo, pelo convívio desportivo entre todos os alunos do 4.º ano de escolaridade que ainda não detinha data prevista para ocorrer, pela participação na Semana da Matemática “um conto que contas” e outras atividades referentes a esta área que decorriam ao longo de todo o ano letivo. Existiam ainda atividades referentes às TIC, as quais consistiam em introduzir, consolidar e rever conteúdos programáticos através da utilização de *smartphones* e *tablets*. É importante mencionarmos ainda que existia um

projeto referente ao “Saber comer, saber estar”, que era aplicado durante todo o ano letivo, com maior incidência nas horas de lanche/almoço. Por fim, mas não menos importante, existia a realização periódica de reuniões/assembleias que contavam com a participação dos encarregados de educação, criando uma forte ligação na relação escola-família.

Todos estes projetos/atividades eram, na nossa opinião, muito importantes para o bem-estar e desenvolvimento dos alunos, focados no seu bem-estar e o sucesso escolar.

#### **4.1.3. Caracterização da sala e das rotinas**

No início do 3.º período daquele ano letivo o cenário alterou-se e iniciaram-se as aulas à distância, apoiado pela televisão (através das rubricas *Aprender em Casa* e *Estudo em Casa*) e de plataformas digitais, geridas pelos docentes. Neste sentido, os alunos deixaram de ir, fisicamente, à escola e passaram a ter novos horários, novas rotinas e novos métodos de trabalho. Foi assim que, de um momento para o outro, a sala de aula dos alunos passou a ser uma sala *online*, a partir da sua própria casa.

Antes de mais, importa começar por referir que, apesar da turma ser constituída por 18 alunos, nem todos tinham o mesmo acesso às tecnologias que lhe permitiriam participar nas atividades remotamente. Esta recolha foi feita logo desde o início, da qual obtivemos a informação de que dez alunos possuíam computador, cinco *tablet*/telemóvel, dois possuíam telemóvel (e só poderiam ser contactados via *sms*) e um aluno não tinha acesso a nenhum tipo de aparelho tecnológico.

Tendo isto em conta, foi muito importante basearmo-nos em alguns documentos que foram fundamentais para uma “prática” coesa e bem articulada, nomeadamente os programas das diferentes áreas e as aprendizagens essenciais. Para além disso, também foi essencial acompanharmos as aulas da rubrica *Estudo em Casa*, as quais auxiliaram todo o trabalho, fazendo com que ganhássemos uma maior noção daquilo que estava a ser explorado e, essencialmente, a forma como esta exploração era realizada. Ao utilizarmos estes documentos percebemos quais os conteúdos que deviam ser transmitidos aos alunos, servindo de orientação para a criação/adoção de estratégias eficazes, procurando garantir novas aprendizagens na turma. Para além disto, a utilização dos materiais certos foi sem dúvida uma mais-valia, pois contribuiu, certamente, para o desenvolvimento de uma prática adequada e significativa, que teve sempre em conta as potencialidades e fragilidades dos alunos.

As atividades propostas foram pensadas de acordo com os conteúdos a serem lecionados nas várias semanas e, acima de tudo, alinhadas com as necessidades dos

alunos, de modo a incentivá-los ao estudo em casa, oferecendo-lhes diferentes maneiras de trabalharem os conteúdos necessários, daí termos sentido necessidade de criar um blogue, vários vídeos e fichas *online*.

Em primeiro lugar, o nosso grupo de estágio sentiu a necessidade de elaborar um vídeo de apresentação, pois consideramos que esta seria uma maneira de nos aproximarmos dos alunos, no sentido em que, deste modo, estes ficaram a saber quem lhes mandava os trabalhos, associando sempre o trabalho a uma pessoa, algo que foi essencial para a criação de uma ligação mais próxima, mesmo que há distância. Para além deste aspeto, importa ainda salientar que procedemos à elaboração de duas personagens digitais que correspondiam às nossas características físicas, criando assim as personagens “Professora Ana” e “Professora Carolina”, que acompanharam os alunos, estando sempre presentes nas atividades, ao longo deste período letivo. Esta ideia surgiu com o intuito de criarmos uma aproximação ao mundo digital, levando os alunos a estabelecer uma relação imaginária com as próprias personagens, fazendo delas um ícone fundamental para uma “prática” mais apelativa que levou os alunos a adaptarem-se mais rapidamente às dinâmicas desenvolvidas. No contexto da área expressiva que decidimos aprofundar na nossa ação educativa, funcionou também como mais uma oportunidade de convocarmos a imaginação dos alunos.

Surgiu-nos também a ideia de criarmos uma plataforma “blogger”, intitulada “*Toca, resolve e muito irás aprender*”, na qual fomos colocando todas as atividades propostas ao longo das várias semanas, sendo que esta foi uma forma de organização bastante simples e acessível tanto para os alunos como para nós e para a professora cooperante. A criação deste blogue também foi pensada com o intuito de as atividades, mais tarde, ficarem acessíveis a outros docentes, bem como a outros alunos, permitindo assim uma partilha de ideias e do nosso trabalho.

Foi ditado pelas circunstâncias que trabalhássemos assim, e que os alunos aprendessem assim, logo, foi bastante importante utilizar os recursos digitais de modo a facilitar todo o trabalho e acima de tudo a aprendizagem dos alunos. Com todas estas modificações com o ensino à distância o papel do professor nunca pode ser colocado em causa, pois “[o] que surge é uma adaptação de estratégias e novas metodologias, onde o professor se mantém como orientador no processo de ensino/aprendizagem” (Franco, 2013, p. 15).

Com o ensino à distância foi ainda mais importante percebermos quais as potencialidades dos recursos educativos digitais e a forma como estes mudaram a maneira

como os alunos encararam esta nova fase das suas vidas. Sendo assim, importa salientarmos que todas as estratégias adotadas foram pensadas no âmbito de transmitirem dinamismo e procurarem levar os alunos a desenvolver um maior interesse e motivação pelos conteúdos lecionados à distância, não os vendo como algo entediante e monótono.

#### **4.1.4. Caracterização dos alunos**

No que diz respeito à caracterização da turma, tal como já referimos, esta era constituída por 18 alunos, que frequentavam um 4.º ano de escolaridade. Importa referir que se considerou indispensável um acompanhamento individualizado aos alunos, com o intuito de realizarem corretamente as atividades nas áreas, entendidas como nucleares, do Português, Estudo do Meio e Matemática. Relativamente ao trabalho realizado na sala de aula, havia sempre o cuidado de se lerem os enunciados para que todos percebessem as tarefas e a correção das atividades era realizada através de trabalho coletivo, com o intuito de os alunos exporem as suas questões e verificarem se o seu trabalho estava ou não correto.

No que concerne à assiduidade e à pontualidade, este era um grupo bastante assíduo, havendo momentos pontuais em que ocorriam alguns registos de falta de pontualidade. Como era costume, nestes momentos, a Professora aproveitava para chamar a atenção relativamente ao que estava certo e errado, ao bom e ao mau, salientando a importância da assiduidade e da pontualidade, fazendo os alunos refletirem sobre a sua ação.

#### **4.1.5. As necessidades da turma**

Passando agora a falar nas necessidades que foram encontradas, no geral, a turma revelava uma certa falta de motivação para aprender novos conteúdos, mas também algum desinteresse pelos conteúdos que já tinham sido lecionados. Também é importante salientarmos que o facto de as aulas passarem a ter sido lecionadas à distância fez com que os alunos perdessem o contato presencial com os seus colegas. Esta realidade foi problemática no sentido em que, nestas idades, o convívio entre as crianças é fundamental e privá-las de estarem umas com as outras pode ser prejudicial no seu processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista relacional e social, uma vez que os alunos tendem a ajudar-se uns aos outros, por exemplo a descodificar problemas e a ultrapassar obstáculos. Os alunos funcionavam muito como turma, em conjunto, pelo que, deixarem de estar

presencialmente com os seus colegas foi uma mudança bastante grande nas suas vidas, aspeto que nunca deixamos de ter em conta.

O facto de não ser possível apoiarmos os alunos presencialmente foi também um problema, pois não tínhamos noção do apoio que estes recebiam na realização das atividades, por parte dos pais/encarregados de educação, fazendo com que nascesse um certo ambiente de preocupação e dúvida.

Importa ainda referirmos que existiam alunos com condições desfavoráveis para alcançar o sucesso escolar através do ensino à distância, por não possuírem computador ou internet. Esta foi uma grande necessidade por parte de alguns alunos, porém, existiu sempre preocupação de adaptarmos algumas atividades, fazendo com que chegassem a todos os alunos, mesmo que através de fotocópias, disponibilizadas pela Junta de Freguesia. Apesar disto, nem sempre era possível adaptarmos as atividades, pois algumas eram vídeos ou recursos, disponibilizados apenas *online*. Foi assim muito importante e imprescindível termos em conta as necessidades dos alunos, tal como as suas limitações em relação às novas tecnologias, que os impediam de aceder às nossas propostas.

#### **4.2. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico – ensino à distância**

Apresentados os diferentes contextos nos quais se desenvolveu o primeiro momento do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, é indispensável apresentarmos as atividades que foram sendo implementadas. Neste sentido, e na mesma perspetiva do que fizemos para as práticas realizadas na Educação Pré-Escolar, é exposto um quadro síntese, que reúne, agrupa e articula as diferentes áreas abordadas. No que concerne à organização deste quadro, este encontra-se dividido pelas diversas áreas de conteúdo, com um código de cores semelhante ao que utilizámos para apresentar o estágio anterior. Assim sendo, é possível percebermos que, nas diversas atividades implementadas, existe sempre a área foco, que destacamos com uma tonalidade mais escura, enquanto as áreas que estão presentes como associadas estão identificadas com uma tonalidade mais clara. Voltámos a destacar a vermelho as atividades relacionadas com a área da Expressão Dramática, cuja apresentação e reflexão será feita de forma mais detalhada.

Nesta primeira tabela, apresentamos apenas as atividades realizadas no primeiro momento do Estágio Pedagógico II, implementadas à distância (ver Tabela 9).

Tabela 9 – Síntese das atividades desenvolvidas no primeiro momento do Estágio Pedagógico II

Calendarização		Áreas de Conteúdo								Feedback dos alunos	
		Cidadania	Estudo do Meio	Português	Matemática	Expressões					
Tipo de intervenção	Intervenção					Descrição do recurso/ atividade proposta	Físico-Motora	Expressões artísticas			
		Dramática	Plástica	Musical							
Intervenção conjunta	1. <sup>a</sup> – 4 a 8 de maio	A1	Visionamento do vídeo de apresentação								
		A2	Vídeo tutorial de acesso ao blogue								
		A3	Exploração do jogo: “Pineco”								
		A4	Ficha <i>online</i> do cálculo matemático								
		A5	Visionamento do vídeo: “Os rios”								
		A6	Ficha <i>online</i> acerca dos rios								
		A7	Ficha <i>online</i> dos determinantes/pronomes								
		A8	Ficha <i>online</i> dos algoritmos matemáticos								
		A9	Visionamento do vídeo: “Rios de Portugal”								
		A10	Exploração do manual de Estudo do Meio								
		A11	Elaboração de um desenho referente aos rios								
Intervenção conjunta	2. <sup>a</sup> -11 a 15 de maio	A12	Visionamento do vídeo: “O relevo”								
		A13	Produção de um texto narrativo								
		A14	Audição da canção: “As elevações de Portugal”								
		A15	Visionamento do vídeo: “Sérgio e a Formiga”								
		A16	Ficha <i>online</i> do texto: “Sérgio e a Formiga”								
		A17	Visionamento do vídeo: “O relevo de Portugal”								
		A18	Exploração do manual de Estudo do Meio								
		A19	Ficha <i>online</i> : “Desafios matemáticos”								
Intervenção conjunta	3. <sup>a</sup> – 18 a 22 de maio	A20	Visionamento do vídeo: “A pele do tambor”								
		A21	Criação do dicionário de palavras								
		A22	Ficha <i>online</i> do conto: “A pele do tambor”								
		A23	Visionamento do vídeo: “A costa portuguesa e os seus aspetos”								

		A24	Ficha <i>online</i> referente ao cálculo do troco											
		A25	Visionamento do vídeo: “Classes e subclasses dos adjetivos”											
		A26	Visionamento do vídeo: “Sinalização das marés”											
		A27	Ficha <i>online</i> preenchimento de espaços											
		<b>A28</b>	<b>Dramatização do conto: “A pele do tambor”</b>											
<b>Intervenção individual</b>	4. <sup>a</sup> – 2 a 5 de junho	<b>A29</b>	<b>Visionamento do vídeo: “A raposa mentirosa e o galo espertalhão”</b>											
		<b>A30</b>	<b>Exploração de sombras chinesas</b>											
		A31	Ficha <i>online</i> referente aos verbos											
		A32	Visionamento do vídeo: “A silvicultura, a pesca e a indústria”											
		A33	Exploração do manual de Estudo do Meio											
		A34	Ficha <i>online</i> de conversões matemáticas											
<b>Intervenção individual</b>	5. <sup>a</sup> – 15 a 19 de junho	A35	Visionamento do vídeo: “A relação entre palavras”											
		A36	<i>Quiz</i> referente à relação entre palavras											
		A37	Visionamento do vídeo: “A poluição”											
		A38	Trabalho de projeto											
		A39	Criação do microfone do trabalho de projeto											
		A40	Ficha <i>online</i> sobre áreas e perímetros											

Tal como nos é dado a perceber na tabela apresentada, ao longo do Estágio Pedagógico II, mais concretamente no 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram implementadas 40 propostas de atividades a realizar à distância, que se encontram devidamente identificadas através da sua respetiva numeração. Neste sentido e após uma análise geral do quadro, podemos concluir que as áreas do Português, da Matemática e do Estudo do Meio foram as que tiveram um maior destaque, uma vez que nos foi dada a indicação de que deveriam assumir-se como prioritárias por serem aquelas que reuniam as maiores dificuldades por parte dos alunos, bem como o facto de apresentarem uma maior carga horária. Relativamente à área da Cidadania, esta foi estando presente como maior ênfase, como área auxiliar. Por fim, no que concerne à área das Expressões, é perceptível que as áreas da Educação Físico-Motora e da Expressão e Educação Musical foram as menos trabalhadas, pois estas estavam a cargo de dois docentes coadjuvantes, os quais eram responsáveis por lecionar mesmas.

A **primeira intervenção** foi realizada em conjunto com a nossa colega de estágio e realizou-se nos dias 4, 5, 6, 7 e 8 de maio. Uma vez que a primeira parte do nosso estágio foi realizada à distância, como forma de organizar todo o nosso trabalho, adotamos como estratégia a criação de um blogue, que serviu de plataforma interativa para a consulta das várias atividades da semana. Os alunos e os pais recorriam a este blogue sempre que necessário, consultando todas as atividades, de uma forma acessível e prática. Como forma de motivar os alunos e os encarregados de educação, decidimos, ainda, criar um “Mérito” semanal, que se encontrava no blogue, que nesta primeira semana consistiu numa medalha composta por uma frase motivadora, incentivando à continuação de um bom trabalho. Decidimos ainda adotar a estratégia de criar um canal do *youtube*, onde iam sendo partilhados os vídeos referentes às atividades das diferentes áreas.

De modo a introduzirmos a nossa presença no ensino à distância iniciamos a semana com um vídeo de apresentação (A1), a partir do qual os alunos conseguiram criar uma ligação mais direta connosco, ficando a saber quem preparava as suas atividades, ao longo das próximas semanas. Para além deste vídeo, foi também exposto um vídeo tutorial de funcionamento do blogue (A2).

Nesta semana, foram trabalhados conteúdos referentes à área do Português, mais concretamente o Jogo do Pineco (A3) e os determinantes e pronomes demonstrativos e possessivos (A7), através de um vídeo, acompanhado da realização de uma página de exercícios do manual. De forma a complementar o trabalho realizado pelos professores DA de Matemática, foram aplicadas duas fichas *online* em formato *Google forms* (A4 e

A8), referentes ao Cálculo Mental da multiplicação e divisão e aos Algoritmos da multiplicação e da divisão. No que diz respeito à área do Estudo do Meio trabalhamos os Rios de Portugal, através de dois vídeos (A5 e A9), que expunham os conteúdos presentes no manual dos alunos, mas também informação adicional, prática que considerávamos uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos. Para além destes vídeos, de forma a consolidar os conteúdos, foi também aplicada uma ficha de trabalho *online* em formato *Google forms* (A6). No âmbito das Expressões Artísticas, nesta semana foi abordada a Expressão Plástica através da elaboração de um desenho (A11) referente aos conteúdos explorados na área do Estudo do Meio, procurando utilizar materiais recicláveis.

Ao fazermos a reflexão acerca desta nossa primeira intervenção, foi possível constatar que a utilização dos materiais manipuláveis na abordagem à resolução de problemas com frações, a dinamização de jogos matemáticos e a aposta em atividades nas quais os alunos puderam sintetizar e rever a matéria de uma forma dinâmica, contribuíram para que a turma apresentasse um desempenho bastante positivo. No entanto, verificamos que devíamos ter feito uma maior interligação entre diferentes áreas do saber, uma vez que nesta intervenção estas foram trabalhadas um pouco isoladas umas das outras. Foi este um dos principais aspetos que tentámos reverter na intervenção seguinte.

A **segunda intervenção** foi realizada em conjunto com par pedagógico, tendo lugar entre os dias 11 a 15 de maio. Iniciou-se com a área do Estudo do Meio, na qual foram explorados dois vídeos (A12 e A17), que exploravam o “Relevo de Portugal”. No sentido de consolidarmos a informação transmitida nos vídeos, propusemos a elaboração de uma página do manual dos alunos (A18), pois consideramos importante e necessário que os alunos continuassem a trabalhar com o manual, não o desvalorizando, até porque era um recurso que estava acessível a todos.

No que diz respeito à Expressão Musical, sentimos que era uma mais-valia a criação de uma canção (A14), pois consideramos que esta podia ser uma boa forma de trabalhar conteúdos, neste caso, da área de Estudo do Meio. Como refere Mateus (2018, p. 1) “[o] carácter lúdico da música transforma-a num recurso privilegiado para promover múltiplas aprendizagens em áreas específicas do desenvolvimento humano”. É fundamental referirmos que a criação da canção fez com que saíssemos da nossa zona de conforto, agarrando este novo desafio, que também nos levou a desenvolver novas competências, benéficas para o nosso trabalho no futuro.

Em relação à área do Português, mais concretamente à parte da Oficina da Escrita, propusemos a produção de um texto narrativo (A13), interligado com a área do Estudo do

Meio, através do conteúdo “a maior elevação de Portugal”, fazendo com que os alunos observassem, atentamente, uma imagem real da mesma, procurando inseri-la como sendo o espaço de toda a sua narrativa. Em seguida, optamos por recorrer a um vídeo que permitiu explorar conteúdos relacionados com o Relevo de Portugal (A12). Na área do Português exploramos o texto: “Sérgio e a Formiga” (A15), uma vez que este é uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos. Este texto foi ainda reaproveitado para se desenvolver uma ficha em formato *Google forms* (A16) com questões relacionadas com o desenvolvimento da história. Os questionários disponibilizados através da plataforma *Google forms* acabaram por ser uma rotina, algo muito importante para os alunos, visto que estes trabalhavam bem com rotinas. Para além disto, os pais consideravam que as fichas neste formato eram uma boa ferramenta, pois facilitava bastante o trabalho.

Relativamente à área da Matemática, propusemos um dia destinado a dois desafios matemáticos (A19), sendo que estes foram enviados em suporte PDF, para que os alunos resolvessem no seu caderno diário. Neste âmbito, este foi um pormenor fulcral, pois não pretendíamos que os alunos perdessem a prática da escrita no caderno, uma vez que o facto de termos vivido num tempo que sugeriu a utilização das novas tecnologias, com mais frequência, fez com que ocorresse um grande distanciamento de práticas que não deviam desaparecer do dia-a-dia do aluno, como por exemplo a escrita no caderno.

Também procuramos, sempre que possível, desenvolver um trabalho de interdisciplinaridade, o que nos leva a “compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado” (Bonatto, Barros, Gemeli, Lopes & Frison, 2012). Trabalhar o currículo de forma integrada foi uma forma de articularmos todo o trabalho de diferentes áreas, proporcionando aos alunos um fio condutor que é importante para a sua aprendizagem.

No que diz respeito à **terceira intervenção**, esta foi realizada em conjunto com a nossa colega de estágio, na semana de 18 a 22 de maio. As atividades propostas para esta semana incidiram na área do Português, na qual foi explorado o conto contemporâneo de António Torrado: “A Pele do Tambor” (A20), uma obra desconhecida dos alunos, não constando no manual. Para além disto, a forma como este conto foi explorado com os alunos, nomeadamente através de um vídeo onde uma das estagiárias apareceu a contar o conto, ofereceu uma dinâmica completamente diferente, permitindo uma melhor exploração do mesmo, visto que, tal como refere Canaz (2013, p. 20), “quando ouvimos um conto, crescemos por dentro e dá-se uma festa dentro da festa livre

que é o conto”. De forma a desenvolver os conteúdos trabalhados no conto, elaboramos uma ficha *online* no *Google forms* (A22), com questões acerca do conto. Esta ficha foi criada nesta plataforma com o propósito de obtermos, diretamente, as respostas dos alunos. Importa realçar que aquando da leitura do conto, foi possível verificarmos que este possuía alguns termos que eram desconhecidos para a maioria dos alunos. Neste sentido, propusemos a criação de um dicionário individual (A21), cuja exploração não se esgotou naquele momento, visto que, ao longo de todas as atividades propostas à distância, os alunos iam completando o seu dicionário, sempre que existiam termos que lhes eram desconhecidos. Por fim, relativamente aos conteúdos das classes e subclasses dos nomes e aos adjetivos, estes foram expostos através de um vídeo (A25), contanto com a presença de uma estagiária.

Mais concretamente em relação à área do Estudo do Meio, as estratégias utilizadas passaram pela criação de vídeos dinâmicos (A23 e A26), que abordaram os conteúdos presentes no manual a que todos tinham acesso, completando com informação adicional e igualmente importante. Ainda nesta área, optamos por criar uma ficha de preenchimento de espaços *online* (A27), referente aos conteúdos trabalhados nos vídeos, sendo esta uma maneira nova de trabalhar, que explorámos pela primeira vez, mas que consideramos ser uma mais-valia. Importa salientarmos que, após uma nova procura, na internet, de novas ferramentas *online*, encontramos uma plataforma intitulada por *h5p*, a qual nos deu acesso a um conjunto de protótipos de atividades que passamos a utilizar. No caso desta semana, utilizamos esta plataforma para elaborar uma ficha *online* de preenchimento de espaços, a qual permitiu aos próprios alunos realizarem a correção das palavras em falta.

Relativamente à área da Matemática, foi proposta uma ficha de trabalho *online* no *Google forms* (A24), a qual foi elaborada também em PDF, de forma a chegar ao aluno que não tem acesso à internet. Esta ficha abordou o cálculo do troco, através de três exercícios baseados no “Caderno do Aluno” do Projeto “Matemática Passo a Passo”.

No que concerne à Expressão Dramática, criamos um desafio interligado com o conto trabalhado ao longo da semana, que convidou os alunos a dramatizarem/representarem personagens, locais e/ou situações. Foi importante oferecermos aos alunos diferentes momentos onde estes pudessem aprender através da arte, pois esta é, como vimos no nosso enquadramento teórico, uma mais-valia para a sua aprendizagem e desenvolvimento.

No que concerne à **quarta intervenção**, esta foi realizada nos dias 2, 3, 4 e 5 de junho, tendo sido a primeira intervenção individual. No que concerne às áreas que foram abordadas, começamos por fazer referência à área do Português, trabalhada através de uma ficha de trabalho em formato *Google forms* (A31), que apresentou exercícios referentes aos tempos verbais, de forma que os alunos conseguissem consolidar os conteúdos já adquiridos. Existiu a preocupação de relacionarmos os conteúdos da ficha com o conto apresentado na área da Expressão Dramática: “A raposa mentirosa e o galo espertalhão” (A29). A escolha da estratégia da ficha *online* deveu-se ao facto de considerarmos o trabalho no *forms* um instrumento bastante funcional, o qual foi elogiado pelos pais/encarregados de educação dos alunos, no sentido em que referiram que este tipo de ferramenta facilitou o trabalho do aluno ao nível de resolução da atividade, mas também no *feedback* da atividade. Foi importante termos em conta estes *feedbacks*, pois foram um fator importante no sentido de melhorarmos o nosso trabalho, bem como proporcionarmos um ensino que se queria acompanhado pelos pais/encarregados de educação. No entanto, e apesar de isto ter sido salientado ao longo das práticas conjuntas, foi importante que os alunos aprendessem a escrever no computador, mas tivemos também o cuidado de os estimular, com frequência, na escrita à mão, fazendo com que não perdessem esta capacidade, que é essencial na aprendizagem do aluno.

No que concerne à área do Estudo do Meio, a estratégia escolhida passou pela criação de um vídeo (A32), que abordou os conteúdos presentes no manual a que todos tinham acesso. No entanto, existiu a preocupação de acrescentar alguma informação que consideramos igualmente importante. Salientamos que este vídeo foi elaborado de uma forma um pouco diferente dos vídeos anteriormente elaborados na área do Estudo do Meio, pois neste existiu a preocupação de mostrar presença humana, de forma a tentar aproximar os alunos dos conteúdos explorados, bem como à realidade da silvicultura, da pesca e da indústria. Consideramos que esta foi uma estratégia muito importante no ensino à distância, pois os alunos necessitavam de sentir que existia “alguém” do outro lado do computador e isso dava-lhes motivação, ao longo de todo o trabalho. Para além do vídeo, os alunos exploraram a página do manual (A33) que abordava os conteúdos explorados no vídeo.

Relativamente à área da Matemática, os conteúdos desta semana foram trabalhados através de uma ficha *online* do *Google forms* (A34), referente às conversões de unidades de medida. A escolha desta estratégia deveu-se pelos motivos salientados, anteriormente, no que toca à área do Português, mas também pelo facto de ser importante estimular os

alunos a escreverem no computador, pois a aquisição desta competência será uma mais-valia para o seu futuro, numa sociedade cada vez mais globalizada na qual a realidade digital será bastante recorrente.

Por fim, no que concerne à área da Expressão e Educação Dramática, adiantámos uma proposta no contexto das sombras chinesas, um conteúdo que não tinha sido possível explorar no estágio anterior, procurando um conto que se interligasse com o trabalho desenvolvido na área do Português e também na área da Matemática.

Assumimos tal proposta, que apresentaremos com mais detalhe um pouco mais adiante, mesmo no contexto do ensino à distância, porque entendemos que “a arte tem como função desenvolver o sentido criativo do indivíduo, constituindo (no que diz respeito ao ensino) este poder de criação um fator relevante no processo educativo da criança” (Reis, 2015, p. 5). Neste sentido, procuramos não deixar de proporcionar aos alunos momentos em que pudessem desenvolver competências na área das Expressões Artísticas. Para além disto, foi ainda proposto que gravassem as suas representações, com o intuito de as enviarem, caso tivessem disponibilidade e recursos para tal.

Relativamente à **quinta intervenção**, que foi desenvolvida individualmente, na semana de 15 a 19 de junho, podemos começar por salientar que o tema explorado, a “Poluição”, deveu-se ao facto de estar presente na planificação semanal da orientadora cooperante. Segundo Resende (2016, p. 3) “no mundo contemporâneo temos assistido a uma crescente preocupação com a saúde, a qual está fortemente relacionada, quer com a evolução dos sistemas de saúde, quer com uma maior consciencialização por parte dos cidadãos dos seus direitos”. Assim sendo, procuramos abordar este tema com especial cuidado, pois o mundo está a enfrentar um problema muito sério, que é resultado da imprópria e exagerada ação do Homem.

No que concerne às áreas abordadas, começamos por fazer referência à área do Português, a qual foi trabalhada através de um vídeo que apresentou conteúdos referentes à relação entre palavras (A35). A estratégia da criação de vídeos teve, na nossa opinião e no feedback recebido da nossa Professora Cooperante, um impacto bastante bom, pois foi uma ferramenta de fácil acesso, que nos permitiu expor os conteúdos de forma perceptível e lúdica. Importa salientarmos que este vídeo foi elaborado no seguimento do vídeo da primeira semana de intervenção, no sentido em que tivemos o cuidado de mostrar-nos a nós, e não apenas o nosso *avatar* (como acontecia em outras situações), procurando fazer com que os alunos se sentissem mais confortáveis em relação a este tipo de ensino. Ainda no que diz respeito área do Português, aplicamos

um *quiz* (A36), que apresentou perguntas através de diversas formas de apresentação: escolha múltipla, “*drag and drop*” e preenchimento de espaços em branco. Esta foi uma nova estratégia, que pensamos ter sido uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos, pois permitiu-lhes autocorrigir os seus próprios erros, fazendo com que tivessem a oportunidade de aprender com uma maior autonomia.

No que concerne à área do Estudo do Meio, a estratégia escolhida passou pela criação de um vídeo (A37), que abordou os conteúdos presentes no manual a que todos tinham acesso, porém, e tal como em todo o trabalho elaborado, existiu a necessidade de realizar um trabalho de pesquisa sobre o tema a explorar, de forma que se complementasse a informação existente naquele recurso.

Relativamente à área da Matemática, os conteúdos desta semana foram trabalhados através de uma ficha *online* do *Google forms* (A40), referente à consolidação dos conteúdos da área, perímetro e tratamento de dados. A escolha da estratégia da ficha *online* deveu-se ao facto de observarmos que este tipo de ferramenta foi uma mais-valia, tanto para nós, como para os alunos/pais/encarregados de educação, no sentido em que simplificou o trabalho ao nível da sua resolução, como também permitiu ter um acesso mais fácil e direto ao *feedback* dos alunos.

Foi ainda desenvolvido um trabalho de projeto (A38 e A39), que englobou as áreas do Português, da Expressão Plástica/Dramática e também a área do Estudo do Meio. Este tipo de trabalho “se incentivado e bem estruturado, potencia a criatividade intrínseca do aluno, a sua autonomia e valoriza o aluno como principal ator do seu próprio saber” (Silva, 2019, p. 24). Para além disto, incentivamos os alunos a pesquisar informação e/ou a informarem-se junto dos seus familiares acerca do tema da “Poluição”, procurando promover a relação da família e o seu envolvimento no processo de aprendizagem dos alunos. Este trabalho de projeto foi acompanhado por uma ficha de trabalho, a qual apresentava todas as fases que os alunos devem seguir, bem como um guião de entrevista, com perguntas que devem ser exploradas, a fim de consolidar os conteúdos abordados, na área do Estudo do Meio.

Por fim, no último dia de aulas apresentamos um breve vídeo, no qual demonstramos a nossa gratidão por todo o esforço realizado, ao longo de todo o trabalho, bem como uma breve despedida, desejando o melhor para cada um.

Uma vez apresentado o percurso que foi realizado durante o primeiro momento do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, não podemos deixar de partilhar que sentimos que esta experiência foi, sem qualquer dúvida, muito compensadora e proveitosa, no âmbito

em que passamos por uma vivência completamente diferente daquela a que o mundo, em geral, estava habituado. Muitas rotinas foram alteradas, bem como outros aspetos fundamentais para a aprendizagem do aluno. Inicialmente, o cenário foi um pouco assustador, mas foi para todos nós, alunos, pais, professores, cidadãos em geral. O mundo colocou-nos assim um desafio que tivemos que abraçar de uma forma que nos permitisse dar continuidade ao trabalho que tinha sido realizado até ao momento, presencialmente.

Em jeito de conclusão desta fase, sentimos que esta experiência foi sem dúvida uma mais-valia, tanto para nós estagiárias, como para os nossos professores e também para os nossos alunos, no sentido em que consideramos que o ser humano evolui muito quando sai da sua “zona de conforto”. Mais do que nunca, o trabalho em equipa foi importante e sentimos que este deve ser visto como algo enriquecedor e motivador para o alcance do sucesso de todos, professores e alunos.

Após a apresentação e reflexão global acerca das atividades desenvolvidas neste primeiro momento do estágio, passaremos ao aprofundamento das atividades que nos remetem para o tema desenvolvido no presente Relatório de Estágio.

#### **4.2.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico**

##### **4.2.1.1. A Expressão Dramática no ensino à distância**

No que concerne às atividades realizadas no primeiro momento do estágio referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico (ver Tabela 9) é possível observar todas as atividades que foram implementadas, porém foi importante refletirmos com maior incidência naquelas que convocaram a área da Expressão Dramática.

No que diz respeito a este momento de estágio, existiu uma forte conexão entre a área da Expressão Dramática e a área do Português, no sentido em que existiu um trabalho bastante detalhado que envolveu a exploração de dois contos.

##### **4.2.1.1.1. A Expressão Dramática e o conto**

Ao longo desta fase do nosso estágio pedagógico foram apresentados dois contos, que permitiram desenvolver atividades referentes à área da Expressão Dramática.

Um dos contos apresentados foi “A pele do Tambor”, que foi explorado através de um vídeo e de um jogo de tabuleiro (A28). A escolha do conto deveu-se ao facto de este não constar no manual dos alunos e de considerarmos pertinente explorar contos que sejam desconhecidos dos mesmos, para ampliar a sua cultura literária.

Neste sentido optamos por criar um desafio interligado com o conto trabalhado ao longo da semana. Este desafio convidou os alunos a dramatizarem/representarem personagens, locais e/ou situações referentes ao conto. Assumimos esta estratégia conscientes de que, é muito importante oferecermos às crianças diferentes momentos onde estas possam aprender através da arte, pois, tal como refere Stern (1974, p. 27 citado por Mano, p. 35), “[o] que a criança sente, experimenta e exprime é importante e tem valor definitivo”. Oferecer às crianças atividades onde elas sejam convidadas a sentir, experimentar e exprimir-se de diversas formas é oferecer tempo e espaço para que elas possam crescer enquanto seres individuais e coletivos, capazes de contribuir para um mundo melhor.

Importa salientar que, uma vez que esta atividade foi implementada durante o ensino à distância, foi pedido aos alunos que fotografassem/filmassem o seu trabalho, mas infelizmente não obtivemos a resposta que se pretendia. Este foi um aspeto que consideramos ser uma luta ao longo deste momento do estágio, uma vez que alguns alunos não tinham acesso às novas tecnologias ou não as sabiam utilizar. Porém, tivemos sempre o cuidado de criar atividades cativantes que procurassem motivar os alunos, mesmo que à distância.

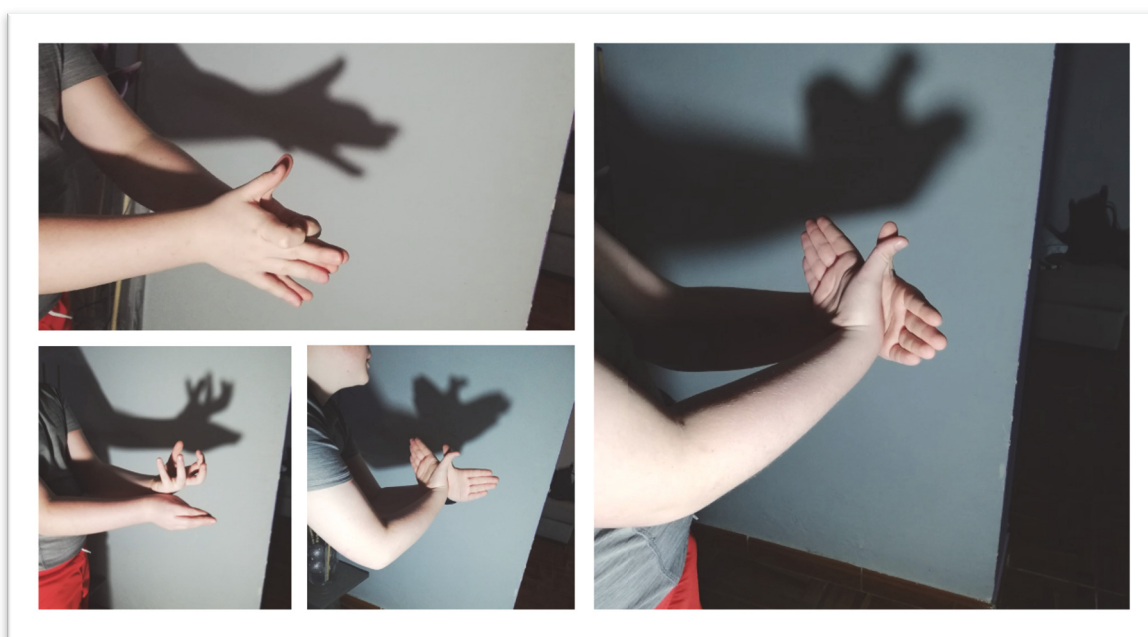
Relativamente ao segundo conto apresentado, intitulado por: “A raposa mentirosa e o galo espertalhão”, foi apresentado um vídeo da nossa autoria, no qual surgia uma apresentação de teatro de sombras chinesas (ver Figura 25). De forma a complementar este vídeo, foi elaborada uma ficha de trabalho, que apresentava diferentes exemplos de sombras chinesas de animais, realizadas com as mãos, através de fotografias e também de um vídeo explicativo. A estratégia de apresentar imagens e um vídeo surgiu devido ao facto de considerarmos importante que os alunos vejam como se movimentam as mãos para obter determinado animal, no entanto também consideramos importante que tenham o resultado final em imagem fixa, de modo a terem um “guia”. Esta ficha de trabalho convidou ainda os alunos a representarem “personagens”, através da utilização das sombras chinesas com as mãos. Importa ainda mencionarmos que, nesta ficha de trabalho, existiam imagens ilustradas que exemplificavam aos alunos como podiam realizar o efeito da sombra chinesa, utilizando um candeeiro, como por exemplo.

Ao contrário dos resultados pouco positivos na receção de trabalhos referentes ao primeiro conto apresentado, salientamos que neste segundo conto existiu uma maior adesão por parte de alguns alunos que se preocuparam em enviar fotografias do seu

trabalho. Nos mosaicos que se seguem partilhamos com o leitor algumas das fotos enviadas (ver Figuras 25 e 26).



*Figura 25 – Apresentação do conto “A raposa mentirosa e o galo espertalhão”*



*Figura 26 – Atividade de representação de diferentes animais, utilizando a técnica de sombra chinesa com as mãos.*

## **Segundo momento de estágio – ensino presencial**

### **4.3. Caracterização dos Contextos**

No início do 1.º período, na sequência da realização do primeiro momento do Estágio Pedagógico II, iniciou-se o segundo momento, o qual foi realizado já de forma presencial. É importante lembrarmos que, apesar de a turma e o ano de escolaridade terem sido diferentes, o núcleo e o meio envolvente eram semelhantes, pelo que já foram apresentados, anteriormente. Neste sentido, são em seguida apresentadas as características da sala de atividades, bem como a caracterização da turma.

#### **4.3.1. Caracterização da sala e das rotinas**

Ao iniciarmos este segundo momento do estágio pedagógico II, uma das nossas maiores inquietações foi o facto de estarmos perante uma turma do 1.º ano e de nunca termos tido qualquer contato/experiência com este ano de escolaridade. Para além deste aspeto, também consideramos necessário referir que nem nós nem a professora cooperante conhecia a turma, pelo que foi uma experiência que, para todas nós, se iniciou completamente do “zero”.

É essencial percebermos que, tendo em conta a situação pandémica de COVID19 que se instalou no mundo, os alunos tiveram longos meses em casa, pelo que foi bastante necessário reforçarmos algumas regras e métodos de trabalho que tinham sido esquecidos. Para além disto, os alunos ao ingressarem neste 1.º ano de escolaridade confrontaram-se com uma sala nova, com professoras novas e também com regras diferentes das que estavam habituados a respeitar na Educação Pré-Escolar.

##### **4.3.1.1. A organização do espaço**

Como sabemos, a sala de aula é de extrema importância, pois como refere Estrela (1994, referenciado por Oliveira, 2015, p. 4), “o espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica”. A sala onde ocorreu a segunda parte do nosso Estágio Pedagógico II localizava-se no piso superior do edifício norte do núcleo escolar, em frente a uma sala de apoio. É importante mencionarmos que, tendo em conta as restrições que nos trouxe a pandemia, as salas deviam garantir condições para que se assegurasse o distanciamento social. Neste âmbito, esta era uma sala ampla e bem organizada, no sentido em que era assegurado o distanciamento social entre as mesas dos

alunos e ainda existiam corredores de passagem entre elas. Para além deste aspeto, podíamos ainda contar com a presença de muitas janelas, que eram importantes para o arejamento da sala de aula, evitando que todos estivéssemos num ambiente fechado. Apesar de a sala ter uma boa luz natural, muitas vezes o sol batia nas janelas e os alunos não conseguiam ver o que se escrevia no quadro, pelo que a maioria das aulas eram realizadas com o auxílio de cortinados e luz artificial.

Ao entrarmos na sala de aula, podíamos logo observar as mesas no meio, dispostas de forma que os alunos não ficassem uns ao lado dos outros. À frente das mesas, ou seja, na parede da porta de entrada, à direita, podíamos visualizar o quadro de ardósia magnético verde, que apresentava à sua volta placas de cortiça, onde eram pendurados alguns cartazes. Do lado direito da sala existiam também algumas mesas maiores, que eram destinadas aos alunos mais altos. Do lado oposto, encontrávamos, logo à entrada, um armário onde eram armazenadas as capas dos trabalhos dos alunos e algum material escolar, tal como lápis de cor, pontas de feltro, esferográficas, borrachas, colas, tintas e pincéis. Deste lado, existia uma parede branca para a qual estava apontado um projetor. Existiam ainda deste lado duas secretárias da professora e uma mesa de apoio aos trabalhos. Já o fundo da sala era preenchido com dois armários, onde se guardavam materiais da professora como livros, régua, cartazes, entre outros. É de mencionar ainda que ao lado destes dois armários existiam placas de cortiça, onde eram afixados trabalhos e cartazes alusivos aos diferentes conteúdos explorados, ao longo das aulas.

De uma forma geral a sala estava bem organizada e a sua dimensão permitia fazer alterações conforme as medidas e restrições adiantadas pela autoridade de saúde, face à situação pandémica que vivíamos. É importante mencionar que, devido a estas restrições, os alunos ficaram limitados em relação a alguns tipos de trabalho, como por exemplo, trabalhos de grupos, ou ainda à manipulação de certos materiais. Mesmo com estas condições um pouco desfavoráveis, pensamos em diferentes estratégias que respondessem a estas problemáticas.

#### **4.3.1.2. A organização da rotina diária**

Primeiramente, é importante que se perceba que “as rotinas são, como os capítulos, o guião da vida diária” (Zabalza, 1998, p. 174). É nesta linha de pensamento que foi bastante necessário estudarmos a rotina diária da turma nos primeiros dias de observação, de forma a preparar atividades que não alterassem de forma drástica estas rotinas. Neste seguimento, foi possível observarmos que os alunos já não tinham um momento destinado ao acolhimento, pelo que as aulas se iniciavam sempre com a lecionação de conteúdos. Cada aluno possuía um caderno de linhas, destinado ao Português, ao Estudo do Meio e à Cidadania, e outro caderno de quadrículas, no qual eram explorados os conteúdos referentes à Matemática. Para além destes cadernos, os alunos tinham também um caderno destinado à Expressão Musical e outro para as aulas de Inglês.

No que concerne à organização do tempo, a professora titular geria a semana através do auxílio de um horário, o qual foi sofrendo algumas alterações na primeira semana, tendo em conta a disponibilidade dos Professores de Música, Educação Físico-Motora e Inglês. Para além destas alterações, ao longo dos dias, a professora ia fazendo as alterações que considerava necessárias, tendo em conta o ritmo e as dificuldades dos alunos.

As restrições da pandemia de COVID-19 fizeram com que os alunos, sempre que entravam na sala, tivessem que desinfetar as mãos, sendo que não podiam partilhar os materiais uns com os outros. Este segundo aspeto criou alguma confusão nos alunos, pois a partilha é um valor muito importante, que tinha sido bastante trabalhado com eles até então. Nos momentos do intervalo e do almoço, os alunos dirigiam-se em fila até ao refeitório, efetuando um trajeto devidamente marcado no chão, evitando contato com outros alunos. Importa também salientar que o material que os alunos utilizavam no dia a dia ficava sempre na sala, em cima da sua mesa, à exceção dos trabalhos de casa.

### **4.3.2. Caracterização da turma**

Antes de mais, importa esclarecermos que a turma era constituída por 19 alunos, dos quais 7 eram do sexo feminino e 12 são do sexo masculino, tendo idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. Todos os alunos desta turma estavam a frequentar o 1.º ano pela primeira vez, sendo que, neste momento de adaptação, foi importante ter todo um conjunto de cuidados adequados a esta fase. Em conversa com a professora cooperante, tomamos conhecimento de que na turma existia um aluno com limitações moderadas nos domínios cognitivo e emocional/personalidade e mais graves no domínio sensorial (surdez), outro aluno diagnosticado com TEA, um com um atraso no desenvolvimento psicomotor, com limitações moderadas nos domínios cognitivo e emocional e graves no emocional/personalidade e ainda dois alunos com outras problemáticas que ainda se encontravam em estudo. Estes alunos trabalhavam o mesmo que os restantes colegas, não sendo feito, em contexto de sala de aula, um trabalho diferenciado com os mesmos. No entanto, verificamos que era necessário falar diretamente para o aluno com surdez e ter especial atenção para o facto de nos certificarmos de o mesmo estar a ouvir, visto este encontrar-se aparelhado.

Relativamente à assiduidade e pontualidade, podemos aferir que esta era uma turma assídua e pontual, na sua grande maioria, havendo apenas um caso menos positivo ao nível de pontualidade.

No que concerne à dinâmica da turma, no geral, os alunos cultivavam um bom ambiente entre si, no sentido em que se respeitavam uns aos outros. Para além deste aspeto, também verificamos que, mesmo com as restrições da pandemia, existia espírito de entreajuda. Os alunos eram calmos, respeitadores, e tinham noção das regras da sala de aula, facilitando assim a exploração dos conteúdos. Em relação à responsabilidade, tinham sempre a preocupação de realizar os trabalhos de casa, não havendo nenhum problema neste sentido.

Apesar de ser uma turma motivada e empenhada, importa também referirmos as necessidades em geral, pois sem a análise das mesmas não seria possível melhorarmos os aspetos menos positivos.

### 4.3.3. As necessidades da turma

Passando assim às necessidades da turma, uma das dificuldades que sentimos foi o facto de os alunos terem algumas limitações na área da Matemática, pelo que sentimos a necessidade de implementar uma rotina, de forma que todos os dias, no início da aula dedicada a esta área, fossem explorados os cartões da subitização. Também consideramos importante referir que na primeira semana foi necessário relembrarmos com mais frequência as regras da sala de aula, uma vez que os alunos tinham estado em casa, por longos meses.

Importa ainda mencionarmos que durante os primeiros dias de intervenção, foi possível verificarmos de imediato que alguns alunos tinham comportamentos de indisciplina nos intervalos, pelo que acabamos por implementar um **mapa de comportamento**, que foi apresentado como um “semáforo” dos dinossauros (tema que desenvolvemos na sala), que continha três dinossauros associados a três cores – verde, amarelo e vermelho. À medida que os alunos tinham um comportamento menos adequado passavam da cor verde para a amarela e se o comportamento fosse muito inadequado iam para a cor vermelha. No final de cada dia, existia um momento de diálogo sobre o comportamento dos alunos e cada um registava o seu comportamento numa tabela que constava no caderno do trabalho de casa. Assim, cada aluno levava para casa o comportamento do seu dia para que os pais pudessem ter acesso a essa informação. É interessante salientar que, durante o dia, quando alguns alunos passavam do verde para o amarelo (por exemplo), tinham reações diferentes, pelo que a nossa conclusão é que, em alguns casos, quando chegavam a casa com amarelo, tinham alguma repreensão por parte dos pais. Para os outros, acabámos por concluir que era indiferente chegarem a casa com o amarelo ou mesmo com vermelho. Após esta observação, demos-nos conta do quão importante é o trabalho que também deve ser feito em casa, pois não se revela muito eficaz estarmos a partilhar essa informação com os pais depois o aluno chega a casa e eles não se interessam pelo que aconteceu na escola.

É neste sentido que foi de extrema importância ter em conta estas fragilidades dos alunos, de forma a conseguirmos ajudá-los a superá-las.

#### **4.4. A Ação Educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico – ensino presencial**

Uma vez apresentados os diversos contextos nos quais se desenvolveu o segundo momento do estágio na Educação do 1.º Ciclo do Ensino Básico, são em seguida apresentadas as atividades que foram implementadas. Neste sentido, utilizaremos um quadro síntese, em tudo semelhante aos que apresentamos anteriormente, sendo que desta vez, agrupamos as atividades realizadas no ensino presencial (ver Tabela 10).

Tabela 10 – Síntese das atividades desenvolvidas no II momento do Estágio Pedagógico II

Calendarização				Áreas de Conteúdo									
Tipo de intervenção	Intervenção	Número da atividade	Descrição do recurso/ atividade proposta	Cidadania	Estudo do Meio	Português	Matemática	Expressões					
								Expressão físico-Motora	Expressões artísticas				
									Expressão Dramática	Expressão Plástica	Expressão Musical		
Intervenção conjunta	6. <sup>a</sup> – 21 e 22 de setembro	A41	Exploração da história: “O Comboio do tio Camilo”										
		A42	Jogo dos grafismos										
		A43	Exploração do diaporama dos gostos e preferências										
		A44	Elaboração da camisa dos gostos e preferências										
		A45	Ficha de trabalho dos intrusos										
		A46	Exploração do vídeo do movimento dos animais										
		<b>A47</b>	<b>Jogo do espelho</b>										
Intervenção individual	7. <sup>a</sup> – 28 e 29 de setembro	A48	Exploração dos cartões da subitização										
		A49	Introdução dos números 6, 7, e 8 através de uma história										
		A50	Exploração dos números na areia										
		A51	Ficha de grafismo dos números										
		A52	Exploração da lengalenga: “A Inês e a iguana”										
		A53	Realização da ficha de grafismo da letra “i/I”										
		A54	Exploração de um diaporama referente ao corpo humano										
		A55	Ficha do manual de Estudo do Meio referente ao corpo humano										
		A56	Ficha das diferentes partes do corpo humano										
		A57	Elaboração dos dinossauros do mapa do comportamento										
		A58	Introdução dos números 9 e 10										
		A59	Exploração dos números na areia										
		A60	Ficha de grafismo dos números										
		A61	Recorte de palavras que contenham a letra “i/I”										
Int	ev. 8	A59	Revisão da lengalenga: “O Ulisses e os ursos”										



Tal como nos é dado a perceber na tabela síntese acima apresentado, podemos verificar que ao longo do segundo momento do Estágio Pedagógico II, mais concretamente no 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram implementadas 49 atividades, que estão devidamente identificadas no quadro através da sua respetiva numeração. Neste sentido, e após uma análise geral do quadro, podemos concluir que as áreas do Português, da Matemática e do Estudo do Meio foram as que tiveram um maior destaque, uma vez que as dificuldades maiores por parte dos alunos eram nestas áreas, bem como no facto de apresentarem uma maior carga horária, aspeto que se foram habituando a gerir ao longo do tempo. Relativamente à área da Cidadania, esta foi estando presente como maior ênfase, como área auxiliar. Por fim, no que concerne à área das Expressões, é verificável que as áreas da Educação Físico-Motora e da Expressão e Educação Musical foram as menos trabalhadas, pois estavam a cargo de dois docentes coadjuvantes, responsáveis por lecionar estas áreas.

Passemos assim à apresentação das intervenções realizadas neste segundo momento do estágio referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Nos dias 21 e 22 de setembro foi realizada a **sexta intervenção** do estágio pedagógico II, a qual foi realizada em conjunto com o par pedagógico, no contexto de ensino presencial. Em relação à área do Português, começamos por apresentar a história “O comboio do tio Camilo” (A41), que resultou num jogo de grafismos (A42). A ideia de apresentarmos a história em vídeo, tal como a apresentação dos movimentos dos animais no computador, deveu-se ao facto de considerarmos pertinente manter os alunos ligados às novas tecnologias, pois não nos podemos esquecer que no tempo em que vivemos é importante continuar a estabelecer relação com os novos meios de comunicação/aprendizagem.

No que diz respeito ao trabalho dos grafismos, a escolha desta estratégia surgiu-nos em conversa com a nossa Professora Cooperante, uma vez que esta mencionou a importância de haver trabalho para colocar nas capas/cadernos dos alunos. Para além deste aspeto, sendo esta uma turma do 1.º ano de escolaridade, foi bastante necessário trabalharmos os grafismos, uma vez que grande parte dos alunos ainda revelava certas dificuldades, até porque o ano letivo anterior tinha sido passado maioritariamente à distância, cenário que inviabilizou o aprofundamento de alguns conteúdos cuja exploração se revela essencial na transição entre estes dois níveis educativos.

No que diz respeito à área do Estudo do Meio, apresentamos um diaporama com os nossos gostos e preferências, onde pretendemos criar uma proximidade com os alunos, algo que consideramos fundamental. Para além disto, o facto de partilharmos os nossos gostos com a turma, foi também uma forma de os ajudarmos a sentirem-se mais confiantes para partilharem os seus interesses pessoais. Os alunos elaboraram ainda uma “camisa” dos interesses e gostos pessoais (A44), a qual foi pendurada num “estendal”, sendo este o primeiro trabalho desenvolvido pela turma a ser afixado na sala de aula. Importa mencionarmos que cada aluno apresentou o seu trabalho depois de concluído, pois consideramos necessário oferecer momentos onde os mais pequenos possam desenvolver a sua linguagem oral, sem ser apenas em contexto de diálogo, baseados na lógica de pergunta/resposta. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Denise (2015),

[t]rabalhar a oralidade não é apenas criar situações nas quais seja necessário comunicar-se utilizando a voz, mas garantir que os alunos participem de situações de intercâmbio oral e também sejam capazes de planejar sua fala adequando-a a contextos específicos.

Para além disso, o desenvolvimento deste tipo de atividades também ajudou a desenvolver uma atitude de “maior à vontade”, contribuindo, assim, para a formação de futuros adultos capazes de dar voz às suas ideias.

No que concerne à área da Matemática, esta foi desenvolvida através de ficha referente à identificação do intruso (A45), a qual foi adaptada de um jogo que não pudemos aplicar devido às regras de contingência da pandemia COVID-19.

No que concerne à Expressão Dramática, realizamos o jogo do espelho, que considerámos uma mais-valia na fase em que os alunos se encontravam, pois permitiu-lhes conhecerem-se melhor. Tal como nos diz Reis (2005, referenciado por Amorim, 2014),

[a] expressão dramática ajuda a criança a conhecer-se, a conhecer o meio circundante, a conhecer os outros: no plano intelectual, provoca e explora as percepções, desenvolve e estimula a imaginação; no plano afectivo, permite utilizar a energia libertada pelas emoções, liberta e controla as reacções emotivas; no plano físico, utiliza e coordena actividade motora, exterioriza e harmoniza as relações sensório-motoras; na prática teatral, através dos jogos de expressão dramática, as aquisições cognitivas, sensoriais, afectivas e motoras são indissociáveis (p. 19).

No âmbito da **sétima intervenção**, podemos salientar que foi realizada de forma individual e iniciou-se com a rotina da subitização (A48), referente à área da Matemática. No que diz respeito às atividades propostas, em relação à apresentação da história “Os animais da selva” (A49), esta foi uma excelente forma de introduzir os números 6, 7 e 8, uma vez que as crianças contavam o número de animais e automaticamente associavam-no ao numeral. Ainda nesta semana, apresentamos os números 9 e 10, através da continuação da mesma história (A58). Nesta área, mas também convocando a área do Português, os alunos representaram os números através de um prato com areia (A50 e A59), fazendo com que manipulassem um “material” do seu dia a dia e percebessem que podemos praticar a escrita, quer dos números, quer das palavras, utilizando diferentes tipos de matérias/materiais. É neste sentido que Ponte, et al., (2007, referenciados por Pinto, 2012), referem que

[o]s materiais manipuláveis (estruturados e não estruturados) devem ser utilizados nas situações de aprendizagem em que o seu uso seja facilitador da compreensão dos conceitos e das ideias matemáticas. No entanto, a simples utilização dos materiais não é suficiente para o desenvolvimento dos conceitos, sendo indispensável registar o trabalho feito e reflectir sobre ele (p. 2).

Em relação à área do Português, mencionamos que foi abordada a primeira letra, através de uma cantilena acompanhada por uma lengalenga (A52), pois consideramos que uma lengalenga é mais adequada para introduzir uma letra, do que uma história que acaba por ser sempre mais extensa e complexa, tendo em conta as idades dos alunos. Para além da lengalenga, também exploramos uma ficha de grafismo da letra “i/I” (A53). Foram ainda exploradas algumas palavras presentes em diversos jornais. Os alunos tiveram que recortar palavras que contivessem a letra “i/I” (A61). Após o recorte, estas foram coladas numa folha de papel, intitulada por “Onde está a letra “i/I”?”.

Na área do Estudo do Meio, decidimos apostar na apresentação de um diaporama referente ao corpo humano (A54), acompanhado de bastante diálogo com os alunos, pois sentimos que a comunicação era uma das melhores formas de transmitirmos conteúdos, especialmente quando estes nos remetiam para o corpo humano. Para além disso, também exploramos uma página do manual. Apesar de considerarmos que este não deve ser utilizado com a maior das frequências, também entendemos que se trata de um recurso de acesso fácil, com informações importantes e propostas interessantes para a exploração dos conteúdos, aspeto que facilita a aprendizagem dos alunos, que devem perceber que

os manuais são elaborados para os acompanhar no seu processo de ensino aprendizagem, apesar de existirem também outras formas de aprender.

Relativamente à área da Expressão Plástica, foi desenvolvida uma atividade referente ao calendário e mapa do tempo, que foram expostos na sala de aula, de forma que os alunos se pudessem orientar ao nível do ano, do mês e do dia em que nos encontrávamos, ganhando assim uma maior noção temporal. Para além deste aspeto, o trabalho realizado nesta área foi ao encontro da área do Português, uma vez que passou pela pintura de dinossauros, através da representação de diferentes tipos de grafismos. Este é um aspeto importante, pois é sempre uma mais-valia conseguir interligar diferentes áreas, trabalhando diversos conteúdos. A este propósito, defendemos com Pombo (1993, referenciado por Oliveira, 2017), que

[é] necessário ultrapassar a dispersão do conhecimento fragmentado cujos produtos são peças que não encaixam umas nas outras e, com base numa discussão racional e argumentativa dos pressupostos de cada disciplina, tentar articulá-las, encontrar um espaço plural mas comum, refazer uma totalidade, que será, sem dúvida, sempre precária, transitória e sustentável de revisões (p. 4).

A **oitava intervenção** foi também desenvolvida de forma individual, iniciando-se com a área do Português, através da exploração da lengalenga “O Ulisses e os ursos” (A59), acompanhada de uma ficha de grafismos da letra “U” maiúscula (A60), uma vez que a letra minúscula já tinha sido desenvolvida pela nossa colega de estágio.

No que concerne à área da Matemática, podemos começar por aferir que, uma vez que já tínhamos lecionado os números de 0 a 10, começamos por reforçar e trabalhar os mesmos, por forma a serem consolidados. É neste âmbito que apostamos na realização de uma ficha de trabalho referente às sequências de números (A61), visto que estes conteúdos eram a base para que os alunos conseguissem interiorizar de uma melhor forma os números que foram trabalhados. Ainda no que diz respeito a esta área, procuramos dar continuidade ao trabalho desenvolvido, introduzindo os conjuntos matemáticos (A64) através de material didático no quadro.

No que concerne à área do Português, introduzimos os ditongos “ui” e “iu” (A63), através do apoio do manual de Português e do quadro de ardósia.

Na área do Estudo do Meio, decidimos apostar numa apresentação de diaporama (A65), através da qual abordamos os diferentes cuidados a ter com o corpo, em especial os cuidados de higiene e segurança, procurando consciencializar ainda mais os alunos para a importância de lavarem as mãos.

Uma das melhores formas de explicarmos determinados conteúdos aos alunos era sem dúvida colocando-os em prática e foi neste âmbito que realizamos a experiência das “Mãos sujas” (A66), que fez com que os alunos pudessem observar que quando as mãos não estão limpas o “bichinho do coronavírus prende-se a nós”, enquanto se as nossas mãos estiverem limpas “ele afasta-se de nós”, isto para utilizar as palavras das crianças. Esta foi uma experiência simples no sentido em que não foi necessário muito material, porém, sentimos que foi uma mais-valia para os alunos entenderem que lavar as mãos é muito mais que “passar as mãos por água”. Fizemo-lo conscientes de que, tal como defende Pacheco (2015),

[a]lém de proporcionar o desenvolvimento do conhecimento científico, as atividades experimentais também incentivam o desenvolvimento da linguagem oral e da linguagem escrita, uma vez que os alunos necessitam de comunicar entre si usando a linguagem oral e compreendem os sons e significados das palavras, podendo aplicá-los na linguagem escrita. Assim sendo, as atividades experimentais não só constituem um ponto de partida para a aprendizagem na área de Estudo do Meio, como também contribuem para a aprendizagem de outras áreas (p. 8).

Em relação à **nona e última intervenção**, esta foi uma semana individual intensiva. Abordando agora as atividades escolhidas para esta semana de trabalho, no que concerne à área do Português, podemos mencionar que para a introdução da letra “a” procuramos retomar a rotina realizada anteriormente aquando da introdução da letra “i”, continuando a seguir o Método Fonomímico da psicóloga educacional Dr.<sup>a</sup> Paula Teles, que é um método fónico e multissensorial de desenvolvimento das competências fonológicas, de ensino e reeducação da leitura e escrita. Neste âmbito, apresentamos a lengalenga intitulada por “A Aida viu a águia” (A69), cuja exploração foi acompanhada por uma ficha de grafismos da letra desenvolvida (A70 e A79). Relativamente às atividades de identificação de palavras (A76), sentimos que foram bastante importantes, uma vez que os alunos aprenderam muito com este tipo de atividades e também se sentiam motivados.

No que diz respeito à Matemática, introduzimos o esquema todo-partes (A74, A75, A77 A78, A84, A85, A88 e A89), por forma a desenvolver os números 2, 3, 4 e 5, através da utilização de materiais manipuláveis individuais, pois para além das restrições que toda a situação pandémica nos trouxe, consideramos importante que, neste tipo de atividade, cada aluno tivesse a possibilidade de manusear o seu próprio material.

Importa referirmos que demos grande ênfase à utilização de materiais manipuláveis como as rolhas e os lápis de cor, uma vez que estes são materiais que os alunos estavam

relativamente habituados a ver no dia a dia. Além do mais, estávamos cientes de que os mesmos “estimulam o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, pois através da sua manipulação, exploração e investigação o aluno aprende a comunicar, a raciocinar e a resolver problemas de forma natural e clara” (Camacho, 2012, p. 23).

No que concerne à área do Estudo do Meio, o tema desenvolvido foi a “Prevenção rodoviária”, um tema que julgamos muito importante para os nossos alunos, especialmente porque vivemos num meio onde muitos deles, quando atingem uma certa idade e vivem perto da escola, começam a ir a pé para as aulas. E por isso fundamental que conheçam as normas das vias rodoviárias e os cuidados a ter na estrada, evitando assim acidentes que podem ser fatais. Optamos por introduzir o tema através da apresentação de um vídeo (A71), pois sentimos que foi um material que cativou bastante a atenção dos alunos e em simultâneo conseguiu fazer com que estes adquirissem os conhecimentos transmitidos. Para além desta atividade, decidimos criar também um pequeno “livro de atividades” (A72), dando assim a possibilidade aos alunos de trabalharem diversos conteúdos, num “livro” que se destinava unicamente a este tema. As atividades foram todas alusivas aos conteúdos abordados na aula e pretenderam também envolver outras áreas de conteúdo, como por exemplo a Expressão Plástica, o Português e a Matemática.

No que diz respeito à área da Expressão Plástica, decidimos apostar na reutilização das rolhas que foram utilizadas na área da Matemática, de forma a explicarmos aos alunos a importância de reutilizarmos o material. Nestas idades é muito importante transmitirmos este tipo de valores para que os alunos ganhem uma consciência da importância de preservarmos o meio ambiente. Assim sendo, com a utilização das rolhas, os alunos criaram porta-chaves personalizados (A73). É importante mencionarmos que os alunos tiveram liberdade na personalização dos seus porta-chaves. Com o resultado final pretendeu-se também que compreendessem que com um objeto tão simples podemos criar algo que pode ter muito significado.

Para concluir, no que toca à área da Expressão Dramática, a atividade que desenvolvemos passou por trabalhar, essencialmente, o corpo através de um exercício de relaxamento que também envolveu técnicas de respiração, sobre o qual falaremos mais adiante (A80). Para além desta atividade, exploramos também o jogo da mímica (A81), o qual permitiu desenvolver aspetos do foro físico, mas também psicológico e social, no sentido em que os alunos mais inibidos conseguiram finalmente interagir com todos os colegas.

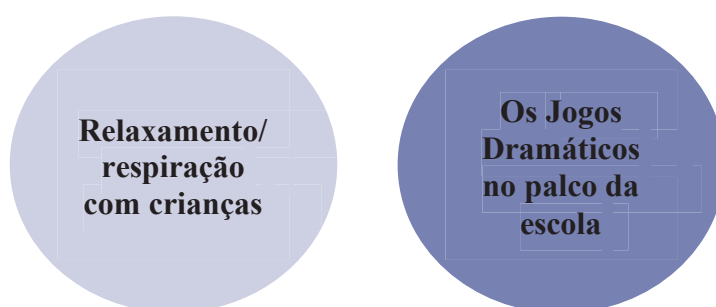
Uma vez apresentado o percurso que foi realizado durante o segundo momento do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, importa referir que esta foi sem dúvida uma experiência muito importante para o nosso futuro enquanto futuras professoras. Temos a oportunidade de trabalhar com um 1.º ano de escolaridade permitiu-nos ganhar bases proveitosas, no âmbito em que nunca tínhamos dito tal experiência.

Após a apresentação e respetiva reflexão acerca das atividades desenvolvidas neste segundo momento do estágio são, em seguida, apresentadas um conjunto de atividades que nos remetem para o tema desenvolvido no presente Relatório de Estágio.

#### **4.4.1. As Expressões Artísticas em contexto de estágio pedagógico**

##### **4.4.1.1. A Expressão Dramática no ensino presencial**

Na tabela alusiva às atividades realizadas no segundo momento do estágio referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico (ver Tabela 10), estão presentes todas as atividades por nós implementadas. Contudo, procuramos dar foco àquelas que se inserem na área da Expressão Dramática. Neste sentido, foi possível distribuir as atividades pelos dois seguintes eixos de análise (ver Figura 27):



*Figura 27 - Eixos de Análise*

##### **4.4.1.1.1. Relaxamento/respiração com crianças**

No que concerne ao primeiro eixo de análise, importa referimos que existiu uma forte conexão entre as áreas da Expressão Dramática e da Expressão Físico-Motora. Nesta linha de pensamento, a atividade desenvolvida passou por trabalhar, essencialmente, o corpo através de um exercício de relaxamento (A80). Estes exercícios são bastantes necessários e fundamentais para os alunos, pois permitem-lhes desenvolver diferentes tipos de capacidades, como por exemplo a capacidade de concentração, atenção e reflexão. Este é um momento onde o aluno pode refletir sobre diferentes aspetos, permitindo-lhe aprender a controlar as suas próprias reações, atitudes e emoções. Para

além destes aspetos, é através deste tipo de exercícios que o aluno, muitas vezes, reflete sobre o seu próprio eu e também a sobre a relação que estabelece com os outros.

Nesta atividade de relaxamento, envolvemos técnicas de respiração, uma vez que nos dias de hoje é cada vez mais importante aprendermos a respirar corretamente, pois estamos a deixar de saber fazê-lo. Este é um aspeto que influencia bastante a nossa vida, quer a nível físico, como a nível psicológico, no sentido em que a respiração também tem um grande impacto na forma como reagimos emocionalmente a cada situação. Foi neste sentido que pretendemos aprofundar um pouco mais este tema com os alunos, procurando fazer com que ganhassem uma maior consciência acerca do impacto que a respiração tem no nosso corpo. Nas imagens que se seguem procuramos ilustrar essa realidade (ver Figura 31).



*Figura 28 – Atividade de relaxamento/respiração*

#### **4.4.1.1.2. Jogo Dramático, no palco da escola**

Neste eixo de análise foram explorados dois jogos dramáticos. No que diz respeito ao primeiro jogo, intitulado por “Jogo do espelho” (A47), este foi trabalhado em conexão com o Estudo do Meio. O jogo iniciava-se com um dos alunos (à escolha do par) a coordenar os movimentos, enquanto o seu colega o imitava. Em seguida, os pares trocavam de posição. A escolha deste jogo deveu-se ao facto de considerarmos que o mesmo promove vários conteúdos de uma forma “natural”, nomeadamente a imaginação, a coordenação, movimentação e o sentido de lateralidade. O jogo consistia em dividir a

turma em pares e cada par possuía uma moldura de cartão no meio que nos remetia para um “espelho”. Inicialmente, aquando da explicação das atividades, os alunos não demonstraram muito interesse, pois não consideravam um jogo muito “apelativo”, talvez por não estarem habituados a desenvolver aquele tipo de exercícios. No entanto, quando iniciaram o jogo começaram a demonstrar bastante entusiasmo, tanto que quando demos por terminado os alunos pediram para continuar. Esta foi uma surpresa bastante agradável, uma vez que conseguimos motivar os alunos para a realização da atividade e ainda sentimos que criaram gosto.

Relativamente ao segundo jogo dramático, este foi um jogo de Mímica (A81), com o qual pretendemos convocar a imaginação, a coordenação e a capacidade de resposta dos alunos, recorrendo à realização de diversos movimentos/ações, alusivos aos deslocamentos dos animais. Neste jogo, cada aluno tirava de um saco um cartão que apresentava a imagem do animal que tinha que representar. Todos os alunos já conheciam as regras do jogo o que lhes permitiu uma maior exploração dos movimentos dos animais.

No geral, ambos os jogos correram de forma bastante positiva, sendo que os alunos pediram sempre para repetir, inclusive foi-nos pedido para deixarmos as molduras de cartão e os cartões do jogo de mímica na sala, de forma a poderem repetir o mesmo, quando já lá não estivéssemos. Concluimos a nossa análise partilhando o mosaico que se segue, no qual mostramos alguns dos desenvolvimentos deste exercício (ver Figura 32).



*Figura 29 – Jogo de Mímica*

#### 4.5. Em jeito de síntese

Este estágio pedagógico foi sem sombra de dúvida uma experiência diferente e provavelmente única, pelo menos num futuro próximo, esperamos. Foi um desafio para todos nós e temos a noção que foram tempos muito difíceis a nível profissional, mas também a nível pessoal para a comunidade educativa e para a sociedade em geral.

Para a realização deste estágio foi necessária muita resiliência e motivação, sendo que os alunos estavam a passar pelas mesmas condições que nós. Apesar de toda a situação inesperada, consideramos que ambos os momentos do Estágio Pedagógico II correram de forma positiva. Relativamente ao ensino à distância, sentimos que foi uma experiência única e diferente, a qual nos fez refletir sobre o modo como a educação será no futuro.

Em jeito de conclusão, ambos os momentos do Estágio Pedagógico II foram muito proveitosos para o nosso percurso formativo, especialmente por ter sido uma experiência de ensino à distância, mas também por termos tido a oportunidade de trabalhar com uma turma do 1.º ano de escolaridade. Confessamos que o ensino à distância nos abriu um pouco os horizontes e apercebemo-nos que para crescermos, pessoal e profissionalmente, devemos sair da nossa zona de conforto e arriscar um pouco no nosso trabalho. Neste contexto, salientamos a relação estabelecida com os alunos, bem como a natureza pedagógica dos recursos criámos como o *Blogue* (<https://tocaresolveaprende.blogspot.com>) e o canal do *Youtube* (<https://www.youtube.com/channel/UCDGogQvfXBB7UshiLQlkMhQ/videos>) que foram no nosso entender bastante inovadores e que em muito facilitaram o nosso trabalho neste particular.

## Considerações Finais

Uma vez que chegamos à reta final do nosso trabalho, que teve como principal foco a apresentação reflexão do trabalho realizado ao longo do estágio, é chegado o momento de fazermos algumas considerações finais, relativamente a todo o percurso experimentado.

Uma vez concluída a viagem pelos Capítulos do presente relatório de estágio, é fundamental percebermos se os objetivos propostos inicialmente foram ou não cumpridos. Sendo assim, relativamente aos objetivos que foram definidos, consideramos que estes foram positivamente alcançados.

Num contexto da ação educativa, foi possível desenvolvermos uma ação educativa adequada às crianças/alunos com quem trabalhamos, através da observação dos contextos dos nossos estágios pedagógicos tanto na Educação Pré-Escolar, como no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, assumindo uma consciência das suas dificuldades, das suas potencialidades e interesses. No que concerne à planificação de sequências didáticas, podemos concluir que estas contiveram sempre conteúdos referentes à Educação Pré-Escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e existiu sempre da nossa parte uma forte preocupação em mobilizar estratégias adequadas e diversificadas, bem como responder às dificuldades das crianças/alunos. Após cada prática educativa, existiu sempre um momento objetivo e consciente de reflexão, no qual foram sendo identificadas as potencialidades e as possíveis melhorias para o futuro. Existiu também uma preocupação em explorar o potencial pedagógico e didático do Jogo Dramático/ Teatro e da Expressão Dramática, investindo em atividades dinâmicas que motivassem os alunos.

Relativamente aos objetivos do trabalho, no que diz respeito a primeiro objetivo invocado - *observar os contextos onde se desenvolverão os nossos estágios pedagógicos tanto na Educação Pré-Escolar, como no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com vista a compreender as necessidades e dificuldades das crianças/alunos, bem como as suas potencialidades e interesses, por forma a desenvolvermos uma ação educativa que lhes seja adequada* – entendemos que a caracterização do meio envolvente, do núcleo escolar, dos contextos de sala de aula e das suas rotinas, foram sem dúvida muito necessárias para conseguirmos entender o ambiente onde as crianças estavam inseridas. Entender este ambiente vai muito além de saber as condições e os materiais a que as crianças têm acesso. Conhecer este ambiente é conhecer um pouco das crianças, das suas necessidades, dificuldades, potencialidades e interesses, para que seja possível planificar atividades e explorar conteúdos de acordo com estes aspetos. Num grupo de crianças, todas são

diferentes, é claro que não é fácil chegar a todas. Ainda assim, fizemos um enorme esforço por nos aproximarmos de todas e de cada uma, respondendo às suas necessidades mais prementes, pelo que sentimos que conseguimos alcançar com sucesso este objetivo.

No que concerne ao segundo objetivo - *planificar sequências didáticas que contenham conteúdos referentes à Educação Pré-Escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e que sejam apropriados ao contexto escolar em que nos inserimos e movemos* -, ao planificarmos, tivemos sempre o cuidado de ter na base os documentos norteadores para os níveis educativos em causa, nomeadamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e o Programa e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo que os conteúdos explorados foram bastante apropriados às idades das crianças/alunos, fazendo com que este objetivo fosse também alcançado.

Relativamente ao terceiro objetivo, - *intervir em contexto educativo, mobilizando estratégias adequadas e diversificadas, capazes de convocarem o currículo, responderem às necessidades das crianças e mobilizarem experiências de aprendizagem que sejam significativas e relevantes para elas* - é possível aferirmos que, ao longo das nossas intervenções, foram sendo aplicadas diferentes estratégias, capazes de responder às necessidades das crianças. Num período inicial, as estratégias eram aplicadas de um modo mais geral, porém, com o decorrer da prática e após conhecermos melhor as crianças/alunos, foram sendo aplicadas diferentes estratégias, de forma a conseguirmos chegar a todas/os. Interligado com este objetivo, podemos ponderar o quarto objetivo - *avaliar todo o trabalho realizado pelas crianças e pelos alunos, por forma a combater as suas dificuldades e adequar a nossa ação educativa às suas reais necessidades*. Neste sentido, e tal como já foi referido no caso do objetivo anterior, ao longo das práticas procuramos ir sempre adaptando o nosso trabalho e as nossas estratégias, conforme íamos percebendo onde existiam maiores falhas, por parte das crianças/alunos. É importante percebermos que só assim conseguimos chegar a todos e garantir que as aprendizagens são bem-sucedidas.

No âmbito do quinto objetivo, - *refletir sobre as práticas educativas realizadas nos estágios pedagógicos, de forma objetiva e consciente, de modo a identificarmos potencialidades, bem como aspetos a melhorar em intervenções futura-* -, existiu sempre uma forte preocupação no final das nossas práticas educativas de refletir acerca de todo o trabalho, nomeadamente acerca dos seus pontos fortes e dos pontos que necessitavam de melhoria. Muitas vezes, na nossa condição de estagiários, existe um certo receio em abordar os pontos a melhorar, porém, consideramos que estes são os mais importantes e

necessários de “discutir”, uma vez que são aqueles que nos fazem crescer enquanto profissionais.

Em relação ao sexto objetivo - *explorar o potencial pedagógico e didático do Jogo Dramático/ Teatro e da Expressão Dramática como áreas promotoras da expressão, comunicação e socialização das crianças/alunos e enquanto elementos motivadores para outras aprendizagens* -, este foi talvez o nosso principal, uma vez que se tratava da área foco do presente trabalho e, como tal, existiu uma maior preocupação em planejar o trabalho desta área, aspeto que entendemos que poderia ter sido ainda mais aprofundado, principalmente no contexto pedagógico do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no qual, por constrangimentos de várias ordens, não conseguimos superar as nossas expectativas. Ainda assim, achamos que, no geral, conseguimos explorar o potencial pedagógico através de atividades dinâmicas e motivadoras, passando uma ideia aos vários agentes da comunidade educativa acerca da verdadeira essência da Expressão Dramática, como também do seu potencial.

No âmbito do sétimo objetivo - *investigar as concepções de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da importância da Expressão Dramática no contexto educacional* - este objetivo foi bastante alcançado através da parte empírica do presente trabalho, na qual conseguimos recolher diferentes concepções acerca da importância desta área, fazendo-nos perceber o ponto de vista dos Educadores/Professores que inquirimos em relação à desvalorização a que esta área é sujeita.

No âmbito do oitavo objetivo, - *identificar exemplos de boas práticas, relatados por Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no contexto específico da sua exploração quotidiana da Expressão Dramática, potencialmente inspiradoras para a nossa ação educativa, atual e futura* - este também foi alcançado, pelo que ao longo do estudo empírico fomos relatando exemplos de boas práticas da parte dos Educadores/Professores, que se assumiram como bastante relevantes para nós e uma verdadeira inspiração para futuras intervenções.

De um modo geral, os objetivos foram bastante bem-sucedidos, o que nos leva a concluir que o trabalho tomou um rumo bastante positivo. Sentimos que a maior dificuldade ao longo de todo o trabalho referente à ação educativa foi o momento do ensino à distância que se assumiu como uma experiência completamente inesperada. Porém, temos de refletir que foi sem dúvida uma mais-valia e uma preparação para possíveis cenários no futuro da educação. Para além disto, no que diz respeito à parte

empírica, existiu também um forte investimento da nossa parte para que os Educadores/Professores conseguissem responder ao inquérito por questionário, tendo em conta que o mesmo foi aplicado numa fase em que estes se encontravam em época de avaliações. Porém, é de salientar que os mesmos aderiram muito bem ao nosso inquérito por questionário, fazendo com que obtivéssemos uma amostra bastante significativa e dando conta da eventual importância que os mesmos atribuem à investigação que se faz no contexto da nossa ação educativa diária.

Como foi abordado ao longo do trabalho, a temática que explorámos é sem sombra de dúvida muito importante e indispensável para o crescimento saudável da criança. Assim sendo, é urgente que se comece a ganhar uma consciência desta importância, procurando colmatar as falhas que existem na exploração dos seus conteúdos. Concluimos também que um dos motivos pelos quais esta área é pouco explorada na Educação do 1.º Ciclo do Ensino Básico é o facto de os professores estarem demasiado ocupados/preocupados em concluir os programas de outras disciplinas.

No nosso entender, os professores precisam de entender que desenvolver conteúdos referentes à Expressão Dramática faz com que os alunos se desenvolvam integralmente, facilitando todo o seu trabalho na exploração de outros conteúdos. Outro aspeto também importante e que deve ser tido em conta, é o facto de os professores considerarem que a área da Expressão Dramática é referida por muitos como aquela que menos dominam, pelo que, não estando confortáveis na sua exploração, preferem deixá-la um pouco de parte. Ora esta é, infelizmente, uma realidade bem triste, pois um bom Educador/Professor tem que assumir um papel otimista em relação a todas as áreas de conteúdo, mesmo que se sinta menos confortável com alguma. O facto de o educador/professor não se sentir à vontade para trabalhar uma determinada área só faz com que limite o aluno e o influencie a que no futuro também possa não se sentir confortável ao trabalhar determinada área.

Em jeito de conclusão, através da exploração, análise, reflexão e partilha de experiências enriquecedoras e gratificantes, o que se pretendeu com este trabalho foi, acima de tudo, mostrar que a Expressão Dramática é uma área que não deve ser desvalorizada pois, para além de explorar conteúdos bastante importantes para o desenvolvimento da criança, é uma área que se trabalhada de forma transversal e integrada, potenciando o desenvolvimento das nossas crianças de uma maneira inexplicável.

Este foi um percurso, no qual tivemos de colocar várias máscaras, umas mais sorridentes e alegres para disfarçar os dias mais tristes e cansativos, outras mais confiantes e determinadas, para camuflar as naturais inseguranças que acompanham estes processos e a frustração de não termos conseguido fazer melhor. Mas nesta reta final aparecemos, sem máscaras, tal como somos, revelando uma enorme gratidão pelo percurso trilhado. Gratidão por termos chegado à última cena do guião que criámos para esta tão importante etapa do nosso percurso, que não foi livre de contratemplos e imprevistos.

E mesmo antes que baixe o pano, partilhamos a nossa consciência do muito que ficou por dizer do muito que foi feito, daquilo que é difícil traduzir por palavras e que ficará para sempre gravado na nossa memória. Deixamo-nos motivar pelas palmas que fomos ouvindo pelo caminho e concluímos com a mais humilde das vénias, gratas por tudo o que nos foi possível experimentar e aprender.

Somos agora assaltadas pela criança que ainda existe dentro de nós e, de máscara na cara e fantoche na mão, explorando sombras e contornando falsos holofotes, espreitamos timidamente pela cortina da vida que nos espera, com a certeza de que mundo espera por nós, para fazermos a diferença na existência de todos aqueles que nos forem confiados. *Dos palcos da escola para os palcos da vida*, pois que venha o próximo capítulo...

## Referências Bibliográficas

- Abrandes, P. (coord.) (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Amorim, S. (2014). *Expressão Dramática – Desenvolvimento da expressividade nas crianças*. (Relatório Final da prática de ensino supervisionada). Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- Andrade, J. (2017). *A importância do reconto de história no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos*. (Tese de mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Azevedo, C. (2019). *A importância dos Animais no desenvolvimento infantil*. Consultado a 19 de dezembro de 2019, em: <https://kidsmarketeer.pt/a-importancia-dosanimais-no-desenvolvimento-infa>.
- Barboza, L., Volpini, M. (s.d.). O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*. v. 2, 1, 1-12.
- Bonatto, A., Barros, C., Gemeli, R., Lopes, T. & Frison, M. (2012). Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar. *IX Anped Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul*. Caxias do Sul, Brasil.
- Camacho, M. (2012). *Materiais Manipuláveis no Processo Ensino/Aprendizagem da Matemática*. (Relatório de estágio). Universidade da Madeira, Madeira.
- Carnaz, J. (2013). *O Conto: uma sedução na aprendizagem da leitura*. (Relatório de Estágio). Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra.
- Cruz, T. (2016). *Percurso formativo em educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico: conceção e avaliação de uma mala pedagógica em contexto de expressão dramática na educação pré-escolar*. (Relatório Final de Estágio). Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu.

- Conceição, R. (2015). *A Arte na Educação Infantil – A importância para o desenvolvimento infantil*. (Relatório de Estágio). Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- Corpas, A., Surís., Limona & Aguirre, A. (1996). *Programa de Formação de Educadores*. Lisboa: Liarte.
- Courtney, R. (2003) *Jogo, teatro & pensamento*. São Paulo: Editora Perspetiva.
- Cruz, T. (2016). *Percurso formativo em educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico: conceção e avaliação de uma mala pedagógica em contexto de expressão dramática na educação pré-escolar*. (Relatório Final de Estágio). Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu.
- Denise, G. (2015). *A importância da comunicação oral no planeamento escolar*. Consultado a 18 de dezembro de 2020, em: <https://novaescola.org.br/conteudo/552/a-importancia-da-comunicacao-oral-noplanejamento-escolar>.
- Ferreira, M. & Tomás, C. (2016). “Já podemos ir brincar?” – A construção social da criança como aluno/a no jardim de infância. In I. Cortesão, L. Dornelles, N.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas de investigação*. Loures: Lusodidata.
- Franco, C. (2013). *A utilização de Recursos Educativos Digitais na Sala de Aula: Um Componente Fundamental no Ensino?*. (Relatório de Estágio). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Gauthier, H. (2000). *Fazer teatro desde os cinco anos*. Coimbra: Livraria minerva.
- Gonçalves, T. (2015). *A participação ativa das crianças*. (Relatório de Estágio). Escola Superior de Educação, Coimbra.
- Kowalski, I. (2020). *... e a Expressão Dramática*. Escola Superior de Educação e Ciências sociais, Politécnico de Leiria
- Landier, J. & Barret, G. (1999). *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Edições Asa.

- Leenhardt, P. (1974). *A Criança e a Expressão Dramática*. Lisboa. Editora: Editorial Estampa.
- Lopes, P. (2017). As histórias na Educação Pré-Escolar, técnicas promotoras de motivação e envolvimento. (Relatório de estágio). Instituto Superior de Educação e ciências, Lisboa.
- Louro, D. (2013). *Aprender a Escutar as Crianças*. (Relatório de Estágio). Escola Superior de Educação, Coimbra.
- Magalhães, M. (1964). *A Criança e o Teatro*. Ministério da Educação e da Cultura: (s/local).
- Mano, A. (2013). *As Expressões integradas como estratégia motivadora no processo de ensino/aprendizagem*. (Relatório de Estágio). Vila Nova de Gaia: Escola Superior de Educação Jean Piaget.
- Marques, C. (2018). *A expressões artísticas como uma janela aberta para a criatividade, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Mateus, C. (2018). *Os benefícios da expressão musical no desenvolvimento de crianças com limitações cognitivas – uma intervenção com os alunos do 1.º CEB*. (Tese de mestrado). Escola Superior de Educação, Coimbra.
- Medeiros, C. (2018). *Queres que te faça um desenho? O lugar e o papel das imagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Medeiros, R. (2017). *A criança e as expressões: uma reflexão em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

- Melo, F. (2020). *Risca, rabisca e arrisca: A Expressão Plástica nas brincadeiras das crianças, na Educação Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Monteiro, C. (2015). *A importância da Psicomotricidade na Educação Pré-Escolar*. (Relatório de Estágio). Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- Mota, J. (2019). *A expressão plástica como lugar de aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Oliveira, F. (2003). *Teatralidades: 12 percursos pelo território do espectáculo*. Coimbra: Angelus Novus.
- Oliveira, J. (2017). *Interdisciplinaridade como Estratégia de Ensino-Aprendizagem*. (Relatório de mestrado). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.
- Oliveira, M. (2003). A Expressão Plástica e Desenvolvimento Curricular: Implicações para a Formação. *Educare, Apprendere* (1, 39-52).
- Oliveira, P. (2015). *A dinâmica da sala de aula: organização da sala de aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, Lisboa.
- Pacheco, M. (2015). *A importância das atividades experimentais no processo de ensino – aprendizagem*. (Relatório de estágio). Instituto Superior de ciências Educativas de felgueiras, Felgueiras.
- Pereira, L. (2015). *A Expressão Dramática no desenvolvimento da formação Pessoal e Social da Criança em idade Pré-Escolar*. (Relatório de Estágio). Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa.
- Pimentel, J. (2017). *A importância das histórias no Pré-Escolar*. (Relatório Final). Escola Superior de Educação, Coimbra.

- Rasteiro, I. (2016). *Refletindo sobre a Prática Pedagógica em Educação de Infância e em 1.º Ciclo do Ensino Básico: um estudo sobre o texto narrativo*. (Relatório de Prática de Ensino Supervisionada). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Leiria.
- Read, H. (2013). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Reis, C. (2012). *A importância da Educação Artística no 1.º Ciclo do Ensino Básico: conceção, implementação e avaliação do Projeto Tum-Tum*. (Dissertação de mestrado). Universidade Aberta, Lisboa.
- Reis, L. (2004). *A tradição como campo de actividades*. Queluz: Sistema J. (pp.35).
- Resende, A. (2016). *Tecnologia como ferramenta de gestão da qualidade do ar interior em unidades de saúde*. (Tese de mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Rodrigues, R. (2014). *Aos suportes de expressão como veículos promotores de aprendizagens no Ensino Pré-Escolar Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Santos, E. (2013). *Contributos da Atividade Física em Contexto de Educação PréEscolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de Estágio). Universidade dos Açores, Açores.
- Santos, S., Cardoso, A.P., Lacerda, C. (2016). *A Planificação na perspetiva dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. *Atas do XIII Congresso SPCE, Estudos curriculares e práticas educativas*. Viseu: Instituto Politécnico, Portugal.
- Sá-Silva, J. R.; Almeida, C. D.; Guindani, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de História e ciências sociais*, São Leopoldo, RS, Ano 1, n. 1, Julho., 2009.
- Silva, C., Santos, D., Amorin, E., Oliveira, J., Lopes, M., Campos, M. & Machado, R. (2005). *A criança Descobrendo, Interpretando e Agindo*. UNESCO: estúdio adultos e crianças criativas, Brasília.

- Silva, I., (coord.); Marques, L.; Mata, L.; & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Silva, M. (2015). *O meio envolvente como um contributo para a ação pedagógica*. (Relatório da Prática Profissional Supervisionada). Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa.
- Silva, S. (2019). *O trabalho de projeto como estratégia de aprendizagem no 1.º ciclo do ensino básico*. (Relatório de mestrado). Escola Superior de Educação, Setúbal.
- Slade, P. (1978). *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo: Summus.
- Soares, P. (2019). *Rola charola, fora da gaiola! A Criança e as Expressões, do Estágio Pedagógico aos contextos não formais de aprendizagem*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. – 3.º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto de Piaget.
- Sousa, A. (2003). *Programação e avaliação desenvolvimental na pré-escolaridade e no 1.º CEB*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, R. (2014). *A expressão plástica na prática pedagógica: olhares de educadores e professores do 1.º ciclo do Ensino Básico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Torrão, R. (2015). *A importância dos cuidados e das rotinas na creche*. (Relatório de Estágio). Escola Superior de Educação, Portalegre.
- Travassos, S. (2018). *(Re)Colocar as expressões artísticas no currículo da Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: uma experiência no âmbito do estágio pedagógico*. (Relatório de estágio). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Veríssimo, I. M. (2012). *A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar*. Dissertação de Mestrado. Beja: Instituto Politécnico de Beja.

Zabalza, M. A. (1998). *Didáctica da educação infantil* (2.<sup>a</sup> edição). Rio Tinto: Edições Asa. (Original publicado em 1987)

# ANEXOS



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

## *Questionário*

### **Nota introdutória**

O presente questionário surge no âmbito de um trabalho de investigação desenvolvido pelas mestrandas Carolina Pereira de Medeiros, Maria José Botelho Leite Pacheco e Vanessa Guiomar da Costa, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, promovido pelo Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores, sob orientação científica do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

A elaboração deste questionário foi feita de forma colaborativa pelas três mestrandas, no âmbito de uma pesquisa acerca do potencial das Expressões Artísticas na Educação Básica, na qual cada uma aprofundará, no contexto do seu Relatório de Estágio, uma das três áreas de expressão em particular: Dramática, Musical e Plástica, respetivamente. Neste sentido, pretendemos perceber quais as conceções e representações de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo de Ensino Básico relativamente à exploração destas áreas nas suas práticas pedagógicas diárias.

Sem a sua resposta, esta investigação correria o risco de ficar incompleta e empobrecida, pelo que a sua colaboração é de vital importância para o nosso trabalho.

Será garantida a absoluta confidencialidade das suas respostas no presente questionário, cujo conteúdo permanecerá unicamente à disposição das responsáveis pela investigação.

Caso subsistam questões, poderá contactar as mestrandas através dos seguintes correios eletrónicos: x, x, x, bem como o seu orientador científico, pelo endereço: x

*Gratas pela colaboração.*

## 1. A minha identificação

**Esta secção reunirá alguns dados sobre a sua identificação.**

### 1.1. Sexo:

F \_\_\_

M \_\_\_

### 1.2. Idade:

23 – 30 \_\_\_

30 – 40 \_\_\_

40 – 50 \_\_\_

50 – 60 \_\_\_

>60 \_\_\_

### 1.3. Tempo de serviço docente (até 31 de agosto de 2020):

<5 anos \_\_\_

6 a 10 anos \_\_\_

11 a 15 anos \_\_\_

16 a 20 anos \_\_\_

21 a 25 anos \_\_\_

26 a 30 anos \_\_\_

>30 anos \_\_\_

### 1.4. Nível de ensino a que leciona:

Educação Pré-escolar \_\_\_

1.º Ciclo do Ensino Básico \_\_\_

## 2. A minha escola

**Esta secção reunirá alguns dados sobre a instituição de ensino onde leciona.**

2.1. Qual a escola/instituição em que leciona (facultativo)?

2.2. Qual a natureza formal da escola/instituição onde leciona?

Pública \_\_\_\_

Privada \_\_\_\_

2.3. Quais as potencialidades do espaço escolar para a prática das expressões artísticas?

---

2.4. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Dramática**?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

2.4.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes.

\_\_\_\_\_

2.4.2. Na sua opinião, estes materiais são...

**Suficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_\_\_

**Insuficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_\_\_

2.5. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Musical**?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

2.5.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes.

\_\_\_\_\_

2.5.2. Na sua opinião, estes materiais são...

**Suficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_\_\_

**Insuficientes** para a exploração desta área com as crianças \_\_\_\_

2.6. Na sua escola, existe disponibilidade de recursos materiais permanentes necessários à exploração de atividades de **Expressão e Educação Plástica**?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

2.6.1. Se respondeu SIM, indique os recursos existentes

\_\_\_\_\_

2.6.2. Na sua opinião, estes materiais são...

Suficientes para a exploração desta área com as crianças \_\_\_

Insuficientes para a exploração desta área com as crianças \_\_\_

### 3. As crianças com quem trabalha

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre as crianças/alunos com quem trabalha**

3.1. Qual a faixa etária/o ano de escolaridade das crianças/alunos do(a) seu(ua) grupo/turma? \_\_\_\_\_

3.2. Qual o número de crianças/alunos do(a) seu(ua) grupo/turma? \_\_\_\_\_

### 4. As Expressões Artísticas nas minhas práticas diárias

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar das Expressões Artísticas nas suas práticas pedagógicas diárias**

4.1. Costuma explorar as Expressões Artísticas no seu dia-a-dia?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

4.1.1. Se sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

4.2. De forma mais particular, **ordene as 3 áreas** de Expressão Artística, considerando a frequência com que as explora (atribua 1 à que explora mais e 3 à que explora menos):

Jogo Dramático/Teatro / Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Música / Expressão e Educação Musical \_\_\_

Artes Visuais / Expressão e Educação Plástica \_\_\_

**4.3.** Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal, em cada área de expressão \_\_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_\_

No cumprimento do Plano Anual de Atividades da minha escola/instituição \_\_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

\_\_\_\_  
Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_

**4.4.** A família costuma envolver-se nas atividades relacionadas com as Expressões Artísticas que desenvolve?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.4.1.** Se respondeu sim, indique com que frequência acontece tal envolvimento.

Uma vez por semana \_\_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_\_

**4.5.** Dê exemplos de atividades por si planificadas nas áreas de expressão artística em que a família se tenha envolvido.

---

---

## 5. O Jogo Dramático/Teatro e a Expressão e Educação Dramática na minha prática pedagógica diária

Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar do Jogo Dramático/Teatro e da Expressão Dramática nas suas práticas pedagógicas diárias

5.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que está contemplad@ o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

5.2. O Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática são explorados/leccionados pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

5.3. Tem por hábito explorar o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática na sua ação educativa?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

5.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

5.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

—

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho\_\_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_

**5.5.** Se tem por hábito explorar o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão e Educação Dramática de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma associá-lo(a). Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_\_

Matemática \_\_\_\_

Artes Visuais \_\_\_\_

Jogo dramático \_\_\_\_

Música \_\_\_\_

Educação Física \_\_\_\_

Dança \_\_\_\_

Comunicação Oral \_\_\_\_

Consciência Linguística \_\_\_\_

Abordagem à escrita \_\_\_\_

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_\_

Matemática \_\_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_\_

Educação e Educação Físico-Motora \_\_\_\_

Expressão e Educação Musical \_\_\_\_

Expressão e Educação Plástica \_\_\_\_

Cidadania \_\_\_\_

**5.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática? (**atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso**):

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo \_\_\_

**5.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora o Jogo Dramático e Teatro / a Expressão Dramática? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza.

Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):

As atividades são desenvolvidas n@ grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**5.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

**/domínio**, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Jogo simbólico \_\_\_

Representação intencional de experiências da vida quotidiana \_\_\_

Representação intencional de situações imaginárias \_\_\_

Jogos de exploração \_\_\_

Jogos dramáticos \_\_\_

Linguagem verbal \_\_\_

Linguagem não verbal \_\_\_

Corpo e voz \_\_\_

Espaço \_\_\_

Cenários e adereços \_\_\_

Fantoches \_\_\_

Sombras Chinesas \_\_\_

Máscaras \_\_\_

Dramatizações em pequenos grupos \_\_\_

Dramatizações em grande grupo \_\_\_

Projetos de teatro \_\_\_

**5.9.** Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração do Jogo Dramático/Teatro/Expressão e da Expressão Dramática nas suas práticas diárias indique:

**5.9.1.** Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?

---

**5.9.2.** Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

**5.9.3.** Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

**5.9.4.** Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**5.9.4.1.** Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

**5.9.4.1.1.** O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

**5.10.** Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

**5.11.** Se pudesse aconselhar um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar o Jogo Dramático/Teatro/ a Expressão Dramática nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## 6. A Música e Expressão e Educação Musical na minha prática pedagógica diária

Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar da Música e Expressão e Educação Musical nas suas práticas pedagógicas diárias

6.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que está contemplada a Música/ Expressão e Educação Musical nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

6.2. A Música/ Expressão e Educação Musical são explorados/leccionados pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

6.3. Tem por hábito explorar a Música/ Expressão e Educação Musical na sua ação educativa?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

6.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

6.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas \_\_\_

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**6.5.** Se tem por hábito explorar a Música/ Expressão e Educação Musical de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma associá-lo(a).

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_

Matemática

Artes Visuais

Jogo dramático

Música

Educação Física

Dança

Comunicação Oral

Consciência Linguística

Abordagem à escrita

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_

Matemática \_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_

Expressão e Educação Físico-Motora \_\_\_

Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Expressão e Educação Plástica \_\_\_

Cidadania \_\_\_

**6.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora a Música/ Expressão e Educação Musical? **(atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza.**

**Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo \_\_\_

**6.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora a Música/ Expressão Musical? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):

As atividades são desenvolvidas no grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**6.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

**/domínio**, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Interligação de audição, interpretação e criação \_\_\_

Audição de música de diferentes géneros musicais \_\_\_

Exploração das características dos sons \_\_\_

Exploração de fontes sonoras \_\_\_

Jogos de exploração musical \_\_\_

Utilização do Corpo e da voz \_\_\_

Criação e utilização de instrumentos musicais \_\_\_

Exploração de diversos tipos de instrumentos \_\_\_

Utilização de Música gravada/ CD's \_\_\_

Exploração de canções \_\_\_

Exploração de lengalengas \_\_\_

Exploração de rodas cantadas \_\_\_

Experimentação, desenvolvimento e criação musical \_\_\_

**6.9.** Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração da Música/ Expressão Musical nas suas práticas diárias indique:

**6.9.1.** Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?

---

6.9.2. Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

6.9.3. Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

6.9.4. Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

6.9.4.1. Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

6.9.4.1.1. O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

6.10. Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

6.11. Se pudesse aconselhar um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar a Música/ Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## 7. As Artes Visuais e a Expressão e Educação Plástica na minha prática pedagógica diária

**Esta secção reunirá alguns apontamentos sobre o papel e o lugar das Artes Visuais/ Expressão e Educação Plástica nas suas práticas pedagógicas diárias**

7.1. Indique o **tempo semanal** (dia e hora) em que estão contempladas as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica nas **rotinas/no horário** do seu grupo/turma.

---

7.2. Como são exploradas/ lecionadas as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica, pelo professor titular ou por um docente especializado na área?

Professor titular \_\_\_

Docente especializado na área \_\_\_

7.3. Tem por hábito explorar as Artes Visuais/ a Expressão Plástica?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

7.3.1. Se respondeu sim, indique a frequência com que costuma fazê-lo?

Mais do que uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por semana \_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_

Uma vez por período letivo \_\_\_

Uma vez por ano letivo \_\_\_

7.4. Em que contexto(s) pedagógico(s) desenvolve as atividades em causa?

Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

No cumprimento da minha planificação semanal desta área \_\_\_

Associadas à exploração de outras áreas do currículo \_\_\_

Em datas comemorativas e quadras festivas \_\_\_

Como recompensa pelo desempenho d@s crianças/alunos \_\_\_

Como recompensa pelo comportamento d@s crianças/alunos \_\_\_

Como forma de ocupar os “tempos mortos” nas rotinas diárias \_\_\_

Como forma de ocupar @s crianças/alunos mais rápidos a terminar as suas tarefas

Como forma de relaxar o(a) grupo/turma depois de um dia intenso de trabalho \_\_\_

Outro. Qual? \_\_\_

7.5. Se tem por hábito explorar as Artes Visuais/a Expressão e Educação Plástica de forma integrada, indique a que áreas/domínios/subdomínios costuma associá-lo(a). Assinale apenas as **3 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

**Na Educação Pré-Escolar:**

Formação Pessoal e Social \_\_\_

Conhecimento do Mundo \_\_\_

Matemática

Artes Visuais

Jogo dramático

Música

Educação Física

Dança

Comunicação Oral

Consciência Linguística

Abordagem à escrita

**No 1.º Ciclo do Ensino Básico:**

Português \_\_\_

Matemática \_\_\_

Estudo do Meio \_\_\_

Expressão e Educação Físico-Motora \_\_\_

Expressão e Educação Musical \_\_\_

Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Cidadania \_\_\_

**7.6.** No que respeita à organização do grupo/turma, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora as Artes Visuais/ a Expressão Plástica? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 3 à que menos utiliza.

**Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):**

As atividades são desenvolvidas individualmente \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em pequenos grupos \_\_\_

As atividades são desenvolvidas em grande grupo \_\_\_

**7.7.** No que respeita à abrangência e amplitude, qual a metodologia mais utilizada nas suas práticas quando explora as Artes Visuais/a Expressão Plástica? (atribua 1 à modalidade que mais utiliza e 4 à que menos utiliza. Deixe em branco as opções que não se adequem ao seu caso):

As atividades são desenvolvidas no grupo/turma \_\_\_

As atividades envolvem outr@s grupos/turmas da escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a escola \_\_\_

As atividades envolvem toda a comunidade educativa \_\_\_

**7.8. No que respeita aos conteúdos e aos recursos específicos desta área**

/domínio, qual(ais) são aqueles que costuma convocar com mais frequência?

Assinale apenas as **5 opções** que melhor correspondem às suas práticas:

Exploração sensorial com materiais diversos \_\_\_

Desenho de expressão livre \_\_\_

Desenho sugerido \_\_\_

Pintura de expressão livre \_\_\_

Pintura sugerida \_\_\_

Digitinta \_\_\_

Estampagem \_\_\_

Recorte e colagem \_\_\_

Dobragem \_\_\_

Modelagem \_\_\_

Construções \_\_\_

Tecelagem e costura \_\_\_

Fotografia, transparências e meios audiovisuais \_\_\_

Cartazes \_\_\_

**7.9. Considerando as potencialidades e desafios que encontra na exploração das Artes Visuais / Educação Plástica nas suas práticas diárias indique:**

**7.9.1.** Como reagem as crianças às atividades propostas no contexto desta área?

---

**7.9.2.** Quais as competências/capacidades desenvolvidas nas crianças na sequência da exploração desta área?

---

7.9.3. Qual o maior desafio que encontra na implementação das atividades relacionadas com esta área?

---

7.9.4. Ao longo do desenvolvimento da sua prática educativa tem encontrado dificuldades na exploração desta área?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

7.9.4.1. Se respondeu sim, indique que dificuldades tem encontrado.

---

7.9.4.1.1. O que tem feito para ultrapassar estas dificuldades?

---

7.10. Se pudesse traduzir, em poucas palavras, a importância da abordagem desta área para a criança, que palavra(s)/expressão utilizaria?

---

7.11. Se pudesse aconselhar um@ futur@ Educador@ de Infância ou Professor@ do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a melhor forma de explorar as Artes Visuais/ a Expressão e Educação Plástica nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

---

## **8. As Expressões Artísticas no ensino à distância**

**Esta secção reunirá algumas conceções e opiniões acerca da abordagem às Expressões Artísticas no ensino à distância, na sequência do contexto pandémico que vivemos.**

8.1. No contexto do contexto pandémico que vivemos, e aquando do ensino à distância, explorou/orientou propostas de trabalho na área das Expressões Artísticas?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**8.2.** Se respondeu sim, indique em que áreas...

Jogo Dramático/Teatro/Expressão e Educação Dramática \_\_\_

Música/ Expressão e Educação Musical \_\_\_

Artes Visuais/Expressão e Educação Plástica \_\_\_

**8.3.** Apresente alguns exemplos de atividades que tenha aplicado com o seu grupo/turma neste contexto.

---

---

---

**8.4.** Sentiu dificuldades na Exploração das Expressões Artísticas neste contexto?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**8.4.1.** Se respondeu SIM, indique as principais dificuldades com que se deparou.

---

**8.5.** Como foi trabalhar as Expressões Artísticas à distância? Faça um breve balanço desta experiência... No caso de ter optado por não explorar as Expressões Artísticas durante o(s) período(s) de ensino à distância, indique a(s) razão(ões) que esteve/estiveram na base da sua decisão.

---

---

Obrigada pela sua colaboração!

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**  
**Faculdade de Ciências Sociais e**  
**Humanas**

Rua da Mãe de Deus 9500-321  
Ponta Delgada Açores,  
Portugal